

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**CARACTERIZAÇÃO DA POLIFUNCIONALIDADE MORFOSSINTÁTICA,
SEMÂNTICA E DISCURSIVA DO VERBO IR**

Vinicius Maciel de Oliveira

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CARACTERIZAÇÃO DA POLIFUNCIONALIDADE MORFOSSINTÁTICA,
SEMÂNTICA E DISCURSIVA DO VERBO IR**

por

VINICIUS MACIEL DE OLIVEIRA

**Aluno do Curso de Mestrado do Programa de Letras Vernáculas
(Língua Portuguesa)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras
Vernáculas da Universidade Federal do Rio
de Janeiro como quesito para a obtenção do
Título de Mestre em Letras Vernáculas
(Língua Portuguesa).**

**Orientadora: Professora Doutora Marcia dos
Santos Machado Vieira.**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Letras

1º semestre de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Vinicius Maciel de.

Caracterização da polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva do verbo ir / Vinicius Maciel de Oliveira.

– Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2009.

xvi, 166f.: Il.; 31cm.

Orientadora: Marcia dos Santos Machado Vieira.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2009.

Referências bibliográficas: f. 160 – 166.

1. Polifuncionalidade verbal. 2. Gramaticalização de verbos.
3. Verbo ir. I. Machado Vieira, Marcia dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. III. Caracterização da polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva do verbo ir.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Caracterização da polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva do
verbo *ir*

Vinicius Maciel de Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira
Departamento de Letras Vernáculas (UFRJ) – Orientadora

Professora Doutora Maria Luiza Braga
Departamento de Linguística e Filologia (UFRJ)

Professora Doutora Eliete Figueira Batista da Silveira
Departamento de Letras Vernáculas (UFRJ)

Professora Doutora Sílvia Rodrigues Vieira
Departamento de Letras Vernáculas (UFRJ) – Suplente

Professora Doutora Maria Maura Cezario
Departamento de Linguística e Filologia (UFRJ) – Suplente

*A três pessoas que participam de meu crescimento e não medem esforços para me ajudar, dedico esta dissertação: **Maria Jovelice Montanha Maciel** (avó-mãe incentivadora), **Suely Montanha Maciel de Oliveira** (mãe-mãe que me ensinou a vida) e **Sonia Maria Maciel Oliveira** (tia-mãe para cujas palavras encorajadoras não há retribuição em tão poucas linhas).*

AGRADECIMENTOS

(...) e descobri que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas...

(Gonzaguinha – Caminhos do coração)

Esta pesquisa contou com valiosas ajudas e, diante disso, eu não poderia deixar de oferecer os meus sinceros agradecimentos a todos que, sob alguma medida, contribuíram para a realização desta dissertação.

Primeiramente, e especialmente, à Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira, pela orientação incansável e criteriosa e pela amizade que se construiu nesses quase três anos de convivência iniciada no período de processo de seleção para o Mestrado. Agradeço também pelos incentivos e pela confiança em mim depositada. A ela, deve-se todo esforço empenhado nesta pesquisa.

À Professora Doutora Maria Luiza Braga, pelas palavras de incentivo e carinho, pelos cursos oferecidos, especialmente o que contou com as presenças de Kees Hengeveld e Lachlan Mackenzie. Obrigado também por ter sido tão solícita ao aceitar em participar da banca.

À Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes, por ter despertado em mim o prazer em investigar aspectos da Língua Portuguesa e por ter sido tão solícita em me ajudar a escrever um pré-projeto para o concurso de acesso ao Mestrado.

À Professora Doutora Sílvia Rodrigues Vieira, pela contribuição no que tange aos pressupostos sociolingüísticos e por sua amizade tão sincera.

À Professora Doutora Eliete Silveira, por ter aceitado gentilmente em participar da banca examinadora.

Aos Professores Doutores Mario Eduardo Martelotta e Maria Maura Cezario, pelos conhecimentos acerca da gramaticalização e pela disponibilidade de ambos em me oferecer valiosos textos.

À Professora Doutora Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt, pelas orientações relativas ao fenômeno da polissemia observado sob uma perspectiva da Lingüística Cognitiva.

Às Professoras Doutoras Maria Eugênia Duarte e Sílvia de Oliveira Cavalcante, pelo valioso curso ministrado e pela amizade tão preocupada de ambas.

À amiga, agora mestre, Giselle Toledo Esteves, pelos papos, conselhos e *abstract*. Uma pessoa com quem posso contar sempre.

A todos da “salinha” F-310, assim como aos “agregados”, pelo companheirismo e pelos momentos divertidos vividos dentro e fora dela.

À minha família tão confiante que aplicou em mim toda sua vontade de me ver no sucesso profissional. À minha mãe Suely, avó Maria e tia Sonia pela criação e pelos constantes incentivos aos estudos. Aos meus irmãos, Leo e Lucas. Ao meu pai que, “lá de cima”, me guarda e torce por mim. À minha querida avó Ceci Patriarca de Oliveira, por seu amor incondicional.

Ao grande amigo/irmão Frederico Sidney Guimarães, o “Fred”, que acompanhou e se mostrou um grande co-agente dessa minha caminhada científica. Aos amigos, de iguais valores, Leonardo, Wellington, Maia e Raphael.

E, por fim, a **DEUS**, Que me gratificou com o mais sublime dos presentes; uma dádiva que se superpõe, com infinita folga, a qualquer título de Mestre ou de Doutor: obrigado, meu Deus, pela vida que me deste, pois, com esse valioso presente, pude, posso e poderei desfrutar de todos os outros.

Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – CAPES – (2008/03 – 2009/02).

*Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!*

(Fernando Pessoa. Ode Marítima – Álvaro de Campos).

RESUMO

OLIVEIRA, Vinicius Maciel de. **Caracterização da polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva do verbo *ir***. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

Nesta dissertação, objetiva-se descrever e analisar as propriedades sintático-semânticas de predicções com verbo *ir* em variados textos orais e escritos, de sincronia atual, do português brasileiro e, com isso, intenta-se, também, atestar a polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva desse verbo no sistema lingüístico. Acredita-se que *ir* é produtivamente usado com configurações distintas da lexical básica, ou seja, a de predicador – com que exprime movimento espacial e, então, projeta até dois argumentos internos locativos (ponto de origem/partida e ponto de destino) e argumento externo agente (entidade controladora do mundo biopsicofisicossocial que se desloca no espaço). Com base nos pressupostos, sobretudo do funcionalismo lingüístico, especificamente nos que se referem (i) à formação de predicadores e à configuração de expressões lingüísticas da Teoria da Gramática Funcional do Discurso – corrente funcionalista holandesa – e (ii) ao processo de mudança chamado de gramaticalização, define-se e explica-se o emprego lexical básico de *ir*, como verbo predicador, a natureza de suas extensões semânticas de verbo predicador, a trajetória de (semi-)gramaticalização de alguns de seus usos, de verbo predicador a verbo instrumental.

Palavras-chave: *Funcionalismo, Gramaticalização, Polifuncionalidade, Verbo ir.*

Rio de Janeiro
Março de 2009

ABSTRACT

OLIVEIRA, Vinicius Maciel de. **Caracterização da polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva do verbo ir**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

This dissertation aims at both describing and analyzing the syntactic and semantic features of predications headed by the verb “to go” (*ir*). The data used were taken from oral and written texts of Brazilian Portuguese of real concurrence so that it was possible to present the morphosyntactic semantic discursive multifunction of this verb into the linguistic system. It is believed that “*ir*” is frequently produced with distinctive configurations of the basic lexical structure (the predicator verb), which expresses spatial movement, selecting not only two internal locative arguments (the starting point and the target) but also the external Agent argument. Based on the functionalist framework, mainly related to (i) the formation of predicators according to the Theory of Functional Grammar and (ii) the changing process called “Grammaticalization”, the application of the basic lexical structure of the verb “to go” is defined as the verb predicator, the nature of the semantic extensions of the predicator verb, the trajectory of the semi-Grammaticalization of some their uses, from a predicator verb to an instrumental one.

Key words: *Functionalism, Grammaticalization, Polifunctionality, Verb to go (ir)*.

Rio de Janeiro
Março de 2009

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA.....	21
1.1. O enfoque gramatical normativo.....	21
1.2. O enfoque gramatical descritivo.....	25
1.3. O tratamento lexicográfico.....	32
1.4. Outras abordagens.....	36
1.5. Breve apreciação de contribuições, problemáticas e lacunas identificadas no panorama traçado de descrições sobre <i>ír</i>	40
CAPÍTULO 2: QUADRO TEÓRICO.....	42
2.1. A adequação funcionalista.....	43
2.1.1. As concepções de linguagem, língua.....	45
2.1.2. Os níveis de análise lingüística.....	47
2.2. A Teoria da Gramática Funcional de Simon Dik.....	50
2.2.1. A estrutura de cláusula.....	53
2.2.2. Estados de Coisas e funções semânticas.....	60
2.2.3. Funções pragmáticas.....	64
2.2.4. Predicações com <i>cópula-suporte</i>	68
2.3. O Processo de Gramaticalização.....	69
2.3.1. Motivações de ordem cognitiva e pragmática.....	70
2.3.2. Gramaticalização de verbos auxiliares.....	72
2.3.2.1. Estágios de gramaticalização de verbos.....	75
2.3.3. Gramaticalização e discursivização.....	80
2.3.4. Frequência de uso e gramaticalização.....	84
2.4. Categorização lingüística.....	86
2.4.1. Polissemia: expansões semânticas por meio da metonímia e metáfora.....	88
CAPÍTULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	91

3.1. Descrição do <i>corpus</i>	91
3.2. Procedimentos de investigação.....	93
CAPÍTULO 4: O COMPORTAMENTO POLIFUNCIONAL DE <u>IR</u>	96
4.1. Verbo predicador.....	98
4.1.1. O comportamento básico.....	98
4.1.2. Extensões semânticas de predicções com verbo predicador <u>ir</u>	105
4.2. O emprego como verbo copulativo.....	112
4.2.1. O fenômeno da cópula verbal.....	112
4.2.2. Caracterização sintático-semântica do verbo copulativo <u>ir</u>	114
4.2.3. Propriedades que afastam o verbo copulativo <u>ir</u> de uma categoria mais lexical.....	118
4.3. Verbo (semi-)auxiliar.....	119
4.3.1. Caracterização sintático-semântica de <u>ir</u> e dos constituintes envolvidos.....	120
4.3.2. A (semi-)gramaticalização de <u>ir</u> em predicções complexas.....	130
4.4. O papel discursivo.....	141
4.4.1. Características morfossintáticas da construção	141
4.4.2. Propriedades discursivo-textuais.....	144
4.4.3. O processo de gramaticalização e seus efeitos na construção <i>ir</i> _{FLEXIONADO} + <i>V2</i> _{FLEXIONADO}	148
4.5. Categorização radial de extensões de uso e sentido de <u>ir</u>	152
CONCLUSÕES	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
1. Textos teórico-metodológicos.....	160
2. Dicionários.....	165

ÍNDICE DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

QUADROS

1: A descrição semântico-sintática de <i>ir</i> em Ferreira (2004).....	33
2: Algumas construções aparentemente lexicalizadas listadas em Houaiss & Villar (2001).....	35
3: Distribuição dos conceitos de <i>competência lingüística, discurso e texto</i> , numa perspectiva do ato ilocutório.....	49
4: Relação das classes de palavras lexicais e gramaticais, de acordo com Lehmann (2002, p. 8).....	82
5: Distribuição geral dos textos pesquisados e dos dados coletados no <i>subcorpus</i> oral.....	92
6: Distribuição geral dos textos pesquisados e dos dados coletados no <i>subcorpus</i> escrito.....	93
7: Caracterização do estado de coisas das predicções básicas com <i>ir</i>	102
8: Comparação, em vista das propriedades semânticas, entre os usos de <i>ir</i> como verbo predicador pleno e verbo copulativo.....	119
9: Comportamento de <i>ir</i> em função dos critérios de auxiliaridade propostos por Mateus <i>et alii</i> (2003).....	129

TABELAS

1: Tipos de entidades referidas pelos termos (Dik, 1997, v.2, p. 93).....	57
2: Tipologia dos estados de coisas.....	62
3: Estratégias de apresentação de tópico novo.....	65
4: Relação das motivações pragmáticas da focalidade.....	67
5: Relação entre tipos de conceitos e graus de abstratização.....	71
6: Os principais esquemas de eventos que funcionam como fontes para as categorias gramaticais de tempo e aspecto, conforme Heine (1993, p. 31)....	73
7: Produtividade de <i>ir</i> em vista das categorias funcionais analisadas.....	97
8: Produtividade das extensões semânticas do verbo predicador <i>ir</i>	111
9: Produtividade dos valores semânticos adquiridos por <i>ir</i> na qualidade de verbo predicador não pleno.....	111
10: Freqüência dos tipos semânticos de infinitivos aos quais <i>ir</i> se vincula.....	140

11: Frequência dos tipos semânticos de V ₂ aos quais <u>ir</u> se vincula.....	142
-------------------------------------------------------------------------------------------	-----

FIGURAS

1: Matriz valencial de <u>ir</u> a partir de dois comportamentos semânticos plenos.	28
2: Relação dos verbos de movimento de acordo com os traços [deslocação] e [ativo].....	30
3: Modelo de interação verbal proposto por Dik (1997, v.1. p. 8).....	51
4: Representação do mútuo conhecimento entre Falante e Destinatário (Dik, 1997, v.1, p. 11).....	53
5: Modelo da estrutura subjacente de cláusula (Dik, 1997, v.1, p. 50).....	56
6: Modelo completo da <i>Gramática Funcional</i> proposto por Dik (1997, v.1, p. 60).....	58
7: Formação de <i>going to</i> designador de tempo futuro, através de um <i>continuum</i> configurado pelos pólos <i>source</i> (origem) e <i>target</i> (alvo); (Heine, 1993, p. 49).....	74
8: Implicações morfossintáticas e fonológicas do processo de mudança <i>verbo > auxiliar</i>	75
9: Cadeias de gramaticalização de verbos, segundo Travaglia (2002).....	79
10. Comparação entre os verbos copulativos <u>ir</u> e <u>estar</u> no que tange ao comportamento aspectual.....	117
11. <i>Continua</i> de gramaticalização, tendo em vista todos os empregos de <u>ir</u> investigados.....	154

INTRODUÇÃO

Muitos elementos da língua estão sujeitos a flexibilidade morfossintática e semântica, devido, especialmente, a adaptações e modificações feitas em pleno ato comunicativo. Tais adequações, que consistem em novas funções e/ou novos sentidos, decorrem do fato de que o enunciador necessita ser compreendido totalmente e, para isso, ele lança mão de recursos, muitas vezes não estruturais, para efetivar a comunicação ou, outras vezes, para apenas dramatizar ou enfatizar algum elemento do discurso.

Ir, um verbo muito freqüente na língua, pode ser considerado um representante desses itens lingüísticos sensíveis e maleáveis, podendo adquirir propriedades sintático-semânticas diferentes da considerada básica – verbo predicador com significação de deslocamento no espaço. Esse item lingüístico vem despertando o interesse de muitos pesquisadores, geralmente, no que concerne à sua mudança categorial de verbo predicador a verbo auxiliar e à sua possibilidade de concorrer, quando participa de uma estrutura perifrástica, com uma forma simples correspondente. Estudos como os de Gibbon (2000), Santos (2000) e Oliveira (2006), por exemplo, contemplam, além do enfoque variacionista, o processo de gramaticalização que afeta a construção *ir* + infinitivo.

Nesta dissertação, *ir* é analisado numa perspectiva diferente das acima mencionadas, de modo que esse verbo será focado tendo em vista suas possibilidades de emprego em textos falados e escritos. Esta investigação, pois, objetiva analisar e descrever, com base em dados de sincronia atual, o comportamento sintático e semântico do verbo *ir* em diversos contextos das modalidades falada e escrita do Português Brasileiro e, com isso, atestar sua polifuncionalidade morfossintática, semântica e discursiva no sistema lingüístico. Com base na descrição do comportamento multifuncional de *ir*, pretende-se deslindar sua configuração lexical básica, a natureza de suas extensões semânticas e definir e explicar a trajetória de alteração categorial de alguns de seus empregos.

Para que o intento desta pesquisa seja cumprido, é necessário que as noções de morfossintaxe, semântica e discurso sejam delimitadas, pois, com efeito,

pretende-se vincular a presente investigação às bases relevantes de cada um dos níveis explicitados, demonstrando que, para um determinado item lingüístico, pode haver múltiplas funções nos níveis morfossintático, semântico e discursivo.

Um pressuposto teórico que fundamenta este estudo é a concepção de língua como um sistema de unidades e regularidades lingüísticas acionadas em decorrência de propósitos comunicativos, determinantes pragmáticos dos interlocutores e de elementos das situações reais de interação social. Conseqüentemente, este estudo norteia-se por orientações do paradigma funcionalista. Adere-se a essa perspectiva por entender que cada uso de *ir* depende de fatores comunicativos específicos, já que no processo interacional, a existência de uma cooperação entre emissor e destinatário acarreta possíveis adaptações lingüísticas.

As orientações teórico-metodológicas específicas constituem-se com base em conceitos e aspectos da *Gramática Funcional* de Dik (1981/1997), dos conceitos, motivações e etapas do processo de gramaticalização discutidos por Heine *et alii* (1991), Heine (1993) e Travaglia (2002) e, por fim, do conceito de categorização lingüística, procedimento de descrição baseado em aspectos cognitivos discutido por Taylor (1995).

Nesta investigação, parte-se de três grupos de hipóteses, a saber:

1) O estatuto de verbo predicador.

Pressupõe-se que *ir* é produtivamente usado com configurações distintas da configuração prototípica de predicador – com que exprime movimento espacial e, então, projeta até dois argumentos internos locativos (ponto de partida e ponto de destino no espaço) e argumento externo agente/força/tema (entidade do mundo biossocial que se desloca no espaço de um ponto a outro).

2) O comportamento semântico de *ir*.

ir é um verbo que designa uma ação muito vaga (deslocamento no espaço); acredita-se, por isso, que tal item verbal seja suscetível a uma mudança semântica, associando-se a contextos discursivos diversos.

3) A alteração categorial em certos usos.

Postula-se que *ir* é um item que se envolve em diversas perífrases e com graus distintos de gramaticalidade. Há estruturas perifrásticas formadas a partir de extensões de *ir* que têm, reconhecidamente, estatuto gramatical no sistema lingüístico e há outras, porém, com extensões de uso desse item que têm comportamento localizado entre o predicador e o de semi-auxiliar, o qual ainda está por ser completamente caracterizado. Construções como a existente em “Maria **foi brincar** ontem no parque” ainda podem inserir-se num contexto ambíguo. Nesse caso, é possível interpretar o sintagma *no parque* como um complemento de *ir*, impossibilitando a leitura do mesmo como um verbo (semi-)auxiliar. Por outro lado, é possível, também, a interpretação de *foi brincar* como uma perífrase de pretérito perfeito, relativamente equivalente a *brincou*. Perífrases como “Amanhã **vai chover**”, por exemplo, já são constituídas por um *ir* em estágio avançado de gramaticalização; já que não é possível analisá-lo como um verbo predicador.

Pressupõe-se também que *ir* possa funcionar como verbo de ligação em enunciados do tipo “Maria **vai** mal”, evidenciando, nesse emprego, outro caso de gramaticalização.

Em outros usos, acredita-se que *ir* possua a função de servir de instrumento para o nível discursivo-pragmático, tendo assumido, portanto, papel discursivo-pragmático.

Em linhas gerais, esta dissertação tem o propósito de oferecer subsídios às descrições morfossintáticas e semânticas de verbos auxiliares e copulativos, assim como às descrições de predicções com verbos polissêmicos. Busca suprir a falta de material acerca de especificidades sintático-semânticas de *ir*, uma vez que, até onde se sabe, a literatura gramatical e lingüística têm centrado, basicamente, na descrição de aspectos referentes à variação entre a forma simples e a perifrástica.

No que se refere ao ensino de língua portuguesa, tenciona-se que esta investigação ofereça suporte ao desenvolvimento de materiais pedagógicos que contemplem o caráter multifuncional de verbos.

Como metas específicas desta pesquisa, definem-se as seguintes:

- 1) Investigar a natureza categorial de *ir*, observando sua atuação como predicador, como (semi-)auxiliar, como copulativo e como elemento

discursivo e definir *continua* de alteração categorial que contemplem as trajetórias de cada emprego de *ir*;

- 2) Mostrar como implicaturas conversacionais, motivações funcionais e cognitivas contribuem para a alteração categorial em alguns usos;
- 3) Submeter as ocorrências de *ir*, encontradas em amostras orais e escritas do português brasileiro, a uma análise, sobretudo, qualitativa, embora se admita que a observação quantitativa seja necessária para verificar o caráter de gramaticalidade de alguns de seus empregos e avaliar quão expressiva é sua multifuncionalidade no uso em um recorte sincrônico;
- 4) Confrontar o comportamento polifuncional identificado no *corpus* com o descrito em gramáticas, dicionários e obras da literatura lingüística;
- 5) Analisar e explicitar os aspectos formais e semântico-discursivos das construções em que *ir* tem sentido pleno e não-pleno;
- 6) Apurar os tipos e os graus de (semi-)gramaticalização desse item verbal;
- 7) Definir os fatores formais, semânticos e/ou discursivo-pragmáticos que possibilitam o reconhecimento dos variados graus de integração de *ir* a outro elemento verbal e, conseqüentemente, averiguar seu grau de gramaticalização.

A dissertação está dividida em uma introdução mais quatro capítulos, as conclusões e, por fim, as referências bibliográficas. Assim sendo, no capítulo 1, resenham-se, criticamente, abordagens e estudos sobre o tema já elaborados no âmbito gramatical normativo e descritivo, lexicográfico e em outros tipos de estudos que fogem a essas classificações. Com isso, pretende-se constituir uma base consistente de descrições existentes sobre *ir*, observando-se limites, avanços e lacunas.

No capítulo 2, descrevem-se as bases teóricas em que se pautam esta pesquisa. Primeiramente, tecem-se considerações acerca do Funcionalismo e sua relevância teórica para o presente tema. A seguir, elabora-se uma descrição de aspectos da *Gramática Funcional do Discurso*, que foi proposta por Simon Dik e é difundida atualmente, com um nova versão por Kees Hengeveld e Lachlan

Mackenzie, entre outros. Por fim, trata-se de pressupostos de diversos autores sobre o processo de gramaticalização e sobre categorização lingüística.

Apresentam-se, no capítulo 3, a contribuição metodológica dos arcabouços teóricos discutidos no capítulo 2, a descrição dos *corpora* utilizados nesta pesquisa e os procedimentos tomados com base na apreciação dos dados. Conta-se, neste estudo, com tratamento qualitativo e quantitativo de dados, pois se acredita que essa opção pode oferecer uma delimitação mais completa do tema.

O capítulo 4, correspondente à análise dos dados, divide-se em cinco subseções. As quatro primeiras são dedicadas a quatro diferentes empregos de *ir* (verbo predicador, verbo copulativo, verbo (semi-)auxiliar e elemento com valor discursivo-pragmático). A quinta parte é dedicada à comparação entre os usos contemplados nesta pesquisa, no que se refere ao processo de alteração categorial. Nessa seção, tenciona-se apresentar as relações entre os *continua* de gramaticalização de *ir*.

As duas partes finais do trabalho são (a) o capítulo com as conclusões, em que se resumem os resultados obtidos e se faz um balanço da análise feita, apontando possíveis lacunas no enfoque dado ao tema, as quais poderão ser preenchidas em desdobramentos desta dissertação, e (b) a bibliografia em que se incluem as referências feitas no corpo desta dissertação e outras relativas a textos teórico-metodológicos, dicionários e fontes de *corpus*.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de formar uma base consistente de análises e descrições sobre *ir* e alguns assuntos relevantes para o tratamento do tema desta pesquisa, busca-se, neste capítulo, desenvolver uma resenha crítica de alguns itens da literatura lingüística. Essa proposta é pertinente na medida em que, na pesquisa científica, se prevê a redescoberta de um objeto de estudo ou um novo olhar sobre este.¹

1.1. O enfoque gramatical normativo

Trabalha-se com a hipótese de que os manuais didáticos de língua portuguesa são, em geral, elaborados com base em cinco obras de cunho normativo que têm grande representatividade em âmbito acadêmico e, por conseqüência, no meio escolar: Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2006), Bechara (2004), Bechara (2006) e Luft (2002). Em função disso, resumem-se e discutem-se os pontos relevantes em cada obra no que tange à abordagem de *ir* e a outros aspectos de interesse nesta pesquisa.

Cunha & Cintra (2001, p. 130), ao descreverem as orações em que não há sujeito, consideram *ir* como um verbo que designa tempo decorrido (*Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo*). Os autores mostram que esse tipo de construção pode ser formado ainda por *haver* e *fazer*. Vale ressaltar que nem sempre a alternância entre essas três formas será possível (*Há tempos, tive um sonho / Faz tempo, tive um sonho / * Vai (para) tempos, tive um sonho*). Assim, acredita-se que há especificidades – sobretudo semânticas – que caracterizam os três itens verbais nesse contexto.

Quanto ao papel predicante de *ir*, Cunha & Cintra (2001, p. 154) analisam-no como um verbo intransitivo, visto que o locativo (destino ou origem), muitas vezes

¹ Não se apresentam critérios estritos para a delimitação entre gramática normativa e descritiva. Tentou-se, somente, expor, de um lado, as obras de cunho prescritivo e, de outro, obras que descrevem o português, seja numa perspectiva estruturalista, funcionalista, gerativista ou cognitivista.

contíguo a ele, é classificado como um adjunto adverbial (*Veja aonde vai*). Cunha & Cintra (2001, p. 135) definem os verbos intransitivos como elementos cuja “ação está integralmente contida” no próprio verbo; isto é, segundo os autores, não há necessidade de complementos para tornar a predicação inteligível.

Na descrição dos verbos auxiliares, Cunha & Cintra (2001, p. 394-398) não consideram ir um auxiliar autêntico, e, sim, integrante de um grupo de verbos que podem, excepcionalmente, ser empregados como tal. Os autores comentam que ir, acompanhado de uma forma no gerúndio, indica uma ação que se realiza “progressivamente ou por etapas” (*O navio ia encostando no cais / Os convidados iam chegando de automóvel*). Segundo os autores, a construção ir + infinitivo exprime “o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que será realizada em futuro próximo” (*Vou procurar um médico / O navio vai partir*). Embora Cunha & Cintra admitam o emprego de ir como auxiliar, nos paradigmas de conjugação, o futuro do presente do indicativo é representado apenas por formas simples (*cantarei, venderei, partirei*). Segundo os autores, a perífrase formada por ir, flexionado no presente do indicativo + um infinitivo é uma substituta para a forma simples, entretanto é uma marca da língua falada (cf. p. 460-465).

Cunha & Cintra não se referem à construção ir + infinitivo somente quando analisam o futuro do presente, como também, o modo imperativo (cf. p. 480). De acordo com os autores, em exemplos do tipo *Não vá se afogar, moço* e *Não vá me dizer que foi o Diabo*, ir funciona como um reforço para que a noção de imperativo seja estabelecida.

Rocha Lima (2006, p. 134), ao apresentar os auxiliares, inclui ir (*a tarde ia morrendo*). Entretanto, assim como Cunha & Cintra (2001), o autor não reconhece a estrutura ir + infinitivo como uma conjugação dentro do paradigma das formas compostas, ou seja, não concebe um futuro do presente composto. O autor afirma que ter, haver e ser são os auxiliares fundamentais e formam os tempos compostos descritos nos paradigmas.

No que concerne à estrutura argumental, Rocha Lima (2006, p. 252), em predicções do tipo *Irei a Roma*, descreve a existência de um complemento circunstancial e não a de um adjunto. Dessa forma, o autor assume a posição de que ir não encerra em si a predicação; assim sendo, afirma que o complemento

circunstancial é de “natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais”. Segundo Rocha Lima, ir é um verbo transitivo circunstancial e se diferencia dos intransitivos típicos (morrer, nascer etc.), por requerer um complemento.

Bechara (2004, p. 209) distingue os verbos nocionais dos relacionais. Nesse sentido, o autor admite a existência de verbos que se prestam ao léxico da língua e de outros que estabelecem relações gramaticais, isto é, verbos copulativos, verbos auxiliares e verbos suporte. O autor ainda admite o uso de perífrases como *vou fazer*, *ia fazer*, *fui fazer*, *fora fazer*, *irei fazer*, *iria fazer* (cf. p. 215).

Bechara (2004, p. 421) mostra que os argumentos projetados por ir são rotulados de complemento relativo, diferentemente da denominação encontrada em Rocha Lima (2006, p. 342), mas que tem base num entendimento semelhante ao deste no que tange ao tipo de relação gramatical, a de complementação.

Numa obra voltada especificamente para a análise sintática, Bechara (2006, p. 49), ao definir complemento, afirma que há verbos que “não precisam de nenhuma expressão seguinte para completar o seu sentido, enquanto outros necessitam do auxílio de uma expressão subsidiária”. E, em uma nota de rodapé, o autor deixa clara a sua posição em relação ao estatuto argumental de ir numa frase como *Vou à cidade*.

(...) tínhamos a rigor de falar em verbos **transitivos adverbiais**, isto é, os que pedem como complemento uma expressão adverbial. Contra o conceito de **complemento**, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* arrola tais casos entre os **adjuntos adverbiais**. A incongruência se torna mais patente quando classificamos em *Ida à cidade*, *Volta ao trabalho*, *à cidade* e *ao trabalho* como complementos nominais. (BECHARA, 2006, p. 52)².

Bechara (2006) mostra que a definição prescrita pela NGB é incoerente e a situação torna-se mais agravante no momento em que a nominalização dos verbos classificados por ela como intransitivos passam a exigir um complemento nominal.

No que se refere às estratégias de impessoalização, Bechara (2006, p. 36 - 37) apresenta, assim como Cunha & Cintra (2001) e Rocha Lima (2006), a construção vai + *para/em* + *expressão temporal* que denota tempo decorrido. O gramático

² Grifos do autor.

classifica haver, fazer e ser como **impessoais essenciais**, enquanto ir **impessoal acidental**.

O autor não faz menção ao fenômeno da auxiliaridade verbal nessa obra. A questão dos auxiliares é tratada, em Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2006) e Bechara (2004), na seção em que se abordam aspectos morfológicos do verbo, especificamente, no momento em que apresentam as classificações *verbo anômalo*, *abundante*, *defectivo*, que são definições estritamente morfológicas.

Para Luft (2002, p. 54), predicação verbal é “o resultado da conexão entre sujeito e verbo, verbo e complemento (sujeito \leftrightarrow verbo \leftrightarrow complemento)”. O autor mostra que, se um verbo não necessita de complemento, tem-se, assim, uma predicação completa e um verbo intransitivo. Por outro lado, se o verbo necessita de complemento, a predicação é incompleta e o verbo transitivo.

De acordo com o autor, ir integra um grupo de verbos que não possuem predicação completa e requerem um complemento do tipo adverbial. O autor menciona morar, chegar, entrar, sair, cair, entre outros, como elementos cujo comportamento se assemelha ao de ir. Luft alega que ir também pode requerer dois complementos, um primeiro regido por *de*, caracterizando-se como um locativo de origem, e outro regido por *a*, locativo de destino.

Nos casos de construções de impessoalidade, Luft (2002, p. 49) relaciona ir como um participante em estruturas de tempo decorrido (Vai para dez anos que ele partiu). O autor mostra ainda que, junto ao termo *mal*, ir constrói também uma expressão de impessoalidade (“*Cada um diz da feira como neta lhe vai*” [provérbio] / *Mal vai a quem fizer isso*) – (cf. Luft, 2002, p. 50).

Outra menção feita por Luft (2002) ao item verbal ir pode ser observada no momento em que o autor descreve os verbos auxiliares. Ir + infinitivo, segundo o autor, é uma locução verbal em que ir se comporta como um auxiliar de tempo e aspecto (cf. LUFT, 2002, p. 168).

Em suma, observa-se, entre as gramáticas normativas citadas, que algumas extensões de uso de ir já são aceitas e que certos empregos ainda se encontram mal delineados ou ainda carecem de descrição e aprofundamento.

1.2. O enfoque gramatical descritivo

Para a constituição das resenhas desta subseção, elencaram-se sete obras cuja meta principal é a de descrever fatos lingüísticos do Português: Perini (1995), Mateus *et alii* (2003), Borba (1996), Pontes (1973), Neves (2000), Peres & Moia (1995), Vilela (1992) e Vilela (1999).

Perini (1995) distingue verbos predicadores de auxiliares por meio de traços de transitividade. Para o autor, verbos auxiliares não são relevantes para a seleção de complementos numa sentença. A partir do exemplo *Sarita vai dormir*, o autor (p. 74) mostra que o elemento verbal flexionado (*vai*) não forma, por si só, um predicado por conta da incapacidade de selecionar argumentos (o sintagma *Sarita* é selecionado pela forma infinitiva *dormir*). A esse tipo de construção, isto é, verbo auxiliar + verbo auxiliado³, Perini atribui o nome de **predicado complexo**.

De acordo com a descrição de Perini (1995), as preposições *em*, *para* e *a* têm a função de converter um sintagma nominal em sintagma adjetival ou em sintagma adverbial. Assim sendo, construções com *ir* como $V_{\text{PREDICADOR}}$ apresentam um complemento regido por uma dessas preposições, chamado pelo autor de **adjunto circunstancial**⁴.

Mateus *et alii* (2003, p. 192) separam os verbos de valor estativo dos de valor não estativo, definindo os primeiros como itens verbais que exprimem situações não dinâmicas e os segundos como elementos que designam situações dinâmicas. Essa propriedade semântica de expressar dinamicidade, de acordo com as autoras, ainda pode ser passível de algumas subdivisões. Verbos dinâmicos podem distinguir-se entre si por “tenderem ou não para um fim (isto é, respectivamente, téticas ou atélicas), por terem ou não duração e por terem ou não estado resultante.” (Mateus *et alii*, 2003, p. 192).

Mateus *et alii* (2003), ao descreverem os tipos de papéis temáticos, mostram que *ir* exige um complemento que se caracterizará a depender da preposição regente. Se for *em*, o argumento interno será um **locativo** e se for *a* ou *para* será

³ Em vez de **verbo auxiliado**, o autor usa a denominação **núcleo do predicado** (cf. Perini, 1995, p. 74).

⁴ O autor estabelece distinção entre **adjunto adverbial**, **adjunto oracional** e **adjunto circunstancial** por meio de critérios diversos como anteposição, por exemplo. (Cf. Perini, 1995, p. 88-89).

alvo. Segundo as autoras, *ir* faz parte de um conjunto de “verbos que não asseguram sozinhos a marcação temática dos seus argumentos internos” (Mateus *et alii*, 2003, p. 202). A seleção temática é estabelecida por meio da combinação entre *ir* e a preposição.

No que tange à caracterização da organização sintática das sentenças básicas, Mateus *et alii* (2003) assinalam que a classe dos verbos pode ser subdividida em três subclasses: **verbos principais**, **verbos copulativos** e **verbos auxiliares**. Como principal, *ir* é descrito pelas autoras como um verbo de dois lugares com um argumento interno oblíquo (SU + V + OBL).

Para que seja possível categorizar os auxiliares, Mateus *et alii* (2003) apresentam seis critérios de auxiliaridade que se resumem a seguir.

- 1) O auxiliar não seleciona sintática nem semanticamente os argumentos, essa função fica por conta do verbo principal.
- 2) Se o aglomerado verbal for de fato uma perífrase, não será possível substituir o verbo principal por uma oração completiva introduzida por *que*.
- 3) Numa perífrase, só é possível utilizar um circunstanciador de tempo, pois só existe uma oração, “um domínio temporalizado” (Mateus *et alii*, 2003, p. 405).
- 4) Construções perifrásticas admitem apenas uma negação à esquerda do auxiliar. Já em sentenças com dois verbos lexicais, a negação pode estar, também, à esquerda do segundo verbo.
- 5) Se numa sentença há um auxiliar, é impossível retomar o segundo verbo mais seu argumento interno por um clítico *o* ou o demonstrativo *isso*. Já em construções com dois verbos lexicais, isso é possível.
- 6) Se o complexo se tratar de uma perífrase, a colocação pronominal ocorrerá em adjacência ao primeiro verbo (em ênclise ou em próclise, a depender dos itens atratores). Se houver dois predicadores, os pronomes colocam-se, em geral, como clítico em relação ao segundo verbo, embora, por vezes, possam oscilar entre uma posição adjacente ao primeiro ou ao segundo.

Borba (1996) expõe sua descrição lingüística pautando-se na teoria de valência verbal⁵ a partir de um critério morfológico para que se chegue ao sintático e ao semântico. Segundo o autor, é necessário identificar o verbo sob uma perspectiva morfológica de tempo, modo, número e pessoa para que se chegue às suas propriedades sintático-semânticas.

O lingüista apresenta quatro classificações sintático-semânticas para os verbos. São elas: (i) **verbos de ação** → expressam uma atividade realizada por um sujeito agente (ex. *voar*, *brincar*, *ir* etc.); (ii) **verbos de processo** → expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experienciador (ex. *O bebê acordou*, *A chuva parou*, *Ana sente frio* etc.); (iii) **verbos de ação-processo** → expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afetam o complemento (ex. *José quebrou o pires*, *A costureira estragou o pano* etc.); e (iv) **verbos de estado** → expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário (ex. *Mário permaneceu em silêncio*, *Tadeu ama Dirce* etc.).

De acordo com o autor, *ir*⁶ é um verbo de ação que expressa uma atividade por um sujeito agente e possui: (i), quanto à valência quantitativa, dois argumentos; (ii) quanto à valência sintática, um argumento obrigatório interno introduzido por preposição e um facultativo externo; (iii) quanto à valência semântica, possui um traço genérico de [+ movimento].

Segundo a perspectiva de Borba pautada na Teoria Valencial, é possível esquematizar duas matrizes valenciais de *ir* de acordo com duas significações plenas:

⁵ O autor apresenta, além da valência verbal, a nominal e a adjetival.

⁶ O autor apenas descreve o comportamento sintático-semântico dos verbos plenos, ou seja, dos verbos com extensão sintática e significação plenas. Ele admite que é necessário um estudo que dê conta de outras configurações verbais: "(...) um estudo mais abrangente dos verbos deverá ter em conta, ainda, os funcionais, os modais e os substitutos que, de certa forma escapam à consideração valencial..." (BORBA, 1996, p. 75).

<p><u>IR</u>₁ I – Ação (Agente + Locativo) (= movimentar-se para um lugar)</p> <p><u>IR</u>₂ I – Ação (Agente + Locativo_{origem} + Locativo_{destino}) (=movimentar-se de um lugar para outro)</p>

Figura 1: Matriz valencial de ir a partir de dois comportamentos semânticos plenos.

Em sua obra acerca do comportamento dos verbos auxiliares na estrutura, Pontes (1973, p. 112) apresenta os graus de integração de ir ao infinitivo, explicando que tal item verbal (*ir* - V_{AUXILIAR}) somente se combina com infinitivo impessoal e nunca com orações introduzidas pela forma *que*: (João vai estudar/ Os meninos vão estudar); (*João vai que estude/ *João vai Paulo estudar/ *Os meninos vão estudarem). De acordo com a autora, ir não apresenta restrição de seleção semântica, ou seja, pode combinar-se com sujeitos concretos ou abstratos e até com verbos de natureza impessoal, como é o caso de *chover* (*Vai chover*).

Em sua descrição, Pontes (1973) afirma que há dois tipos de ir, um que se constrói seguido de infinitivo e transmite a noção de futuridade e outro que, acompanhado de um adjunto adverbial, significa movimento (locomoção) no espaço. Dessa forma, a autora refere-se ao primeiro tipo como ir₁ e ao segundo como ir₂.

Pontes (1973) conclui sua descrição informando que ir₁ e ir₂ possuem restrições de seleção diferentes, significados diferentes e implicações contextuais diferentes. A autora sustenta a proposição de que o primeiro é marcado no léxico como um verbo intransitivo, por outro lado, o segundo é “marcado como verbo que não admite sujeito abstrato (nem oracional) e pode ter como complemento um adjunto adverbial de lugar”. Para autora, portanto, ir₁ e ir₂ são dois verbos homônimos, pelas significações distintas, e podem ser considerados como duas entradas lexicais diferentes (cf. p. 92).

De fato, para que ir mantenha sua semântica e sintaxe básicas, são necessários sujeitos com propriedades mais concretas. No entanto, Pontes (1973) não menciona construções em que ir se apresenta concernentemente a sua sintaxe básica, mas projeta um sujeito mais abstrato como ilustrado no exemplo “Minha saudade foi embora”.

O estudo feito por Neves (2000) apresenta, sob a perspectiva funcionalista, uma descrição dos verbos de acordo com as situações de uso. Com base na natureza predicativa do verbo, ou seja, na sua função de projetar argumentos, cada um com seu papel temático, a autora apresenta três subclassificações desses verbos que constituem predicados.⁷

A primeira subclassificação é referente ao aspecto semântico dos verbos e, com base nisso, há duas grandes classes de predicados verbais: dinâmicos e não-dinâmicos. Os primeiros podem suscitar a idéia de (i) ação ou atividade relacionada a um agente ou causativo, podendo haver ou não um constituinte afetado; e (ii) “relação entre um nome e um estado, e o nome é o paciente do verbo (afetado)” (Neves, 2000, p. 26). Os verbos não-dinâmicos correspondem àqueles em que a predicação da sentença encontra suporte numa categoria nominal.

A segunda subclassificação leva em consideração o estado de coisas, que é resultante da relação entre predicado e os componentes a ele vinculados, e não o predicado em si. A autora mostra que, numa tipologia baseada na codificação do estado de coisas, devem-se abarcar os parâmetros de dinamismo e controle.

É possível conferir a *ir* outras caracterizações de acordo com as subdivisões estabelecidas por Neves (2000)⁸, embora a autora apenas faça menção a *ir* em quatro momentos de sua descrição; (i) quando apresenta os verbos que suscitam processos sem controle e não-télicos (*la-lhe pelo corpo todo uma trêmula sensação de febre* [cf. *op. cit.*, p. 27]); (ii) quando mostra os verbos cujo objeto não sofre mudança física e, portanto não é um paciente afetado (cf. *op. cit.*, p. 30); (iii) num terceiro momento em que ilustra a definição de verbos aspectuais progressivos (cf. *op. cit.*, p. 63); e, por fim, (iv) quando relaciona os auxiliares de tempo (cf. *op. cit.*, p. 65). Por mais que a autora não apresente exemplos com *ir*, de acordo com as definições, tal verbo enquadra-se (i) na subclassificação semântica de verbo dinâmico de ação, entendendo-se que *ir* exprime uma ação motivada por um agente;

⁷ Um dos referenciais teóricos em que Neves (2000) se baseia para a composição de sua gramática está presente nos pressupostos funcionalistas de Simon Dik. Essas noções presentes no aporte dikiano serão debatidas com mais rigor no capítulo 2 desta Dissertação. Por agora, julga-se necessário expor somente as considerações tecidas pela autora que servem de respaldo para a identificação de *ir* nas classes definidas.

⁸ O uso de *ir* a que se faz referência é o de verbo predicador com significação plena de movimento no espaço físico.

e (ii) na subclassificação com integração de componentes (a que considera o estado de coisas) como um verbo dinâmico télico ou não-télico.

Vilela (1992), dentre os verbos de movimento, classifica *ir* como um elemento caracterizado pelos traços [+ deslocação] e [+ ativo], já que, em predicções com esse verbo, há um sujeito que se desloca efetivamente pelo espaço por impulso próprio. De acordo com o significado específico de cada verbo de movimento, Vilela (1992, p. 180) apresenta um esquema com a finalidade de mostrar os contrastes semânticos, com base nos traços [deslocação] e [ativo]:

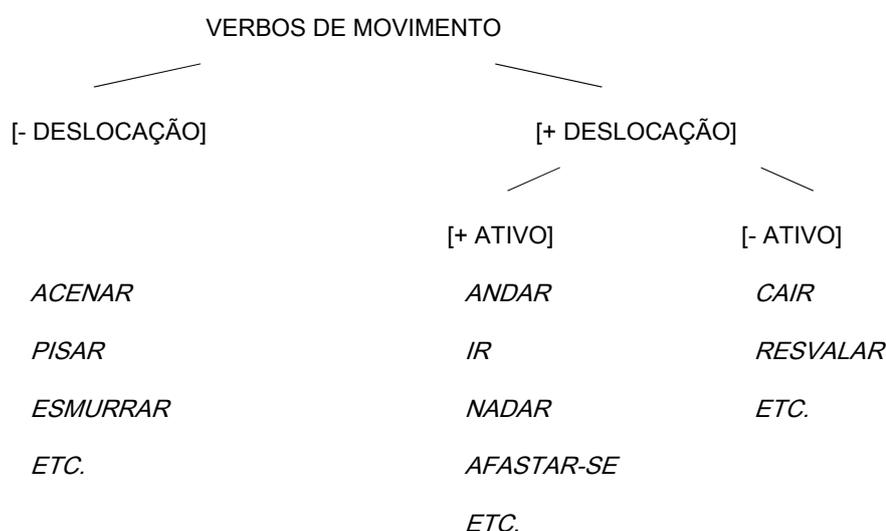


Figura 2: Relação dos verbos de movimento de acordo com os traços [deslocação] e [ativo].

O autor mostra ainda que é possível estabelecer distinções entre verbos de movimento, valendo-se de outros traços como [instrumento], [meio], [velocidade] etc., o que pode ocasionar uma polifuncionalidade semântica de um mesmo verbo em frases distintas. Vilela adverte, porém, que a “actividade contextual dos termos que actualizam esses verbos no enunciado determina e monossemiza as suas variantes possíveis, e em que o traço ‘movimento’ é reinterpretado e situado” (Vilela, 1992, p. 181). Os exemplos *o relógio adianta-se* e *ele adianta-se ao grupo*, apresentados pelo autor, ilustram a explicação exposta.

No que se refere especificamente a *ir*, o autor, tendo em vista o valor semântico de “deslocamento do locutor, motivado pelo próprio, em direção ao espaço do alocutário”, relaciona-o junto a verbos como *ir*, *sair*, *afastar-se*, *partir* etc. Do ponto de vista sintático, Vilela (1992) descreve que a estrutura frásica de *ir* se caracteriza

por conter três argumentos (x1, x2 e x3), em que x1 possui o papel temático de **agente**, x2 o de **origem** e x3 o de **meta**. Em tal configuração – **Nx1|Agente Verbo (de Nx2|Origem) Prep. para/a... Nx3|Meta** (cf. Vilela, 1992, p. 1986) –, o autor estabelece que Nx1 e Nx2 são argumentos obrigatórios.

Algumas informações, como “a pé”, “de avião”, incorporadas a *ir* são, segundo o autor, traços não pertencentes ao lexema do verbo, sendo estas, resultado do conhecimento de mundo dos participantes do discurso. Assim, numa frase como *o Pedro foi ao mictório* é subentendido o fato de o **agente** ter ido a pé, a menos que a distância esteja expressa no contexto (*o Pedro foi [do Porto] para Lisboa*). De acordo com Vilela (1992), a informação genérica de **meio** está incorporada a *ir*, a especificidade de tal papel temático, contudo, dependerá do contexto em que estiver inserida.

Ademais, Vilela descreve usos de *ir* não básicos caracterizados ou por não comportarem o traço de sua estrutura frásica fundamental, isto é, a informação de “movimento” (*isto vai de mal a pior / pelo alarido que vai na rua, temos eleições*), ou por apresentarem, no lugar do argumento com o papel de **meta**, um elemento não condizente com o que se espera para essa posição: um constituinte com valor de **locativo** (*o réu foi perante o juiz / ele foi à [casa] do João*).

Em outra obra, mas pautando-se, ainda, no referencial teórico sobre **gramática de dependências** ou **gramática de valências**, Vilela (1999) caracteriza *ir* como um verbo que seleciona um **actante** (termo correspondente a argumento) do tipo locativo direcional. O autor apresenta as propriedades desse tipo de actante, mostrando a marca preposicional (*para, a, de, em* etc.), a anaforização aplicável (*preposição + lá, aí, esse lugar*) e o processo de interrogação (*preposição + onde*).⁹

Com base numa perspectiva semântica, Vilela (1999, p. 66) denomina alguns verbos como **durativos** ou **imperfectivos**, caso impliquem, entre outros fatos, uma duração ilimitada ou muito extensa (*dormir, viver*), e como **perfectivos**, caso exprimam “o limite de um acontecer para outro”. Esse último grupo é subdividido pelo autor em verbos **ingressivos**, cuja idéia temporal de “começo”, “início” é

⁹ Os exemplos apresentados pelo autor são: *A Fátima vai para Évora (todos os fins de semana) / A Fátima vai para lá (todos os finais de semana) / Para onde é que a Fátima vai (todos os fins de semana)* – (cf. Vilela, 1999, p. 337).

intrínseca à forma (amanhecer, entardecer, nascer, sair etc.); e verbos **egressivos** que exprimem o “limite na fase final” (colher, murchar, alcançar etc.).

1.3. O tratamento lexicográfico

As obras lexicográficas constituem uma importante base de descrição de significados e aplicações de ir. Com maior ou menor aprofundamento, as obras aqui comentadas relacionam diversos usos de ir, ilustrando-os com exemplos que cooperam para a fundamentação de suas definições. Os dicionários pesquisados são Borba (1990), Fernandes (1963), Ferreira (2004), Luft (1999), Houaiss & Villar (2001) e Michaelis (1998).

Borba (1990, p. 857) apresenta ir como um verbo que seleciona um sujeito agente combinado a um complemento de direção e a um locativo, ambos apagáveis, segundo o autor. A partir daí, são mostrados traços semânticos do sujeito e do possível complemento, para uma descrição de usos não prototípicos de ir. O autor admite o uso desse item verbal como (i) predicador (Quando você vai a São Paulo?); (ii) verbo copulativo (Como vai a perna?); (iii) seguido da forma para, designador de tempo que está para completar ou quase atingir (Vai para cinco anos que não venho aqui) e (iv) auxiliar (Agora a gente vai se ver todo dia). Ao final da descrição, Borba lista algumas expressões como: Vá em frente (encorajar-se); Ir para a cama (copular); Ir pelos ares (explodir) e outras (cf. p. 857-860).

A descrição apresentada em Fernandes (1963, p. 393-394) relaciona ir, primeiramente, como um verbo intransitivo denotando o ato de “passar ou transitar de um lugar para outro; mover-se, transportar-se de um sítio para outro”. Nesse sentido, o autor atribui ao locativo selecionado por ir um papel de adjunto adverbial, desconsiderando a possibilidade de tal constituinte comportar-se como um complemento. O autor, porém, admite alguns usos nem sempre focalizados na tradição gramatical como (i) em sentenças cuja predicação é determinada por um elemento nominal, isto é, o emprego como verbo de ligação/copulativo (Como vai seu pai?); e (ii) em predicções complexas como auxiliar de futuro (Vai publicar um jornal de caricaturas). Ao final de sua descrição, Fernandes lista algumas

construções, consideradas por ele, cristalizadas (*Ir às nuvens; ir de encontro a; ir embora; ir pelos ares*, entre outras).

Ferreira (2004, p. 299) atribui a *ir* oito funções e as relaciona a outros verbos de valor semântico-sintático semelhante.

FUNÇÃO	SIGNIFICADO	FORMA OU ESTRUTURA EQUIVALENTE
INTRANSITIVO	<i>Passar, ou deslocar-se dum lugar para outro, por movimento próprio, impulso imprimido etc., ou com auxílio de transporte ou veículo.</i>	<i>Retirar-se; partir; ser mandado ou remetido, achar-se (em certo estágio, fase e etc.); achar-se (de saúde, de situação etc.); extinguir-se; ir-se; e morrer.</i>
TRANSITIVO CIRCUNSTANCIAL	<i>Ir a ou para algum lugar.</i>	<i>Percorrer; seguir; ser levado ou transportado, voluntariamente ou não; comparecer; apresentar-se; ocorrer; e levar.</i>
BITRANSITIVO CIRCUNSTANCIAL	- ¹⁰	<i>Estender-se e prolongar-se.</i>
TRANSITIVO INDIRETO	-	<i>Dar início; começar; tratar (de um assunto); simpatizar; e combinar.</i>
BITRANSITIVO INDIRETO	<i>Passar gradualmente (sentido figurado).</i>	Não apresentado.
TRANSITIVO DIRETO	-	<i>Andar por; e seguir.</i>
VERBO PREDICATIVO	-	<i>Estar; e achar-se (de saúde, de situação etc.).</i>
VERBO PRONOMINAL	-	<i>Retirar-se; partir; dirigir-se; ter fim; dissipar-se; e morrer.</i>

Quadro 1: A descrição semântico-sintática de *ir* em Ferreira (2004).

Ressalta-se, por fim, que não há um comprometimento na obra em descrever *ir* enquanto auxiliar, apenas é observado o uso como verbo predicador.

¹⁰ O lexicógrafo não apresentou nada a respeito.

Como o enfoque de Luft (1999, p. 342-343) abrange a regência verbal, *ir*, em tal obra, é descrito inicialmente de acordo com a(s) preposição(ões) que compõe(m) o(s) argumento(s) interno(s) (*[ir de...] a, para, até [a...]*); logo, quanto à predicação, esse item verbal é classificado primariamente como transitivo indireto.

Além disso, Luft apresenta *ir* como (i) um verbo impessoal designativo de tempo decorrido (**Vai** para três anos que ele se formou); (ii) verbo de ligação/copulativo (Como **vai** ele?); e (iii) V_{AUXILIAR} que participa na estruturação de perífrases de futuro (Esse argumento **vai** acabar com a discussão) e de perífrases que designam aspecto contínuo (Eles **vão** avançando).

Houaiss & Villar (2001) buscaram retratar a configuração sintático-semântica básica de *ir* bem como muitas outras que se caracterizam ou como extensões de sentido da básica ou como pertencentes a uma categoria funcional da língua. Eles apresentam quarenta acepções de *ir*, dentre as quais, trinta e quatro são como verbo predicador e seis como verbo de ligação. Ademais, em uma seção em que tratam de aspectos gramaticais, Houaiss e Villar mostram o uso de *ir* como auxiliar.

Houaiss e Villar descrevem *ir* como (i) $V_{\text{PREDICADOR}}$ de significação plena (Velas ao vento, **vai** o barco sobre as águas); (ii) $V_{\text{PREDICADOR}}$ de significação não-plena (minha carta para o Instituto do Livro já **foi**? [ser despachado por algum meio de comunicação]); (iii) $V_{\text{COPULATIVO}}$ (Tudo **vai** bem com eles); (iv) $V_{\text{IMPESSOAL}}$ designador de tempo decorrido (Separaram-se já lá **iam** três anos); e (v) V_{AUXILIAR} participa para a designação de futuro (Ela **vai** fazer falta), de pretérito (Ele já **foi** dormir), de aspecto contínuo (Ele **foi** dormindo no ônibus até o ponto final), de quase conclusão da noção expressa pelo $V_{\text{PRINCIPAL}}$ (Ele se **ia** envenenando com a comida, mas a coloração suspeita alertou-o). Vale destacar o fato de que os autores mencionam até o uso, chamado por Rodrigues (2006) discursivizado (Aí, ela **foi** e contou tudo para ele).

Em outra seção, Houaiss & Villar listam algumas construções que parecem lexicalizadas no sistema lingüístico.

ESTRUTURA APARENTEMENTE LEXICALIZADA	SIGNIFICADO
<i>IR ANDANDO</i>	<i>Retirar-se, ausentar-se; partir.</i>
<i>IR LONGE</i>	<p><i>1 – Justificar expectativas de sucesso; prometer muito de si (É um tipo de comércio que <u>vai</u> longe).</i></p> <p><i>2 – Fazer progressos, fazer fortuna, subir na vida (Trata-se de alguém que <u>irá</u> longe).</i></p> <p><i>3 – Ter conseqüência de extensão e gravidade imprevisíveis. (Um escândalo que poderia ter <u>ido</u> longe).</i></p> <p><i>4 – Estar distante (falando-se de tempo) (<u>Vão</u> longe aqueles belos dias em que éramos amigos).</i></p>
<i>OU VAI OU RACHA</i>	<p><i>Uso: informal.</i></p> <p><i>Expressão indicativa da determinação de levar algo até o fim, custe o que custar.</i></p>
<i>VÁ LÁ</i>	<i>Que seja, de acordo (<u>Vá lá</u>, fique com a metade).</i>
<i>VAI VER QUE</i>	<p><i>Regionalismo: Brasil, Uso informal.</i></p> <p><i>Provavelmente, muito possivelmente, talvez (<u>Vai ver</u> que isso é que é o certo),</i></p>
<i>VAMOS E VENHAMOS</i>	<p><i>Regionalismo: Brasil</i></p> <p><i>É Preciso convir; não parece haver sombra de dúvida; convenhamos (O espetáculo <u>vamos e venhamos</u>, foi deplorável).</i></p>

Quadro 2: Algumas construções aparentemente lexicalizadas listadas em Houaiss & Villar (2001).

Em Michaelis (1998), *ir* possui quarenta e nove diferentes acepções; algumas bem próximas de outras tanto semântica, como funcionalmente. O significado primário atribuído a esse item verbal é o de “deslocar-se, mover-se, passar ou transitar de um lado ou de um lugar para outro”, como o valor sintático de verbo intransitivo (cf. *op. cit.* p. 1178-1179).

Até a acepção trinta e um, *ir* é descrito de acordo com seu uso como predicador, apresentando, em maior ou menor grau, nuances de sentidos. A partir

daí, esse elemento verbal é descrito sob outras configurações sintáticas. Destacam-se as caracterizações em que *ir* é apresentado como (i) elemento que contribui para a impessoalização (*Vai em dois anos que deixou de lecionar*), (ii) verbo copulativo, (*Como vai você?*) e (iii) verbo auxiliar acompanhado de infinitivo ou de gerúndio (*As acusações vão comprometer o jurado / As nuvens vão surgindo no céu*)

Na obra, são listadas, ainda, inúmeras expressões cristalizadas. São algumas delas (cf. Michaelis, 1998, p. 1179):

- *Ir abaixo: cair, desmoronar-se.*
- *Ir com Deus: afastar-se, retirar-se na paz do Senhor.*
- *Ir de mal a pior: piorar cada vez mais.*
- *Ir longe: dar esperanças de chegar a ser notável; fazer fortuna; obter sucesso.*
- *Ir para o céu: morrer.*

1.4. Outras abordagens

Diversificada é a literatura que descreve, com maior ou menor aprofundamento, o verbo *ir*. Destacam-se oito trabalhos: Machado Vieira (2004), Johnen (1999), Oliveira (2006), Silva Menon (2003), Rodrigues (2006), Coelho (2006), Lobato (1975) e Travaglia (2003).

Machado Vieira (2004) descreve *ir* conferindo-lhe duas extensões semântico-sintáticas: (i) V_{PREDICADOR} (Ela vai ao cinema); (ii) V_{INSTRUMENTAL (AUXILIAR)} (Ela vai encontrar o namorado). A autora afirma que um verbo pode comportar-se como um predicador ou como instrumental, que, por sua vez, se subcategoriza em verbo de ligação, suporte e semi-auxiliar ou auxiliar. Essas categorias situam-se num *continuum* de gramaticalização que possui no pólo inicial os itens lexicais e no pólo final os itens mais gramaticais. No *continuum* de verbo predicador a verbo auxiliar, a autora estabeleceu cinco graus de afastamento do pólo de auxiliaridade, que é representado por *ter* e *haver* em estruturas de tempo composto: (1) no primeiro grau, a autora engloba os verbos *ser*, *estar* e *ficar*, seguidos de participio; (2) no segundo grau, insere *estar*, *vir*, *ir*, *ficar* e *andar* aspectuais em construções com V_{PREDICADOR} no

gerúndio e ir, vir e haver (*de*) temporais em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo; (3) no terceiro grau, poder e dever modais em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo e estar, ficar, andar, voltar etc. aspectuais (acurativos) seguidos da preposição *a* em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo; (4) no quarto grau, ter (*de*)(*que*) modal em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo e estar, ficar, deixar etc. aspectuais seguidos de preposição *de*, *para* ou *por* em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo; e (5) no quinto grau (mais próximo do pólo da lexicalidade), tentar, querer, esperar etc. seguidos de $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo, mandar, fazer, deixar e levar causativos em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo e ver, olhar, ouvir, sentir perceptivos/sensitivos em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo.

Para definir esses graus, a autora valeu-se do exame de onze propriedades de auxiliabilidade, que estão resumidas a seguir:

- I. Atuação sobre outro(s) verbo(s) num só domínio de predicação.
- II. Alteração semântica.
- III. Desligamento semântico entre verbo auxiliar e sujeito gramatical.
- IV. Fusão semântica com um verbo predicador numa única predicação.
- V. Impossibilidade de substituição da estrutura sintagmática introduzida pelo verbo predicador por oração completiva finita.
- VI. Uma só posição sintática de sujeito com um só referente-sujeito para as formas verbais da unidade complexa.
- VII. Impossibilidade de substituição da estrutura sintagmática introduzida pelo verbo predicador por uma forma pronominal demonstrativa.
- VIII. Ocorrência de pronomes átonos complementos em adjacência ao verbo auxiliar.
- IX. Impossibilidade de incidência de advérbio de negação sobre o domínio do verbo predicador.
- X. Impossibilidade de circunstante temporal (adjunto adverbial de tempo) que afete apenas o domínio do verbo predicador.
- XI. Comportamento em bloco do verbo auxiliar e do verbo auxiliado diante de transformações sintáticas (passiva e interrogativa).

Johnen (1999) analisa a perífrase ir + infinitivo e propõe o enquadramento do V_{AUXILIAR} no sistema de verbos modais de orientação acional ou epistêmica, isto é,

formas verbais que se caracterizam por determinar objetivos (Vá brincar com sua irmã!) ou, no segundo caso, designar uma avaliação epistêmica (Ele não vai passar aqui não...). O autor afirma que a noção de modalizador se sobrepõe à noção de tempo.

Consultor diz que tendência da inflação é voltar a subir São Paulo (AE) - A inflação este mês deve ficar em torno de 2%, prevêem economistas ligados à Ordem dos Economistas de São Paulo, que realizou uma pesquisa entre profissionais da área. O Índice de Preço ao Consumidor (IPC) da Fipe, segundo os entrevistados, deve subir 2% em setembro e o IGP-M da Faculdade Getúlio Vargas deverá subir 1,76%. Nos próximos meses, a taxa deverá ser um pouco mais alta, prevêem 50% dos entrevistados. Para 40%, a inflação vai ficar estável nos próximos dois meses. ¹¹

No caso desse grande trecho, a última oração contém uma perífrase constituída de um ir modal que serve à indicação de certeza, ao contrário de dever que passa a noção de incerteza.

Estudando a perífrase ir + infinitivo designadora de futuro, Oliveira (2006) mostra que a estrutura embrionária que deu origem a tal construção surgiu no século XIV e que, no século XVI, se iniciou o processo de auxiliarização de ir, quando a estrutura passou a ser reanalisada como expressão de futuro. A autora ainda confirma que a perífrase em questão ganhou força no sistema lingüístico no século XIX e, no século XX, superou outras variantes da língua falada.

Silva Menon (2003) descreve ir da perífrase de futuro como um elemento ainda em processo de gramaticalização, pois, segundo a autora, a auxiliarização do verbo esbarra num contexto de resistência, definido por usos do tipo *eu vou ir para a praia*, para finalizar o processo. De acordo com a autora, esse contexto de resistência interfere na conclusão do processo de gramaticalização de ir.

Baseando-se na proposta de Martelotta *et alii* (1996) no que tange aos pressupostos acerca do processo de discursivização, Rodrigues (2006) investiga o comportamento de ir, chegar e pegar em construções do tipo *foi e fez*.

([A gente]- a gente que fica lá embaixo, brincando. [Que]- que que a gente vai fazer aqui em cima? Meu pai está no trabalho, minha mãe fica estudando negócio aí da Jafra, que ela está fazendo, minha irmã

¹¹ Exemplo retirado de Johnen (1999, p. 4).

fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; eu vou e desço. Eu e meu irmão ("fica") jogando pingue-pongue).¹²

De acordo com a autora, ir, nesse uso, não corresponde à configuração de gramaticalização ITEM LEXICAL → ITEM GRAMATICAL, ou ITEM GRAMATICAL → ITEM MAIS GRAMATICAL, pois, entendendo que um elemento gramaticalizado passa a assumir uma função gramatical, nesse tipo de construção, ir desenvolve uma função discursivo-pragmática, caracterizando-se como um item de reforço à forma verbal em seguida.

Numa perspectiva diacrônica, Coelho (2006) analisa quantitativamente o processo de expansão gramatical e lexical de diversos itens verbais, dentre os quais o verbo ir. A autora mostra que inicialmente, num período denominado por ela de “período arcaico”, ir se adjuntou a uma forma verbal no gerúndio, que, segundo a autora, possui natureza adverbial. O início do emprego da construção ir+ infinitivo é, portanto, segundo a autora, posterior ao da estrutura com gerúndio.

O resultado da pesquisa revelou que, no período arcaico, ir apresentou 78,76% de uso como unidade lexical e 21,24% como gramatical; no período moderno, foram 60,71% como uso lexical e 39,29% como gramatical; e, no período contemporâneo, 46,75% como lexical e 53,25% como gramatical. É importante ressaltar que a pesquisa de Coelho (2006) investigou a gramaticalização de ir, tendo como base apenas a construção ir+ infinitivo, não apresentando, assim, outros usos gramaticais possíveis.

Baseando-se em diversos critérios de auxiliaridade, Lobato (1975) defende a tese de que, nas construções em que está adjunto a um infinitivo, ir, assim como os modais poder e dever, não é um verbo auxiliar *stricto sensu* (cf. p. 76). Tal ponto de vista é ratificado pelo fato de, nas análises da autora, ir ter apresentado comportamento que o afasta da categoria dos auxiliares.

A autora mostra que, de acordo com critérios como, por exemplo, o da possibilidade de negação e de pronominalização, ir pode ser negado, independentemente do infinitivo (*Ele vai parar de falar / Ele não vai parar de falar / Ele vai não parar mais de falar / Ele não vai não parar de falar*), e pode portar um pronome proclítico (*João vai fazer isso / João vai fazê-lo / João vai o-fazer / *João*

¹² Exemplo retirado de Rodrigues (2006, p. 1).

vai-o fazer / João o-vai fazer). Esses exemplos fornecem evidências para a autora de que, nesses casos, ir não se comporta como um autêntico auxiliar.

Travaglia (2003, p. 35-36) descreve que ir apresenta três valores gramaticais: (i) verbo auxiliar marcador de futuro (Vou acabar de fazer essa palavra cruzada e vou começar a procurar para você.); (ii) encadeador textual (*Porque eu acordei de manhã passando mal, ó, na segunda-feira eu tava, saí do ballett eu comecei a passá mal depois eu fui (inint) fiquei com febre...*) e (iii) auxiliar marcador de aspecto durativo + progressividade (*Ao mesmo tempo, o chefe foi reduzindo sua área de atuação*).

1.5. Breve apreciação de contribuições, problemáticas e lacunas identificadas no panorama traçado de descrições sobre ir

Na exposição panorâmica que se fez do que há nos enfoques normativo e descritivo e em pesquisas científicas sobre ir, verifica-se que há referências, mais ou menos superficiais, a diversos comportamentos de ir: além de seu uso como verbo nocional, pleno ou não-pleno, encontra-se na literatura menção ao seu emprego como verbo copulativo, verbo auxiliar em perífrases com infinitivo ou gerúndio, verbo que se envolve em expressões de tempo decorrido e até ao seu “uso que atua no nível discursivo” (como “encadeador textual”) ou em expressões em que denota modalidade. Pouquíssimas são as obras que congregam, em sua descrição, todas essas possibilidades de atuação do item. Em geral, apenas algumas destas categorias são freqüentemente referidas nas obras: principalmente, ir como verbo predicador, verbo auxiliar, verbo em expressão de tempo.

Percebe-se, portanto, que, para que se avance na descrição de ir, a questão que se impõe a este estudo, além de buscar aprofundar a caracterização de ir nessas categorias e mostrar a representatividade destas numa sincronia, é a de descrever o processo de expansão gramatical desse item e, então, definir redes de “semelhança/parentesco” entre seus empregos (sua cadeia de gramaticalização), de modo que se possa captar a que se deve e como se configura a frutífera multifuncionalidade do item. É importante averiguar a multifuncionalidade de certos usos: por exemplo, o caráter multifuncional de perífrases com *ir + infinitivo* ou *ir +*

gerúndio. Também interessa descrever predicções em que *ir* tem mais de uma leitura possível (a de verbo predicador ou a de verbo auxiliar, por exemplo).

Ademais, as referências bibliográficas aqui tratadas encaminham conceitos e aspectos de categorização verbal (com base nas noções de tempo, aspecto, modalidade) e de auxiliaridade/gramaticalidade que, por sua vez, se somam à fundamentação teórica que aqui se adota: por exemplo, as considerações de Mateus *et alii* (2003) acerca dos critérios que permitem delinear um verbo auxiliar se articularão com os graus de auxiliaridade estipulados por Heine (1993) e, conseqüentemente com as questões (abstratização, desbotamento semântico etc.) que envolvem o processo de gramaticalização.

CAPÍTULO 2

QUADRO TEÓRICO

Entendendo que a hipótese fundamental desta dissertação é a de que *ir* pode ser usado com diferentes funções morfossintáticas, semânticas e/ou discursivas, é necessário investigar o que leva tal verbo a assumir esses possíveis papéis, considerando o fato de que esse elemento verbal é, originalmente, um $V_{\text{PREDICADOR}}$ que comporta o significado de “movimento no espaço concreto”. Tendo em vista essa hipótese, assume-se que a criatividade humana desencadeada por fatores de natureza interacional e sócio-comunicativa tenha relevância considerável no que concerne às alterações de função e sentido sofridas por *ir*, além, evidentemente, de fatores internos à língua. Assim sendo, esta dissertação vincula-se ao paradigma do Funcionalismo Lingüístico.

Afirmar, no entanto, que a pesquisa se fundamenta nos pressupostos funcionalistas é estabelecer um campo de embasamento muito amplo, tendo em vista que há, segundo Nichols (1984, p. 102), asserções funcionalistas, análises funcionalistas e teorias funcionalistas. De acordo com a autora, a distinção entre esses termos é importante, pois é possível que investigações sobre determinados fenômenos lingüísticos possam apenas receber o rótulo de funcionalistas, sem empreender, de fato, um modelo de análise funcionalista, contrapondo-se ao modelo formal cujo enfoque se centra basicamente na estrutura lingüística. Com efeito, a autora faz uma advertência no sentido de que o nível de adequação funcionalista de um dado estudo pode ser gradual, a depender do tratamento empregado dos dados.

Neste capítulo, objetiva-se, portanto, apresentar a medida de vinculação deste trabalho ao Funcionalismo Lingüístico, especificando os modelos funcionalistas que lhe servem de orientação básica e o que eles lhe oferecem de relevante. Pretende-se, também, discutir como, na perspectiva teórica adotada, são tratados conceitos como linguagem, língua, gramática e seus planos de estruturação (morfossintático, semântico, discursivo e textual).

Antes de passar-se às subseções, convém observar que o grau de detalhamento a que se chegou nas descrições, especialmente nas referentes ao aporte teórico de Dik (1997), deve-se ao fato de haver poucos estudos que se valeram dessa teoria. Dessa forma, ainda que não se utilizem nas análises dos dados todos os aspectos relatados na subseção referida, julga-se necessária a descrição aprofundada da corrente funcionalista holandesa.

2.1. A adequação funcionalista

Estudos funcionalistas, de um modo geral, têm-se ocupado da descrição do comportamento de certos itens e estruturas da língua, de modo a prover tal análise de parâmetros para a explicação de motivações funcionais e comunicativas. Desassociando-se de uma vertente específica, o modelo funcionalista dos estudos lingüísticos abarca, sobretudo, questões de interação verbal relacionadas à competência comunicativa dos participantes e da flexibilidade lingüística por conta da dinamicidade do ato discursivo.

Nichols (1984), entretanto, afirma que a aplicação dos fundamentos funcionalistas a um determinado objeto de estudo pode ser gradual, distribuindo-se em estudos funcionalistas de orientação **conservadora**, **moderada** ou **extrema** (cf. Nichols, 1984, p. 102-103). A distinção entre esses três tipos de estudos funcionalistas consiste, basicamente, no nível de adequação de um objeto de estudo ao paradigma funcionalista e na importância que cada pesquisador atribui à estrutura gramatical.¹³

Tendo em vista essa delimitação de enfoques, entende-se que esta investigação assume, mais propriamente, uma orientação moderada de estudos funcionalistas, uma vez que o modelo teórico em que se pauta esta dissertação oferece condições de análises que contemplam a interface entre os planos estruturais e os extra-estruturais. Em outras palavras, a fundamentação teórica desta investigação, que compreende a *Teoria da Gramática Funcional* proposta por

¹³ Para Nichols (1984, p. 102-103), os lingüistas que aplicam um peso de relevância maior à estrutura gramatical se aproximam mais do paradigma formal, ainda que lancem mão de fundamentos teóricos do funcionalismo. Por outro lado, há, segundo a autora, lingüistas que se detêm, numa medida muito baixa, à estrutura e explicam que esta é apenas uma função codificada.

Dik (1997) associada à perspectiva que trata do fenômeno de alteração categorial (gramaticalização) descrita por Heine (1993), Travaglia (2002) e Heine *et alii* (1991), constitui um modelo funcionalista de investigação a partir do qual se entende que elementos pragmáticos moldam a expressão lingüística, estabelecendo, assim, uma convergência entre o nível estrutural e o pragmático.

Pelo fato de *ir* poder ser usado, além da sua função lexical básica, em diversas funções instrumentais, lançou-se mão de um aparato teórico que contemplasse explicações sobre mudanças categoriais motivadas, sobretudo, por pressões de uso e fatores cognitivos – como de $V_{\text{PREDICADOR}}$ a V_{AUXILIAR} , por exemplo. Dessa forma, o quadro teórico formado neste estudo caracteriza-se, basicamente, por oferecer suporte para explicações das predicções em que *ir* se comporta como (i) $V_{\text{PREDICADOR}}$ e (ii) elemento não predicador.

Outro aspecto relevante para a configuração deste enquadre teórico, vinculado aos pressupostos sobre gramaticalização, é a relação entre todos os componentes da cadeia de alteração semântica, isto é, a interdependência entre itens de uma mesma categoria¹⁴ composta por membros que partilham entre si atributos e/ou similaridades em meio a uma estrutura de rede polissêmica. A noção de categorização lingüística, concernente à perspectiva cognitiva de Taylor (1995), é pertinente a este estudo, de modo que seja possível descrever e interpretar as possíveis cadeias semânticas de *ir* com base no membro central (protótipo) – o elemento a partir do qual, possivelmente, se derivam outras funções sintáticas, ou discursivas, e outros sentidos. Portanto, independentemente da natureza da categoria, ou seja, lexical, (semi-)gramatical ou discursiva, pode haver a distribuição dos elementos de tal categoria em um *continuum* semântico, de maneira que cada membro partilha com outro(s) algum tipo de especificação.

Em suma, o quadro teórico completo desta pesquisa condiz com o de estudos funcionalistas de orientação moderada, de acordo com a denominação de Nichols (1986), pois apresenta uma configuração que abrange as relações formais e as que ultrapassam o nível da estrutura, no que diz respeito à diversidade de funções e

¹⁴ Na subseção 2.4., a noção de categorização lingüística será definida com mais rigor, mas, de um modo geral, entende-se por categoria cada plano de estruturação lingüística (léxico, gramática, pragmática).

sentidos de *ir*. E, embora se admita a idéia de que a estrutura lingüística seja pragmaticamente desencadeada, não se negam as motivações internas ao sistema da língua.

2.1.1. As concepções de linguagem e língua

A linguagem humana, objeto de investigação da lingüística, é uma atividade de fim interacional socialmente estruturada por intermédio de correlações sócio-comunicativas e/ou sócio-cognitivas. Isso significa afirmar, por exemplo, que a linguagem é adquirida na infância por conta da “língua em seu uso, apoiando-se em um *input* bem estruturado de dados lingüísticos apresentados em contextos naturais” (Dik, 1981, p. 21).

O termo linguagem humana, entretanto, pode abarcar diversas manifestações comunicativas do homem e não somente a verbal, “que utilizam para sua realização certos objetos materiais funcionando como sinais não materiais, presentes na própria mente dos sujeitos dessa atividade” (Carvalho, 1974, p. 14)¹⁵. A criança, por exemplo, para cumprir seus propósitos comunicativos, desenvolve, instintivamente, outras formas de manifestação anteriores à linguagem verbal, como o choro, por exemplo, motivado pela fome ou desconforto. Mas independentemente de como se realiza a comunicação humana, o contexto para sua efetivação será sempre sócio-pragmaticamente construído.

Embora haja diversas manifestações comunicativas e todas cumpram com o seu papel, a linguagem verbal, por ser a espécie mais representativa, pode ser considerada a linguagem por excelência. Essa afirmação deve-se ao fato de a linguagem verbal poder traduzir todas as outras formas de comunicação por meio de uma língua natural. Por exemplo, o sistema de cores de um semáforo pode ser traduzido numa língua natural, mas nunca o contrário. Assim sendo, é notável sua eficiência em estabelecer a interação social e, por outro lado, sua complexidade

¹⁵ Para Carvalho (1974, p.14), a linguagem verbal é equivalente à falada; portanto, segundo o autor, a manifestação escrita encontra-se num mesmo nível das outras formas de linguagem não verbal.

tanto em sua estrutura – múltiplas possibilidades paradigmáticas – como em seu funcionamento – diferentes arranjos sintagmáticos¹⁶.

Comunicação pode ser entendida como um processo dinâmico e interativo por meio do qual os usuários atuam na modificação da informação pragmática do seu interlocutor. Assim, entre as intenções que estruturam o planejamento da expressão lingüística, pode haver o objetivo de influenciar o conhecimento, as crenças, as pré-concepções, sentimentos etc. do interlocutor.

Dik (1997, v.1, p. 1) mostra que há um conjunto mais amplo de funções envolvidas no ato comunicativo, além da expressão lingüística. Nesse complexo processo de interação verbal, estão envolvidas diversas condições para que o ato comunicativo se efetive com sucesso. O planejamento mental da comunicação é dotado de intenção desse emissor que se manifesta por meio da expressão lingüística – fisicamente, a cadeia sonora – captada, por sua vez, pelo receptor e interpretada, também mentalmente, com base na expressão lingüística, no contexto situacional, no seu conhecimento de mundo sobre a informação transmitida e nas suas “expectativas” com relação à informação pragmática do emissor, no que o interlocutor antecipa sobre o conhecimento pragmático do emissor.¹⁷

Dik afirma que um usuário de uma língua natural é capaz de (i) produzir e interpretar as expressões lingüísticas de grande complexidade estrutural numa grande variedade de situações comunicativas (*capacidade lingüística*); (ii) construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado, ou seja, o usuário capta conhecimento de expressões lingüísticas, arquiva esse conhecimento de forma apropriada e o recupera para utilizá-lo na interpretação de outras expressões lingüísticas (*capacidade epistêmica*); (iii) derivar, a partir de partes do conhecimento, outras partes, por meio de operações dedutivas e probabilísticas (*capacidade lógica*); (iv) perceber o ambiente à sua volta, obter conhecimento a partir de suas percepções, e usá-lo para produzir e interpretar expressões lingüísticas; e (v) saber

¹⁶ É muito importante frisar que os conceitos de **sintagma** e **paradigma** desenvolvidos por Saussure (1977) se aplicam a todas as unidades que se encaixam, respectivamente, nos planos da escolha e da seleção. Assim, fonemas são unidades paradigmáticas que formam as sílabas – resultado da combinação sintagmática dos fonemas. Em outras palavras, o confronto neste momento é entre morfologia e sintaxe; os conceitos, porém, introduzidos pelo lingüista suíço são adequados a outros níveis lingüísticos.

¹⁷ Esse modelo de interação verbal será explicado com mais rigor na subseção 2.2.

o que dizer e como dizer algo a um determinado interlocutor numa situação comunicativa particular, para que se alcancem objetivos comunicativos particulares. Segundo o autor, essas capacidades interagem entre si, de modo que uma funciona como *output* para operacionalização de outra.

2.1.2. Os níveis de análise lingüística

Segundo a hipótese fundamental desta dissertação, em cada um dos níveis de análise lingüística, *ir* apresenta diferentes funções (nível morfossintático), sentidos (nível semântico) e papéis pragmático-discursivos (nível discursivo). Na presente perspectiva funcionalista, compreende-se que o plano pragmático possui, como instrumental, o semântico que, por sua vez, apresenta a sintaxe¹⁸ como plano instrumental.

(...) a sintaxe existe para habilitar as pessoas, no que concerne à construção de complexas formas de expressão que reúnem complexos significados, de modo que ofereça todos os requisitos para essas pessoas se comunicarem eficientemente de maneiras diferenciadas (Dik, 1997, v. 1, p. 8).¹⁹

Esse modelo de interação entre os planos é atinente à proposta de unidirecionalidade, ou ciclo funcional, da mudança lingüística estabelecida por Givón (1979), pela qual se entende que transformações lingüísticas acontecem num *continuum* que vai do discurso para a gramática (*discurso > sintaxe > morfossintaxe > morfofonêmica > zero*). Nesse sentido, o nível discursivo, ou pragmático nos termos de Dik (1997), é a principal motivação para que as regularidades do sistema gramatical mudem. Assim, essa perspectiva de unidirecionalidade ratifica a idéia de que a sintaxe serve para que os usuários construam significados, usando-os de maneira criativa no discurso.

Com base nessa idéia de que os níveis sintático, semântico e pragmático se relacionam de modo que um produz um *output* importante para a operação de outro,

¹⁸ Como se acredita que, em usos como *Amanhã vai chover*, *ir* possua função predominantemente morfológica, ou seja, marcação de tempo futuro, optou-se pela designação “polifuncionalidade morfossintática” e não apenas sintática.

¹⁹ (...) *syntax is there for people to be able to form complex expressions for conveying complex meaning, and such meaning are there for people to be able to communicate in subtle and differentiated ways.*

concebe-se gramática como um sistema lingüístico composto desses três planos. A partir da pragmática, que é o nível da obtenção dos sentidos, derivam-se os outros níveis, isto é, a sintaxe e a semântica de uma língua são definidas de acordo com seus respectivos usos.

Por se entender que o significado se molda às necessidades pragmáticas, sendo, portanto, ativado contextualmente, assume-se que uma investigação semântica deve pautar-se no vínculo entre informação semântica e condições comunicativas. Com base nessa relação, têm relevância, neste estudo, dois tipos de extensão semântica, no processo de atualização discursiva mencionado: a) uma em que elementos lingüísticos pertencentes a uma determinada categoria expandem suas possibilidades semânticas, sem sofrer mudança categorial e b) outra em que essa expansão semântica é acompanhada de mudança categorial. Esses dois tipos de extensão semântica são recobertos, respectivamente, pelos pressupostos que tratam de categorização lingüística, compreendendo-a como um procedimento baseado numa teoria de protótipos (Taylor, 1995), e pelos de gramaticalização, considerando tal termo como um processo de alteração categorial caracterizada pelas flutuações LÉXICO > GRAMÁTICA, LÉXICO > DISCURSO e GRAMÁTICA > DISCURSO (Heine, 1993, Travaglia, 2002 e Heine *et alii*).

Uma distinção a ser considerada, ainda quanto à relação entre o nível semântico e o pragmático, é a que existe entre significado e sentido. Pautando-se nos pressupostos de Coseriu (1980), assume-se a concepção de que o significado está no nível lexical, ou seja, é a acepção mais básica de um verbete de dicionário. Dessa forma, o significado de *ir* é o de “deslocamento no espaço físico por um agente de um espaço a outro”. Por outro lado, o sentido é verificado no nível do texto. Assim, depreende-se que, ao se observar um texto, se lida com micro e macro sentidos proporcionados por tal texto²⁰.

Outra distinção, relacionada à anterior, é a que há entre pragmática, discurso e texto. Para esta investigação, admite-se a idéia de que não há distinção entre nível

²⁰ Essa distinção pode gerar um problema conceitual, já que, se o termo **significado** é a base semântica de uma determinada forma lingüística, nunca será possível falar em significado, tendo em vista que as formas são sempre utilizadas em textos. Pode-se afirmar que tudo é sentido e que significado é uma informação semântica descontextualizada. Entretanto, por motivos metodológicos, neste trabalho, sempre que se fizer referência a significado, far-se-á à acepção básica e, quando a referência for a sentido, tratar-se-á das extensões semânticas.

pragmático e nível discursivo, mas, sim, entre ambos e nível textual. Para o desenvolvimento dessa questão, recorre-se a definições estipuladas por Coseriu (1980). De acordo com o autor, o discurso ou a atividade discursiva encontra-se no nível individual²¹; ou seja, dentre os três níveis estipulados pelo autor (universal, histórico e individual), o discurso associa-se à competência textual dos falantes. O autor afirma, ainda, que o discurso é o nível intermediário de uma configuração do ato ilocutório em que se inicia com a competência lingüística e termina com o texto. Com base nessa distinção de Coseriu, configurou-se o seguinte quadro:

SABER FAZER	ATIVIDADE	RESULTADO
Competência lingüística	Discurso / Competência textual	Texto

Quadro 3: Distribuição dos conceitos de *competência lingüística*, *discurso* e *texto*, numa perspectiva do ato ilocutório.

Como se pode observar no quadro, a distinção estabelecida por Coseriu entre discurso e texto reside no fato de o primeiro ser a atividade em si e o segundo o produto dessa atividade. É possível depreender a idéia de que a incidência dos estudos funcionalistas, especialmente os de orientação moderada, recairá sobre os planos da atividade e do resultado, pois, ainda que os atos ilocutórios sejam planejados mentalmente – saber fazer → competência lingüística –, as condições lingüísticas e extralingüísticas às quais o falante e ouvinte estão submetidos poderão interferir, sob alguma medida, no resultado, isto é, no texto.

Os parâmetros que regem as distinções entre os níveis de análise lingüística, nesta investigação, pautam-se basicamente no conceito de gramática da teoria funcionalista de Dik (1997) e nos pressupostos de Coseriu (1980) sobre os níveis discursivo e textual. É possível associar esse nível textual, ou seja, o resultado, à noção de expressão lingüística, nos termos de Dik, entendendo tal termo como a última instância de todo o processo de interação verbal – também um resultado.

²¹ Segundo o autor, há os níveis (i) *universal*, que corresponde ao **saber elocucional** e abarca a **linguagem** como objeto universal independente de uma língua específica e é encoberto pela teoria do gerativismo; (ii) *histórico*, em que se considera o **saber idiomático**, ou seja, todos os requisitos necessários para o entendimento de uma língua específica e pode ser abarcado pelo estruturalismo; e (iii) *individual*, correspondente ao **saber expressivo**, em que se consideram questões de competência comunicativa, ou seja, a capacidade de estruturar textos sob diferenciadas condições comunicativas. A esse nível, pode associar-se a Lingüística Textual e a Análise do Discurso.

Para um maior entendimento da concepção funcionalista de Simon Dik, resumem-se, a seguir, pressupostos concernentes a esta pesquisa.

2.2. Teoria da Gramática Funcional de Simon Dik

Dik (1997) propõe uma teoria de Gramática Funcional cujo principal objetivo é o de oferecer, a uma língua natural, uma completa e adequada²² descrição da organização gramatical relacionada ao discurso. Segundo o autor, tal teoria deveria ser um subcomponente integrado à teoria do usuário de uma língua natural (NLU – *Natural Language User*). Para tanto, Dik pauta seus objetivos em dois princípios:

- (i) Uma teoria da linguagem não deveria mostrar somente as regras e princípios subjacentes à construção das expressões lingüísticas, e sim, deveria tentar, na medida do possível, explicar essas regras e princípios em termos de suas funcionalidades em relação às maneiras como são usadas.
- (ii) Ainda que em si mesma uma teoria de expressões lingüísticas não seja o mesmo que uma teoria de interação verbal, é natural requerer que ela seja elaborada, de modo que possa mais fácil e realisticamente ser incorporada a uma teoria pragmática de interação verbal mais ampla. (Dik, 1997, v.1, p. 4).²³

De acordo com Dik (1997), expressão lingüística e usuários encontram-se num equilíbrio no que diz respeito à relevância dentro do modelo teórico por ele proposto. Assim, todas as análises empreendidas para a descrição e explicação de determinados aspectos lingüísticos devem ser observadas tendo em vista o processo de interação verbal.

Para Dik (1997, v. 1, p. 3), a interação verbal é uma atividade cooperativa bem estruturada e determinada por regras, normas e convenções que, segundo o autor,

²² De acordo com o autor, o princípio que rege a Teoria da Gramática Funcional deve conter três tipos de padrões de adequação: pragmática – oferecer bases para a descrição e explicação de como as expressões lingüísticas são usadas; psicológica – propiciar fundamentos para a compreensão do processo de interação verbal, ou seja, a formulação e construção da expressão lingüística, por parte do falante, e seu processamento e interpretação, por parte do destinatário; e tipológica – a proposta teórica deve dar conta de línguas de qualquer tipo.

²³ (i) *A theory of language should not be content to display the rules and principles underlying the construction of linguistic expressions for their own sake, but should try wherever this possible at all, to explain these rules and principles in terms of their functionality with respect to the ways in which these expressions are used.*

(ii) *although in itself a theory of linguistic expressions is not the same as a theory of verbal interaction, it is natural to require that it be devised in such a way that it can most easily and realistically be incorporated into a wider pragmatic theory of verbal interaction.*

governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas), como também os parâmetros de interação verbal com os quais essas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas). Essa definição de interação verbal é representada por Dik, por meio do seguinte modelo:



Figura 3: Modelo de interação verbal proposto por Dik (1997, v.1. p. 8).

No decorrer de todo o processo de interação verbal, os participantes (falante e destinatário) possuem informação pragmática (P_F e P_D, respectivamente). A expressão lingüística, então, é mediada de acordo com o participante envolvido. Do ponto de vista do falante, a expressão lingüística forma-se a partir de sua intenção e da antecipação da possível interpretação do destinatário, que, por sua vez, interpreta a expressão lingüística com base na sua informação pragmática e na reconstrução acerca da intenção do falante. Cabe ressaltar que nem sempre o falante efetivará a modificação da P_D; seu propósito, caracterizado por Dik (1997, v.1, p. 9) como um problema, é, por conseguinte, expressar sua intenção de modo que o destinatário deseje e aceite tal informação.

Dik chama a atenção para o fato de a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário ser apenas mediada pela expressão lingüística, e não estabelecida. Nesse sentido, a interpretação do destinatário efetiva-se a partir da expressão lingüística e completa-se com sua informação pragmática. Desse modo, a intenção completa do falante não precisa estar contida, necessariamente, na expressão lingüística, considerando a informação que o destinatário já possui acerca do que é enunciado (P_D).

Sobre intenção, significado e interpretação, Dik explica que o significado, ou conteúdo semântico, é referente à informação codificada na expressão lingüística,

ou seja, é determinado pelo sistema lingüístico. Assim, o conteúdo semântico não se associa à intenção inicial do falante, nem à interpretação do destinatário, que decorre também de muitas informações não codificadas na expressão lingüística. O autor propõe uma “escala de explicitação” da expressão lingüística, em que quanto mais explícito é um enunciado, mais aproximados estarão intenção comunicativa do falante e conteúdo semântico.

Informação pragmática dos participantes, durante o processo de interação verbal, caracteriza-se, segundo Dik (1997), como um acervo de conhecimentos, crenças, suposições, opiniões e sentimentos. Nesse conceito, estão incluídos ainda itens que, de algum modo, estão presentes no “mundo mental” dos indivíduos, como pré-concepções e preconceitos. De acordo com Dik (1997), a informação pragmática pode ser composta por:

- (i) informação geral: informação a longo prazo referente ao mundo, tendo em vista seus traços naturais e culturais, além de outros mundos possíveis e imaginários;
- (ii) informação situacional: informação derivada do que os participantes percebem ou experimentam na situação em que a interação verbal ocorre; e
- (iii) informação contextual: informação derivada das expressões lingüísticas que são trocadas antes ou depois de um dado ponto da interação verbal. (Dik, 1997, v.1, p. 10).²⁴

Embora as informações pragmáticas do falante e do destinatário tenham muitas características em comum, o autor mostra que haverá informações que só estarão disponíveis ou para o falante ou para o destinatário. Para Dik, o ponto “atual” da interação verbal é geralmente localizado nas informações não partilhadas, ou seja, se é objetivo do falante modificar a informação pragmática do destinatário, uma interação verbal que incida em informações partilhadas pelos interlocutores não condirá com seus propósitos básicos.

Dik afirma que as mudanças intentadas pelo falante, na informação pragmática do destinatário, podem ser **adições, substituições e lembranças**. Em outras palavras,

²⁴ (i) *general information: long-term information concerning the world, its natural and cultural features, and other possible or imaginary worlds;*
(ii) *situational information: information derived from what the participants perceive or otherwise experience in the situation in which the interaction takes place;*
(iii) *contextual information: information derived from the linguistic expressions which are exchanged before or after any given point in the verbal interaction.*

na interação verbal, o falante procura adicionar novas partes de informações à P_D , substituir algumas partes de informações por outras e trazer ao destinatário partes de informações que ele já possui, mas que não estão ativadas no momento da comunicação.

Na informação pragmática do falante, está contida uma teoria acerca da informação pragmática do ouvinte e vice-versa. Esse mútuo conhecimento é o que determina a antecipação feita pelo falante das interpretações do ouvinte e a reconstrução feita pelo destinatário das intenções comunicativas mais prováveis do falante. A seguir, está representada essa configuração de mútuo conhecimento entre falante e ouvinte:

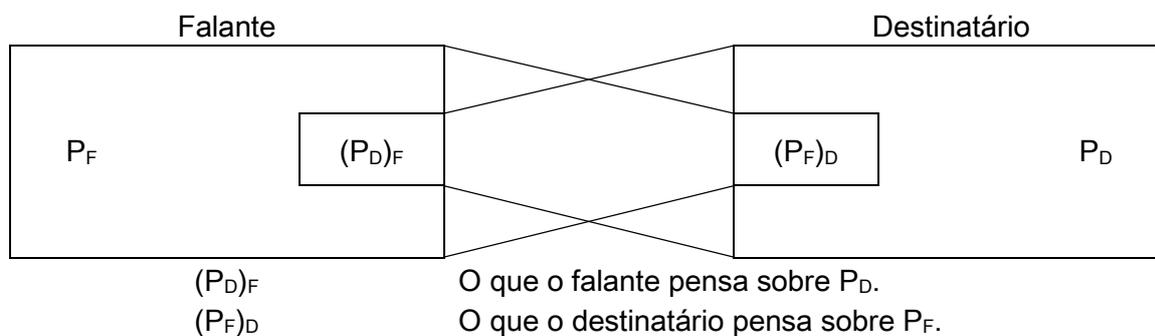


Figura 4: Representação do mútuo conhecimento entre Falante e Destinatário (Dik, 1997, v.1, p. 11).²⁵

2.2.1. A estrutura de cláusula

Dik (1997) propõe uma complexa estrutura subjacente de cláusulas hierarquicamente disposta em níveis de organização formal e semântica, em que o topo é a cláusula, representada pelo ato de fala, e a base constitui a relação entre predicado e termos²⁶ a qual designa um estado de coisas – “concepção de algo que

²⁵ Dik (1997, v. 1, p. 11) define que essa relação mútua pode ser infinitamente recursiva, estabelecendo uma “estrutura de caixas dentro de caixas, dentro de caixas...”. O autor representa essa recursividade da seguinte maneira: $((P_D)_F)_D \rightarrow$ o que o destinatário pensa sobre o que o falante pensa sobre a informação pragmática do destinatário; $((((P_D)_F)_D)_F) \rightarrow$ o que o falante pensa sobre o que o destinatário pensa sobre o que o falante pensa sobre a informação pragmática do destinatário.

²⁶ Dik diferencia **predicado** de **termos**, conferindo ao primeiro a capacidade semântica de designar propriedades ou relações e ao segundo a de se referir a entidades.

pode estar de alguma maneira em algum mundo” (Dik, 1997, v.1, p. 51)²⁷ – e configura uma predicação nuclear.

Essa proposta de estrutura hierárquica abstrata de cláusula recebe um tratamento descritivo, a princípio²⁸, da base para o topo, ou seja, primeiramente (na base), uma estrutura subjacente de cláusula requer um predicado aplicado a um número e tipo apropriados de termos, que funcionam como argumentos de tal predicado. O exemplo (a) ilustra um caso de predicação nuclear em que o predicado *escrever* mais os termos *João* e *uma carta* formam uma predicação nuclear.

(a) *escrever (João) (uma carta)*²⁹

Em seguida, com a aplicação dos operadores (π), que especificam informações de natureza aspectual, por exemplo, e dos satélites (σ), que são modificadores lexicalmente expressos, ambos de nível um, obtém-se a predicação central, caracterizada por qualificar o estado de coisas. No exemplo (b), a seguir, o operador está sendo representado por *estava* e o sufixo *-ndo*, enquanto o satélite, por *cuidadosamente*.

(b) Prog. [*escrever (João) (uma carta)*] (*cuidadosamente*)
'João (estava) escrevendo uma carta cuidadosamente'.

No próximo nível, atuam operadores e satélites de nível dois, que contêm, respectivamente, informações de tempo e localidade, como se pode conferir no próximo exemplo: (c).

(c) [Pres. [Prog. [*escrever (João) (uma carta)*] (*cuidadosamente*)] (*na biblioteca*)]

No último nível, o falante pode especificar sua atitude com relação ao estado de coisas, atuando, para tanto, operadores e satélites de nível três, que designam avaliações subjetivas atitudinais ou modais. Observe-se que, em (d), o operador de

²⁷ *The conception of something that can be the case in some world.*

²⁸ Dik (1997) mostra que, na estrutura lingüística, há tanto dependência do topo para base como da base para o topo, ou seja, hierarquicamente, escolhas mais altas (níveis mais altos) podem implicar opções mais baixas e vice-versa.

²⁹ Todos os exemplos, com exceção do (h), foram retirados de Dik (1997).

nível quatro, designador de possibilidade (*até onde eu sei*), traduz uma avaliação subjetiva do falante a respeito do conteúdo veiculado na sentença. Dik afirma que “proposições são coisas que as pessoas podem dizer acreditar, saber ou pensar sobre algo” (Dik, 1997, v.1, p. 52).³⁰

- (d) [Poss. [Pres. [Prog. [*escrever (João) (uma carta) (cuidadosamente) (na biblioteca) (até onde eu sei)*]]]]
 ‘Até onde eu sei, João pode estar cuidadosamente escrevendo uma carta na biblioteca’.

No nível da proposição, segundo o autor, podem atuar ainda operadores e satélites que designam a força ilocucionária de uma cláusula, isto é, as condições para determinar se uma sentença é declarativa ou imperativa, por exemplo. Nesse sentido, a entoação configura-se como um operador e formas lexicais como satélites. No exemplo (e), pode-se conferir o operador σ_4 representando a noção de “sentença declarativa”, enquanto, em (f), tal noção é especificada pelo elemento adverbial *francamente*.

- (e) [Decl. [Poss. [Pres. [Prog [*escrever (João) (uma carta) (cuidadosamente) (na biblioteca) (até onde eu sei)*]]]] σ_4]
 (f) [Decl. [Poss. [Pres. [Prog. [*escrever (João) (uma carta) (cuidadosamente) (na biblioteca) (até onde eu sei) (francamente)*]]]]
 ‘Francamente, até onde eu sei, João pode estar cuidadosamente escrevendo uma carta na biblioteca’.

Os exemplos apresentados por Dik (1997) caracterizam-se por conter as posições formalmente especificadas; entretanto, muitos operadores e satélites podem não ser especificados, ocasionando um elemento apagado (\emptyset). O autor afirma que essa não especificação corresponde a valores neutros (*neutral values*) e é importante, pois indica posições licenciadas de operadores e satélites. O exemplo (g) apresenta tais elementos apagados.

- (g) *João riu.*
 [Decl. [\emptyset [Pass. [\emptyset [*rir (João) \emptyset \emptyset \emptyset \emptyset]]]]]*

Com base nessa possibilidade de não especificação de alguns elementos, pode-se afirmar que alguns operadores e satélites são mais essenciais do que

³⁰ *Propositions are things that people can be said to believe, know or think about (...)*

outros. Assim, se se pensar numa predicação bem curta como (h), é possível determinar esses operadores e satélites mais indispensáveis à sentença.

(h) *Choveu?*
[Int. [Ø [Pass. [Ø [*chove*] Ø] Ø] Ø] Ø]³¹

Tendo em vista o exemplo (h), conclui-se que os satélites ilocucionários de nível quatro (σ_4) e os operadores de nível dois que designam tempo (π_2), não necessariamente nessa ordem, constituem as especificações mais básicas de um enunciado.

Cumpramos salientar que todos os níveis hierárquicos de representação da cláusula, como expostos até aqui, são unidades viabilizadas por Dik para uma descrição, já que, no que tange ao efetivo processamento de um enunciado, tais níveis atuam simultaneamente. Uma primeira aproximação dessa descrição da estrutura subjacente de cláusula pode ser resumida e representada por meio do seguinte modelo:

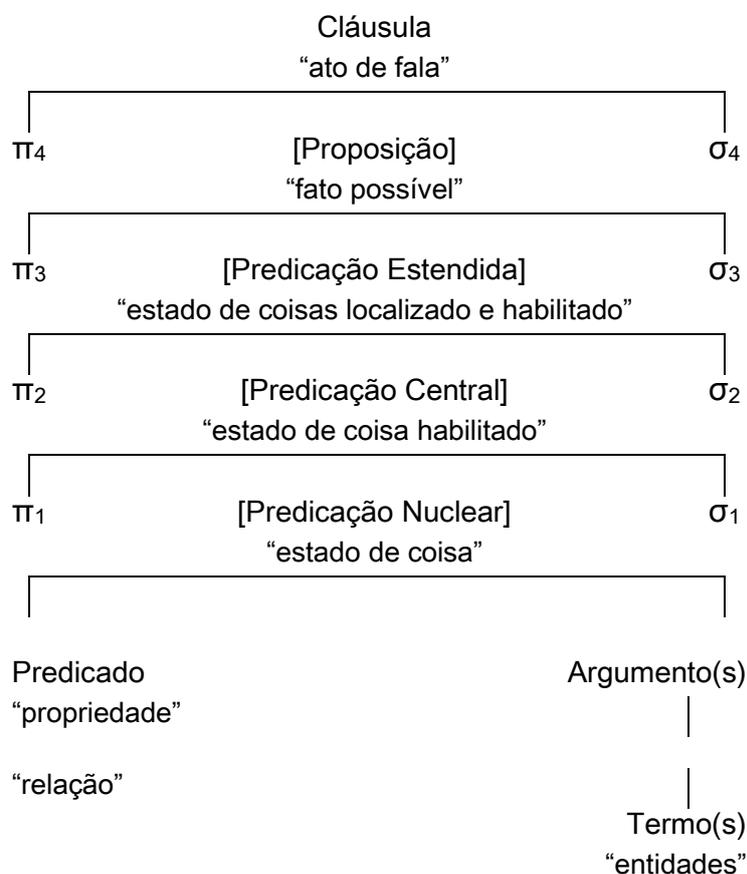


Figura 5: Modelo da estrutura subjacente de cláusula (Dik, 1997, v.1, p. 50).

³¹ Exemplo nosso.

Como se pode observar na figura anterior, cada camada do modelo revela uma correspondência entre designação semântica e aspectos formais. Dessa forma, uma predicação nuclear corresponde a um estado de coisas formado a partir da relação entre predicado, que designa relação ou propriedade, e termo(s), que fazem referência a entidades do mundo real ou virtual; uma predicação central, a um estado de coisas habilitado para formar uma sentença; uma predicação estendida, a um estado de coisas localizado no espaço e no tempo; uma proposição, a um fato possível; e uma cláusula, a um ato de fala.

Todas as camadas dessa estrutura subjacente de cláusulas podem ser representadas, segundo Dik (1997), por meio de variáveis que indicam as “coisas” designadas pelos elementos estruturais dos diferentes níveis. A tabela a seguir mostra a especificação de tais variáveis:

ORDEM	ESTRUTURA	DESIGNAÇÃO	VARIÁVEL
0	Predicado	Propriedade / Relação	f
1	Termos de primeira ordem	Entidade espacial	x
2	Predicação	Estado de Coisas	e
3	Proposição	Fato possível	X
4	Cláusula	Ato de Fala	E

Tabela 1: Tipos de entidades referidas pelos termos (Dik, 1997, v.2, p. 93).

No que diz respeito às características dos termos, Dik esclarece que estes advêm da designação de propriedade ou de relação estabelecida pelo predicado e podem ocupar tanto a posição de argumento (*João / carta*) como a de satélite (*biblioteca*). Esses termos, em especial, referem-se a entidades que podem ser conceptualizadas como existentes no espaço e são, portanto, denominados pelo autor como **termos de primeira ordem**, que são representados pelos significados da variável x. Dik (1997), no entanto, chama a atenção para o fato de que termos podem referir-se a qualquer um dos tipos de entidades designados pelos diferentes níveis da estrutura subjacente de cláusulas, ou seja, às propriedades e relações (entidades de ordem zero); ao estado de coisas (entidades de segunda ordem); a fatos possíveis (entidades de terceira ordem); e ao ato de fala (entidades de quarta ordem).

Esta estrutura hierárquica de cláusula não contempla certos elementos que participam da formação de um enunciado, desde seu correlato psicológico até sua expressão (falada ou escrita). Assim sendo, Dik (1997) elabora um modelo mais completo de sua gramática funcional.

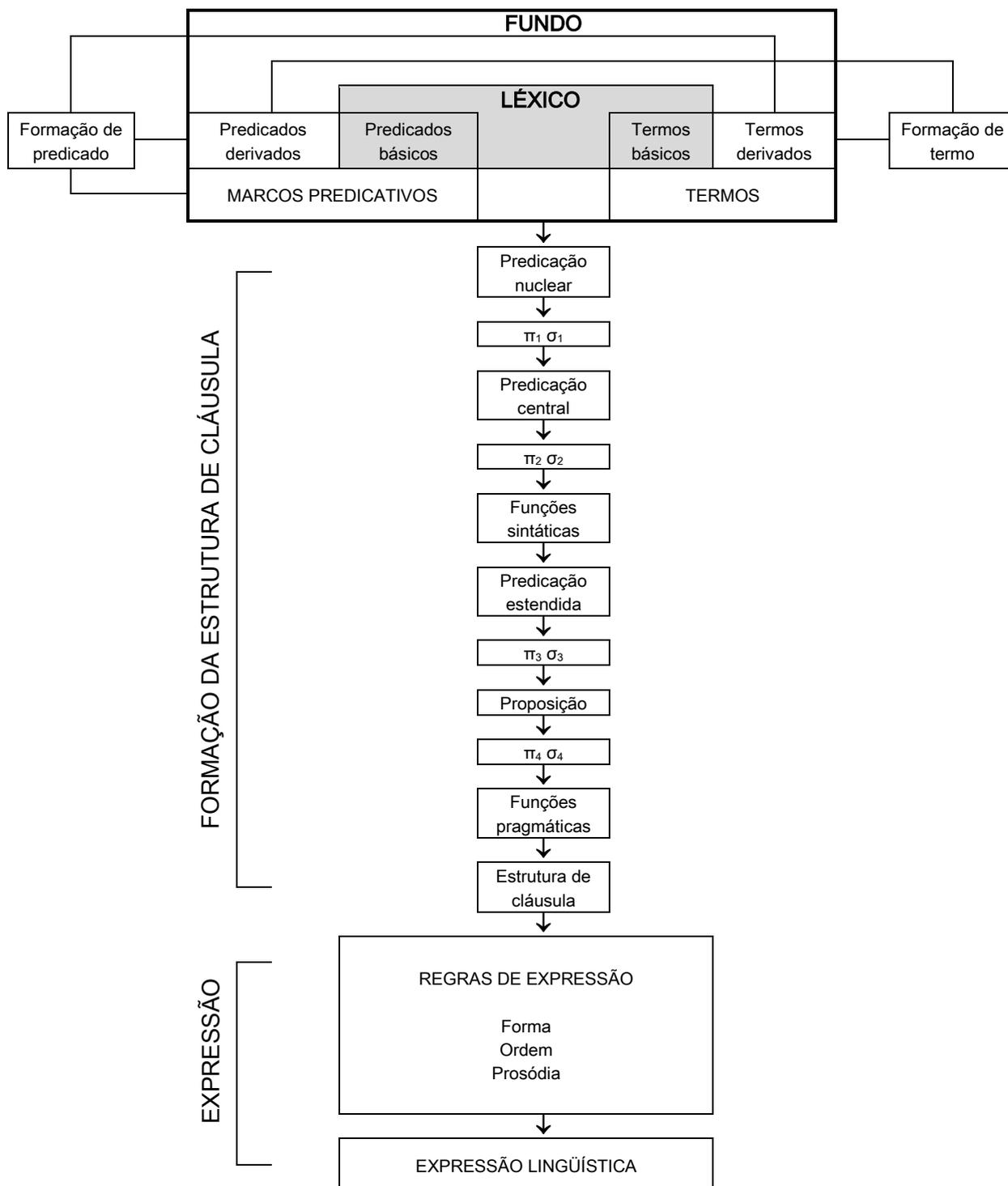


Figura 6: Modelo completo da *Gramática Funcional* proposto por Dik (1997, v.1, p. 60).

Pautando-se na figura 6, depreende-se que esse modelo global da *Teoria da Gramática Funcional* de Dik (1997) possui, basicamente, dois momentos de processamento. O primeiro refere-se à formação da estrutura de cláusula – que se caracteriza como o correlato psicológico desse modelo, ou seja, o processamento mental de um enunciado –; e o segundo momento, à expressão dessa estrutura subjacente de cláusulas – componentes que regem as regras de expressão lingüística, isto é, o resultado.

No tocante a esse primeiro momento, o autor define o componente **fundo** como aquele que contém todos os predicados e termos, com base nos quais as predicções podem ser construídas. Também faz parte do fundo, o **léxico**, que contém os predicados e termos básicos da língua, a partir dos quais, por meio de regras de formação de predicado, obtêm-se os predicados e termos derivados. Assim sendo, é possível delimitar que tipos de elementos integram esse léxico. De acordo com Dik, todos os itens lexicais de uma língua (verbal, adjetival e nominal) são analisados como predicados.

Ainda sobre a formação da estrutura de cláusula, cumpre descrever que o componente **marco predicativo** oferece informações básicas de um predicado, como sua forma lexical (no caso de um verbo, o infinitivo), seu tipo (verbal, adjetival ou nominal), sua estrutura valencial ou argumental e suas restrições de seleção (condições semânticas essenciais impostas pelo predicado para que termos ocupem a posição de argumento).

No que tange ao segundo momento mencionado, Dik (1997) descreve que a interação entre as regras de expressão de uma língua determinam a forma, a ordem e a entoação atualizadas numa expressão lingüística. O autor mostra que a forma e a ordem podem ser definidas independentemente, isto é, “a forma não varia com a ordem, e a ordem não varia com a forma” (Dik, 1997, v.1, p. 340)³². Dik, no entanto, destaca o fato de que, em alguns casos, essa relação entre forma e ordem não ocorre de maneira independente, sendo possível numa língua como o francês uma mudança de ordem acompanhada de uma mudança na forma (cf. Dik, 1997, v.1, p. 341).

³² (...) *the form does not vary with the order, and the order does not vary with the form.*

2.2.2. Estados de coisas e funções semânticas

Como já descrito, predicções nucleares são formadas com base em termos que designam entidades em algum mundo e de predicados que estabelecem propriedades de termos ou relações entre estes. Essa interação entre predicado e termo configura um estado de coisas que é definido por Dik (1997) como qualquer entidade conceptual, não apenas “alguma coisa que pode ser localizada numa realidade extra-mental ou ser dita para existir num mundo real” (Dik, 1997, v.1, p. 105)³³.

Segundo o autor, para se definir um tipo de estado de coisas, é necessário observar a natureza composicional das propriedades semânticas do predicado e dos termos. Essa tipologia de estados de coisas é descrita tendo em vista alguns parâmetros semânticos: \pm dinâmico [\pm din], \pm télico [\pm tel], \pm momentâneo [\pm mom], \pm controle [\pm con] e \pm experiência [\pm exp]³⁴.

De acordo com Dik (1997), o parâmetro da dinamicidade pode ser descrito em termos da distinção que o autor faz entre **situação** [-din] e **evento** [+din]. Um estado de coisas [-din] configura-se a partir de uma situação em que não abrange qualquer tipo de mudança das entidades abarcadas em todos os pontos temporais de tal estado de coisas. Nesse sentido, as entidades envolvidas nesse tipo de estado de coisas devem permanecer inalteradas, tendo que ser, necessariamente, as mesmas durante todo o tempo em que o estado de coisas se situa. O autor apresenta os seguintes exemplos para ilustrar essa ausência de dinamicidade:

- (i) a. *A substância estava vermelha.*
- b. *João estava sentado na cadeira de seu pai.*

Um estado de coisa [+din], por outro lado, caracteriza-se como um evento que contém em si algum tipo de mudança ou dinamismo interno. Tal dinamismo pode consistir em recorrentes parâmetros de mudança ao longo de toda a duração do estado de coisas ou numa única mudança gradativa de um ponto inicial até um final

³³ (...) *something that can be located in extra-mental reality, or be said to exist in the real world.*

³⁴ O parâmetro [\pm exp] é considerado por Dik (1997) menos relevante que os demais no que diz respeito à organização das línguas naturais e, por isso, não deve ser comparado com os outros tipos de estados de coisas.

do estado de coisas. Nos exemplos a seguir, observam-se tais propriedades de um estado de coisas dinâmico:

- (j) a. *O relógio estava batendo.*
 b. *A substância avermelhou.*
 c. *João abriu a porta.*

Para diferenciar um estado de coisas dinâmico [+din] de um [-din], Dik (1997) propõe um critério baseado em inserções de satélites que designam velocidade. Segundo o autor, um satélite como *rapidamente* pode somente modificar estados de coisas [+din], como se verifica nos exemplos a seguir:

- (k) a. *O relógio estava batendo rapidamente.*
 b. *A substância avermelhou rapidamente.*
 c. *João abriu a porta rapidamente.*

Outro parâmetro descrito por Dik (1997) é o que determina se um estado de coisas atinge ou não um ponto final. Assim sendo, um estado de coisas [-tel], (cf. exemplos [l/a.] e [l/c]), suscita a idéia de algum evento não concluso ou de algo que sempre se repete. Por outro lado, estados de coisas [+tel] (cf. exemplo [l/b]) evidenciam uma predicação em que se percebe um fim. Para o autor, esse parâmetro pode ser detectado segundo elementos lingüísticos explícitos, como a inserção de um sintagma no exemplo (l/b), ou por outros não tão explícitos, como o traço gramatical de número no exemplo (l/c) cuja ocorrência sublinha um estado de coisas [-tel].

- (l) a. *João estava pintando.* [-tel]
 b. *João estava pintando um retrato.* [+tel]
 c. *João estava pintando retratos.* [-tel]

Relacionado ao parâmetro supracitado, Dik (1997) descreve o que determina a momentaneidade de um evento. Tendo em vista esse parâmetro, os estados de coisas marcados negativamente apresentam eventos que podem ocupar qualquer ponto da duração. Um estado de coisas [-mom], por sua vez, suscita um evento sem duração, ou seja, ocupa somente o ponto final da duração. Os exemplos (m/a) e (m/b) apresentam, respectivamente, um verbo que permite a inserção de modalizadores pontuais, já que o estado de coisas em que ocorre pode ocupar qualquer ponto de duração do evento, e outro que não permite tal inserção, pois

alcançar é um verbo que integra um estado de coisas que ocupa somente um ponto de duração, ou seja, o final.³⁵

- (m) a. *João começou a / continuou a / terminou de pintar o retrato.*
 b. **João começou a / continuou a / terminou de alcançar o cume.*

O parâmetro [\pm con] sinaliza se o argumento externo é capaz ou não de controlar o estado de coisas. Com base nesse parâmetro, é possível verificar se um estado de coisas é [+con] ou [-con], conforme o grau de atuação do sujeito. Então, no exemplo (n/a), verifica-se um estado de coisas [+con], visto que o argumento *João* possui a capacidade de controlar o estado de coisas, ou seja, percebe-se uma voluntariedade em (n/a). No exemplo (n/b), no entanto, o estado de coisas é [-con], pois, além de o estatuto semântico do argumento externo ser uma entidade inanimada (*árvore*), o verbo da predicação, *cair*, configura um estado de coisas que o sujeito nunca será capaz de controlar.

- (n) a. *João abriu a porta.*
 b. *A árvore caiu.*

Segundo Dik (1997), os tipos de estado de coisas [\pm din] e [\pm tel] possuem um parâmetro [+con] e [-con] como subtipo. Dessa forma, o autor estabelece o seguinte quadro com a tipologia dos estados de coisas:³⁶

Termo geral	[+controle]	[-controle]
Situação [-din]	Posição → <i>João guardou seu dinheiro numa meia velha.</i>	Estado → <i>O dinheiro do João está numa meia velha.</i>
Evento [+din]	Ação	Processo
Evento [-tel]	Atividade → <i>João estava lendo um livro.</i>	Dinamismo → <i>O relógio estava batendo.</i>
Evento [+tel]	Realização → <i>João correu a maratona em três horas.</i>	Mudança → <i>A maçã caiu da árvore.</i>

Tabela 2: Tipologia dos estados de coisas.

³⁵ Para Dik (1997), esse parâmetro também não é relevante no que diz respeito a uma integração entre todos. O autor afirma que a análise desse parâmetro, quando necessária, será tratada separadamente.

³⁶ Para a análise da tabela, não se pode perder de vista que: **Evento** = Ação ou Processo, **Ação** = Atividade ou Realização, **Processo** = Dinamismo ou mudança, e **Situação** = Posição ou Estado.

Tendo em vista esses tipos de estados de coisas, Dik (1997) descreve as funções semânticas das predicacões verbais nucleares. Tais funções “especificam os papéis que as entidades desempenham no estado de coisas designado pela predicacão” (Dik, 1997, v.1, p. 117)³⁷.

Para o autor, na predicacão nuclear há um argumento mais central denominado de **argumento primário** (A1), que equivale ao sujeito da sentença. Pode haver também argumentos **secundários** (A2) e **terciários** (A3), a depender do número de lugares que um verbo pode licenciar. O argumento primário pode desempenhar as seguintes funções semânticas:

Agente:	A entidade controla uma Ação (= Atividade ou Realizacão).
Posicionador:	A entidade controla uma Posicão.
Força:	A entidade não controladora instiga um Processo (= Dinamismo ou Mudança).
Processado:	A entidade submete-se a um Processo.
Zero (Ø):	A entidade primariamente envolvida num Estado.

Os argumentos secundários e terciários, por sua vez, podem funcionar, semanticamente, como:

Meta:	A entidade afetada por ou sob o efeito de uma operacão de algum controlador (Agente / Posicionador) ou Força.
Receptor:	A entidade para que algo é transferido.
Localizacão:	O lugar onde algo está localizado.
Direcão:	A entidade para onde algo se move ou é movido.
Origem:	A entidade de onde algo se move ou é movido.
Referência:	O segundo ou terceiro termo de uma relacão referente ao qual a predicacão se estabelece.

Essas funções semânticas que A2 e A3 podem desempenhar relacionam-se de acordo com os requisitos do predicado. Assim sendo, marcos predicativos que contenham um verbo de dois lugares terão necessariamente uma meta ou um receptor (destinatário), enquanto os marcos predicativos com verbos de três lugares terão necessariamente uma meta e outra das cinco funções. As combinações das

³⁷ (...) specify the roles which entities play within the State of affairs designated by the predication.

funções semânticas nos marcos predicativos básicos, ou seja, entre A1, A2 e A3, podem ser representadas pelo seguinte esquema:

A1	A2	A3
Agente	Meta [Exp]	Receptor [Exp]
Posicionador		Localização
Força		Direção
Processado [Exp]		Origem
Zero [Exp]		Referência

2.2.3. Funções pragmáticas

Dik (1997) considera que, além das funções sintáticas e semânticas, as funções pragmáticas atuam na estrutura subjacente de cláusulas, especificando o *status* informacional dos constituintes em relação a um conjunto comunicativo mais amplo em que ocorrem. Para o autor, dois parâmetros são importantes para distinguir o tipo de *status* informacional: a **topicalidade**, que caracteriza “as coisas sobre o que nós falamos”, e **focalidade**, que caracteriza “as partes mais importantes e salientes das quais nós dizemos sobre o tópico” (Dik, 1997, v.1, p. 310)³⁸. Essas funções relacionam-se à informação pragmática do emissor e do destinatário e materializam-se, segundo Dik (1997), em constituintes **extra-oracionais**, ou seja, que não fazem parte da cláusula, associando-se à funcionalidade pragmática.

A noção de topicalidade relaciona-se aos assuntos tratados em um dado discurso. Certas partes serão mais centrais e outras não tão centrais, caracterizando-se como sub-partes dessas mais centrais. De acordo com Dik (1997), tais partes, ou **tópicos discursivos**, podem ser organizados hierarquicamente, de modo que é possível estabelecer uma distribuição que vai dos tópicos mais centrais aos menos centrais. O autor apresenta a constituição de um livro como exemplo, já que se pode conceber um tópico discursivo central, outros tópicos menos centrais e assim sucessivamente, formando uma rede hierárquica de tópicos discursivos. Dik salienta a idéia de que seja possível, em certas situações

³⁸ (...) *the most important or salient parts of what we say about the topical things.*

comunicativas, a ocorrência de tópicos discursivos não relacionados ao mais central, porém a coesão e a coerência são estabelecidas por meio da organização seqüencial dos tópicos.

Uma primeira apresentação de um tópico discursivo é chamada de **tópico novo** e, uma vez introduzida, a entidade descrita pode ser considerada **tópico dado**. Dik (1997) demonstra que há várias estratégias para se apresentar um tópico novo, as quais dependem do constituinte a ser topicalizado.

Estratégia	Exemplo
<u>Explicitação metalingüística</u>	<i>Eu vou contar para você uma estória sobre um elefante chamado Jumbo.</i>
<u>Reforço prosódico</u> (freqüentemente quando se quer topicalizar o objeto ou a posição de segundo argumento)	<i>No circo nós vimos um elefante chamado Jumbo.</i>
<u>Construções existenciais ou locativo-existenciais</u> (freqüentemente quando se quer topicalizar o primeiro argumento ou sujeito)	<i>Uma vez existiu um elefante chamado Jumbo.</i> <i>Há muito tempo, no meio da selva africana, viveu um elefante chamado Jumbo.</i>
<u>Expressões que designam o modo como o novo tópico “aparece em cena”</u>	<i>De repente, bem diante dos nossos olhos, apareceu um feroz elefante.</i>

Tabela 3: Estratégias de apresentação de tópico novo.

Cumpra salientar que as estratégias relatadas explicitam maneiras de apresentação por meio de termos indefinidos. No entanto, a determinação ou a indeterminação do novo tópico depende da informação pragmática que o destinatário já tenha sobre o tópico. Assim sendo, um tópico, como o que está destacado no exemplo (o), é perfeitamente aceitável como novo, entendendo que *Maria* é a irmã do destinatário (informação obviamente conhecida por ele).

- (o) *Ontem num pub eu conheci sua irmã Maria.*

No que tange às estratégias de manutenção do tópico discursivo apresentadas por Dik (1997), destaca-se a referência anafórica, cujo princípio consiste na retomada do tópico por meio de anáforas.

A respeito da função pragmática de **foco**, Dik (1997) comenta que ela é considerada pelo falante a parte mais essencial do ato comunicativo, pois o elemento ou a estrutura focalizada deve, imprescindivelmente, integrar a informação pragmática do destinatário. Nesse sentido, o falante lança mão de estratégias pragmáticas para salientar o que não deve faltar à informação pragmática do destinatário.

De acordo com Dik (1997), a focalidade pode ser manifestada de diferentes maneiras, mas a **proeminência prosódica** é a principal, pois é possível conferi-la nas outras estratégias. Segundo o autor, os meios de manifestação de focalidade são:

- (i) proeminência prosódica: acento enfático em (ou em parte do) constituinte focalizado (ex. *João ama MARIA*);
- (ii) ordem especial do constituinte: posição especial para o constituinte focalizado na ordem linear da cláusula (*MARIA João ama*);
- (iii) marcadores de foco especiais: partículas que fazem com que o constituinte foco se destaque do restante da cláusula (*João ama* [marcador de foco] *MARIA*);
- (iv) construções de foco especiais: construções que intrinsecamente definem um constituinte específico como o detentor da função foco (*É a MARIA quem o João ama*) (Dik, 1997, v.1, p. 327)³⁹.

Dois parâmetros são importantes para analisar as subcategorias da focalidade numa dada língua. Para Dik (1997), é preciso que se considere (a) o escopo da função de foco, ou seja, qual parte da estrutura subjacente de cláusulas está em foco e (b) o ponto comunicativo do foco, isto é, quais razões pragmáticas subjazem a atribuição de foco a alguma parte relevante da estrutura subjacente de cláusulas.

³⁹ (i) *prosodic prominence: emphatic accent on (part of the) focused constituent;*
(ii) *special constituent order: special positions for Focus constituents in the linear order of the clause;*
(iii) *special Focus markers: particles which mark off the Focus constituent from the rest of the clause;*
(iv) *special Focus constructions: constructions which intrinsically define a specific constituent as having the Focus function.*

A informação focalizada pode ter diferentes escopos, como (π) operadores (em particular, operadores de tempo, modo, aspecto e polaridade⁴⁰), predicado e termos (sujeito e outros). As razões pragmáticas para que se focalize determinado constituinte distribuem-se em sete. Na tabela a seguir, apresentam-se tais razões, as definições e o respectivo exemplo:

Razões	Definição	Exemplo
Foco de questionamento	O falante possui uma informação falha que ele presume ser do conhecimento do destinatário. Para tanto, o falante faz uma pergunta do tipo <i>sim/não</i> ou por meio de um pronome interrogativo.	–
Foco completo	O destinatário possui uma informação falha X que será sanada pela falante que, possuidor da informação X, preencherá tal lacuna.	–
Foco rejeitado	O destinatário possui parte de uma informação X que o falante considera errada. Então, este corrige a parte de informação rejeitando-a.	D: <i>João comprou maçãs.</i> F: <i>Não, ele não comprou MAÇÃS.</i>
Foco substituído	O falante presume que o destinatário possua alguma parte incorreta da informação X, que é substituída por alguma parte correta de informação Y.	D: <i>João comprou maçãs.</i> F: <i>Não, ele comprou bananas.</i>
Foco expandido	O falante presume que o destinatário possua uma parte correta de informação X, mas que X não está completa. O falante sabe que há uma parte de informação Y relevante para o conhecimento do destinatário.	D: <i>João comprou maçãs.</i> F: (a) <i>João não comprou somente MAÇÃS, ele também comprou BANANAS.</i> (b) <i>Sim, mas ele também comprou BANANAS.</i>
Foco “restringido”	O falante presume que o destinatário possua uma parte correta de informação X, mas acredita, incorretamente, numa parte de informação Y. O falante corrige o destinatário restringindo a informação a qual considera correta.	D: <i>João comprou maçãs e bananas.</i> F: (a) <i>Não, ele não comprou BANANAS, ele apenas comprou MAÇÃS.</i> (b) <i>Não, ele apenas comprou MAÇÃS.</i>
Foco selecionado	O falante presume que o destinatário acredita que X ou Y é correto, mas não sabe qual. O destinatário, então, formula uma questão em que ofereça as opções para o falante.	D: <i>Você gostaria de café ou chá?</i> F: <i>Café, por favor.</i>

Tabela 4: Relação das motivações pragmáticas da focalidade.

⁴⁰ Foco na polaridade consiste no reforço em constituintes que definem a afirmação ou a negação da sentença ou de alguma(s) parte(s) dela. A partir do exemplo apresentado por Dik (1997), não é possível estabelecer correspondência com o português, já que nesta língua não há um verbo auxiliar de pretérito, e sim morfemas. O exemplo é o seguinte:

X: *Peter solved the problem.*

Y: *He did NOT solve the problem.*

X: *He did solve the problem.*

2.2.4. Predicações com *cópula-suporte*

Dik (1997) propõe também regras de expressão para descrever as predicações nominais. Nessas, o autor salienta o papel dos verbos copulativos, ou de ligação. Dik demonstra que os verbos copulativos são chamados de suporte, pois carregam os operadores de tempo, aspecto e modo. A regra de expressão que caracteriza esse tipo de verbo pode ser conferida no seguinte esquema:

CÓPULA-SUPORTE

<i>input:</i>	π predicado [Tipo] (x_1) (x_2) ... (x_n)
condições:	$\pi = \dots$ Tipo = ... [outras condições]
<i>output:</i>	π cópula [V] predicado [Tipo] (x_1) (x_2) ... (x_3)

Um verbo copulativo é introduzido tendo em vista as propriedades da sentença, tais como os operadores (π), o tipo de predicado (adjetival, nominal ou adverbial) e outras condições como a pessoa gramatical. Como uma primeira aproximação da descrição da *cópula-suporte* no inglês, Dik (1997) formulou a seguinte regra de expressão, correspondente ao exemplo (p):

CÓPULA-SUPORTE EM INGLÊS: *BE* - SUPORTE

<i>input:</i>	π predicado [Tipo] (x_1) (x_2) ... (x_n)
condições:	$\pi =$ Modo, Tempo e Aspecto Tipo \neq (diferente de) V
<i>output:</i>	π <i>be</i> [V] predicado [Tipo] (x_1) (x_2) ... (x_3)

- (p)
1. Past e_1 : *intelligent* [A] (d1 x_1 : *John* [N]) \emptyset
 2. Past e_i : *be* [V] *intelligent* [A] (d1 x_i ; *John* [N]) \emptyset
 3. *John was intelligent.*

De acordo com Dik (1997), o verbo de cópula só integra a regra de expressão quando as categorias que suporta forem necessárias para sentença. Nesse sentido, algumas frases nominais são inteligíveis sem que haja operadores marcando tempo,

modo e aspecto. Em outras sentenças, no entanto, essas categorias são requisitadas e, para tanto, conta-se com o verbo *cópula-suporte*.

Vale ressaltar que no português, assim como no espanhol, os verbos de cópula *ser* e *estar* suportam, além das categorias gramaticais de tempo, modo e aspecto, propriedades semânticas que os diferenciam. A *ser*, atribui-se a noção de estado permanente e a *estar*, estado transitório. Hengeveld (1986) *apud* Dik (1997, v.1, p. 201-202) sugere que as diferenças semânticas desses verbos sejam comparadas por meio do parâmetro semântico [±] progressivo.

2.3. O Processo de Gramaticalização

O fenômeno da gramaticalização é, tradicionalmente, associado a um processo de recategorização lingüística – uma forma ou estrutura que se vincula a uma determinada categoria lexical ou gramatical passa a pertencer, respectivamente, a uma categoria gramatical ou outra mais gramatical ainda, devido a motivações, sobretudo, de ordem comunicativa e cognitiva. O fundamento básico está no fato de que o usuário manifesta sua intenção comunicativa por meio da expressão lingüística e, de modo que os elementos já existentes são reconfigurados a fim de se prestarem a uma nova proposição. Estudos sobre gramaticalização, pois, atêm-se, de maneira geral, à explicação do exercício de funções mais gramaticais por elementos que antes não cumpriam tal papel.

A instituição do termo **gramaticalização** é atribuída a Meillet (1912 *apud* Heine *et alii*, 1991, p. 9), que argumentou a favor da idéia de que existem dois caminhos para o surgimento de novas formas: via inovação analógica (sem interferência no sistema) ou via gramaticalização (com interferência no sistema). Embora Meillet estabeleça distinções discretas, para ele, há um *continuum* configurado por um pólo mais concreto e outro mais abstrato. Com Givón (1979), os estudos sobre gramaticalização ganham uma nova perspectiva de análise (basicamente a que se tem hoje), sob a hipótese geral de que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. Tal premissa foi ampliada de modo que o discurso recebeu relevância dentro do processo de mudança lingüística: “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”.

Diversos pressupostos teóricos, especialmente os da área do Funcionalismo⁴¹, conceituam gramaticalização, de maneira diversa, aplicando tais noções em estudos sobre o percurso de mudança de um dado item ou estrutura da língua. Nesta investigação, utilizam-se os pressupostos sobre gramaticalização que oferecem explicação para os usos de *ir* como verbo auxiliar, verbo copulativo e elemento de valor pragmático. Assim sendo, os referenciais teóricos acerca do fenômeno de gramaticalização se configuram com base (i) nas premissas gerais de Heine *et alii* (1991), especialmente, naquelas em que eles atribuem à cognição e à pragmática a motivação de gramaticalização; (ii) nos pressupostos de Heine (1993) e Travaglia (2002) sobre as etapas de auxiliarização; e (iii) na associação da frequência de uso à mudança categorial (Bybee, 2003). Outro aspecto relevante para a delimitação do processo de gramaticalização é o conceito de categorização lingüística, cujo enfoque se pauta na descrição de Taylor (1995).

2.3.1. Motivações de ordem cognitiva e pragmática

Elementos e/ou construções lingüístico(a)s, ao especializarem-se numa categoria mais funcional, evidenciando um processo de gramaticalização, perdem e ganham certas propriedades sintático-semânticas, já que, no decorrer dessa alteração, há uma adequação desses elementos ao novo papel que desempenharão na língua. Heine *et alii* (1991) postulam que as motivações de ordem cognitiva e pragmática são muito relevantes para a explicação do uso de elementos e/ou estruturas [- gramaticais] em funções [+ gramaticais].

Dentre algumas estratégias cognitivas apresentadas por Heine *et alii* (1991) para explicar novos usos lingüísticos, duas, especialmente, interessam a esta pesquisa; a saber: (i) composição e derivação de novas expressões a partir de formas lexicais e gramaticais já existentes e (ii) extensão de uso de formas existentes para a expressão de novos conceitos por meio de transferência analógica, metonímia e metáfora.⁴² Essas estratégias resumem, mais basicamente,

⁴¹ Vale comentar que o processo de gramaticalização não é um fenômeno observado exclusivamente sob uma perspectiva funcionalista. Trabalhos, como o de Coelho (2006), abordam tal processo numa ótica formalista.

⁴² Os autores mostram que é possível combinar estratégias (cf. todas em Heine *et alii*, 1991, p. 27), assim sendo, as estratégias (i) e (ii) podem ocorrer separadamente ou de combinadamente.

o processo cognitivo pelo qual falante e destinatário se submetem para, respectivamente, criar ou adaptar novas expressões lingüísticas e interpretá-las.

Heine *et alii* (1991) apresentam algumas hipóteses para explicar a gramaticalização com base em motivações cognitivas. A primeira refere-se à idéia de que, no decorrer do processo de gramaticalização, a formação conceptual precede a denominação. A segunda relaciona-se à premissa de que o uso de uma determinada forma lingüística em um novo conceito envolve um processo por meio do qual dois conceitos distintos são metaforicamente iguados. A terceira hipótese, por fim, é a de que transferência conceptual é um ato criativo. Para os autores, criatividade:

exige dos falantes a manipulação de contextos e conceitos de uma forma inteligível, de modo que seja eventualmente adotada pela comunidade de fala. A direção dessa manipulação é diferente de um caso para outro. (Heine *et alii*, 1991, p. 93)⁴³

Uma transferência conceptual pressupõe um conceito fonte (*input*) e outro alvo (*output*). Estruturas-fonte caracterizam-se, basicamente, por (i) serem mais salientes semanticamente e (ii) representarem domínios mais concretos e, conseqüentemente, o nível mais básico de categorização. Estruturas-alvo, por outro lado, apresentam menos saliência semântica e um maior grau de abstratização. A tabela a seguir baseada em Sapir (1921 *apud* Heine *et alii*, 1991, p. 42) mostra a relação entre os tipos de conceitos e os graus de abstratização.

Tipo de conceito	Graus de abstratização
I. Básico (concreto)	Concreto
II. Derivacional	Pouco concreto
III. Relacional concreto	Mais abstrato
IV. Relacional puro	Puramente abstrato

Tabela 5: Relação entre tipos de conceitos e graus de abstratização.

⁴³ *Creativity requires speakers to manipulate contexts and concepts in a way that is intelligible and is eventually adopted by the speech community. The direction such a manipulation takes differs from one case to another.*

As transferências de um domínio conceptual para outro podem ocorrer por meio da **metáfora** e da **metonímia**. A primeira consiste numa atividade cognitiva que permite a correlação entre dois domínios distintos da experiência humana, gerando, a partir de entidades concretas (domínios espaciais), conceitos mais abstratos (domínios temporais). A segunda é definida pelos autores como “uma figura de linguagem em que o nome de uma entidade é usado para se referir a outra entidade contígua” (Heine *et alii*, 1991, p. 61).

Gramaticalização é um processo, portanto, que se sustenta, basicamente, em dois componentes: o cognitivo e o pragmático. No primeiro, porque o surgimento de categorias mais gramaticais envolve transferências conceptuais, que são atividades cognitivas. E no segundo, pois a metonímia, por exemplo, propicia uma associação entre objetos em que se podem verificar vários estágios, e um deles é o da ambigüidade cuja solução se encontra no contexto discursivo.

2.3.2. Gramaticalização de verbos auxiliares

Heine (1993, p. 28) mostra que os auxiliares expressam conceitos gramaticais relacionados ao estado temporal (tempo), o contorno temporal (aspecto) e o tipo de realidade (modalidade) de conteúdos proposicionais. Para o autor, as expressões lingüísticas para esses conceitos são derivadas de formas de expressão para umas noções gerais que podem ser expressas lingüisticamente por alguns verbos, que são parte de um conceito complexo maior chamado por Heine de **esquemas de eventos**.

- a. Lugar (onde alguém está): *estar em, ficar em, viver em, permanecer em* etc.;
- b. Movimento (para/de/através de onde alguém se move): *ir, vir, mover, passar* etc.;
- c. Atividade (o que alguém faz): *fazer, pegar, continuar, começar, terminar, agarrar, pôr* etc.;
- d. Desejo (o que alguém quer): *querer, desejar* etc.;
- e. Postura (a maneira como o corpo de alguém está situado): *sentar, estar (em pé), deitar* etc.
- f. Relação (o que alguém se parece; a que alguém está associado; alguém pertence a): *ser (como), ser (parte de), estar acompanhado por, estar como* etc.
- g. Posse (o que alguém possui): *conseguir, possuir, ter* etc.

Heine (1993) distingue os **conceitos de origem**, correspondentes a objetos concretos, processo ou localização, dos **esquemas de eventos** ou **proposições de origem**, que se associam aos conteúdos estereotipados que descrevem situações aparentemente básicas para experiência e comunicação humanas e são expressas lingüisticamente por meio de um predicado (termo predicante) vinculado a variáveis (termos regidos por ele). Cada elemento desse esquema é chamado pelo autor de **entidade**, que apresenta um conceito simples. Uma proposição, portanto, como *x vê y* pode ser compreendida, segundo Heine (1993, p. 31), como um esquema de evento, já que há uma entidade chamada de predicado (*vê*) associada a outras duas entidades chamadas variáveis (*x* e *y*). Os principais esquemas de eventos que são relevantes para a compreensão do comportamento das construções com auxiliares podem ser observados a seguir:

Forma conceptual	Classificação da proposição
a. <i>X está em Y</i>	Localização
b. <i>X move para/de Y</i>	Movimento
c. <i>X faz Y</i>	Ação
d. <i>X quer Y</i>	Volição
e. <i>X torna-se Y</i>	Mudança de estado
f. <i>X é (como) Y</i>	Equação
g. <i>X está com Y</i>	Companhia
h. <i>X tem Y</i>	Posse
i. <i>X está como Y está</i>	Modo

Tabela 6: Os principais esquemas de eventos que funcionam como fontes para as categorias gramaticais de tempo e aspecto, conforme Heine (1993, p. 31).

De acordo com Heine, esses esquemas não são igualmente básicos. Evidências históricas sugerem que alguns desses esquemas podem ser derivados de outros e que localização, movimento e ação são os esquemas mais básicos, pelo motivo de constituírem esquemas de eventos de conceptualizações humanas mais salientes que outros.

O esquema de localização desenvolve geralmente aspectos progressivos. Foram analisados em diversas línguas do mundo verbos que indicam posturas como *sentar*, *estar de pé* e *deitar*, e verbos durativos como *viver* e *ficar* + preposições que

indicam lugar. Na língua celta, por exemplo, a proposição *X está depois de Y* gerou a noção de aspecto perfeito (cf. Heine, 1993, p. 34).

O esquema de movimento envolve, sobretudo, os verbos *ir* e *vir* como predicados, mas, a essa lista de dois, podem ser acrescentados outros como *mover(-se)*, *andar*, *passar*, *chegar* e *partir/deixar*. Heine exemplifica esse esquema com uma ocorrência do inglês (*be going to*), que indica futuro, e do francês (*venir de*), que indica passado, e, assim, defende a idéia de que o esquema de movimento é mais comumente associado às categorias de tempo.

O esquema de ação é menos comum nas línguas em geral e envolve normalmente o verbo *acabar*. *X acabou/terminou Y* e é freqüentemente empregado para desenvolver o aspecto perfeito ou terminativo.

Heine (1993) descreve que os conceitos concretos ou esquemas de eventos são tratados como **itens de origem** (*source items*) e os conceitos gramaticais formados a partir daqueles são tratados como **itens alvos** (*target items*). Embora o autor proponha estágios intermediários, a transição de um conceito de origem para um alvo não é um processo discreto, e sim, contínuo. Dessa forma, a concepção que se deve ter desses estágios intermediários é a de posições fluidas e graduais.

Quando uma expressão usada para um conceito de origem lexical é transferida para designar um conceito alvo gramatical, o resultado é uma ambigüidade, pois a mesma expressão refere-se simultaneamente a dois conceitos diferentes. Com base em exemplos com a construção *is going to*, Heine (1993, p. 48) explica que, até o verbo *to go (ir)* apresentar características evidentes de um elemento gramatical, tal verbo passa por diversos estágios, inclusive, um ambíguo em que é possível interpretar um evento de movimento ou um de tempo futuro. Essa ambigüidade é uma etapa necessária na reanálise de verbos como auxiliares.

Estágio:	I	II	III
	John is going to town soon	John is going to work soon	John is going to get sick soon
Conceito:	Fonte	Fonte Alvo	Alvo

Figura 7: Formação de *going to* designador de tempo futuro, através de um *continuum* configurado pelos pólos *source* (origem) e *target* (alvo); (Heine, 1993, p. 49).

O modelo de transição apresentado na figura anterior pode ser analisado numa perspectiva diacrônica, entendendo tal processo como um desenvolvimento ao longo do tempo, ou sincrônica, entendendo que os três usos referentes aos estágios (I, II e III) convivem numa mesma sincronia. Segundo o princípio de divergência, descrito por Hopper (1991), usos lexicais e instrumentais (gramaticais) de uma mesma unidade lingüística podem coexistir. Esse argumento ratifica a idéia de que gramaticalização é um processo de mudança lingüística que pode tanto ser observado no eixo diacrônico, como no sincrônico (em pancronia, nos termos de Saussure, 1977).

Outro aspecto relevante descrito por Heine (1993) sobre esse processo de mudança pelo qual passam alguns verbos, como *to go*, são as características morfossintáticas e fonológicas desses estágios representados pelos conceitos fonte, fonte/alvo (ambíguo) e alvo. Do ponto de vista morfossintático, o pólo do *continuum* caracterizado como fonte (estágio I) reúne os elementos com seu conteúdo semântico-lexical totalmente preenchido, enquanto no estágio III, ou conceito alvo, encontram-se os elementos de valor gramatical. O estágio II pode ser considerado uma categoria híbrida, por comportar aspectos que permitem uma interpretação lexical ou gramatical. Do ponto de vista fonológico, Heine acredita numa gradual erosão da forma lingüística, acompanhando, proporcionalmente, o processo de abstratização gradativa observado no modelo de transição de conceito fonte para conceito alvo.

Estágio:	I	II	III
Morfossintaxe:	Verbal	Verbal/Gramatical	Gramatical
Expressão da forma fonológica	Completa	Completa/Reduzida	Reduzida

Figura 8: Implicações morfossintáticas e fonológicas do processo de mudança *verbo > auxiliar*.

2.3.2.1. Estágios de gramaticalização de verbos

Heine (1993) apresenta o pressuposto de que há sete estágios diferentes de gramaticalização de elementos verbais, pautando-se em quatro fenômenos básicos, que afetam diferentes planos de estruturação lingüística, para a compreensão desse

processo de mudança: **dessemantização** (semântica), **deategorização** (morfossintaxe), **cliticização** (morfofonologia) e **erosão** (fonética).

Dessemantização refere-se ao processo pelo qual, em contextos específicos, um item lexical perde tal conteúdo e adquire uma função gramatical. Esse desenvolvimento, segundo Heine, pode ser explicado por meio dos seguintes estágios:

- I. O sujeito é tipicamente humano, o verbo expressa um conceito lexical e o complemento, um objeto concreto ou um lugar.
- II. O complemento passa a expressar uma situação dinâmica.
- III. O sujeito não é mais associado com referentes humanos, e o verbo adquire uma função gramatical. (Heine, 1993, p. 54)⁴⁴.

O processo de deategorização envolve a perda de certas propriedades morfológicas e sintáticas pela qual passam, entre outros itens, alguns verbos. Quando um elemento verbal, pertencente, originalmente, a uma categoria lexical se gramaticaliza, ele perde características lexicais primárias para adquirir outras secundárias de uma categoria gramatical de auxiliar. O processo de deategorização, segundo Heine, é o resultado da transposição de [sujeito – verbo – complemento] para [sujeito – marcador gramatical (auxiliar) – verbo principal].

Como consequência da deategorização, a unidade lingüística em processo de gramaticalização, ganha propriedades de um marcador gramatical de tempo, aspecto ou modalidade. Nessa função, esse item verbal passa a ocupar uma posição adjunta ao verbo principal. Assim como os clíticos pronominais, os auxiliares caracterizam-se por terem a aparência de um apêndice morfofonológico, formando, junto com o verbo principal, um único vocábulo fonológico⁴⁵.

A esses processos de mudanças de ordem semântica (dessemantização) e morfossintática (deategorização e cliticização), junta-se a erosão fonética, que corresponde à perda de massa fonética da forma lingüística. De acordo com Heine, essa erosão da substância fônica provoca a perda do tom distintivo ou acento.

⁴⁴ I. *The subject is typically human, the verb expresses a lexical concept and the complement a concrete object or location.*

II. *The complement comes to express a dynamic situation.*

III. *The subject is no longer associated with willful/human referents and the verb acquires a grammatical function.*

⁴⁵ Para o aprofundamento da noção de vocábulo fonológico, cf. Camara Jr. (1970, p. 62-64).

Com base nesses quatro fenômenos que podem acompanhar um item verbal durante seu processo de mudança, Heine (1993) elencou sete estágios de gramaticalização, designados como: Estágio A, Estágio B e assim por diante até o Estágio G. Esses estágios foram formulados tendo em vista um *continuum* chamado *Verb-to-TAM*, que é uma representação do percurso de mudança pelo qual as unidades lingüísticas passam de **verbo** a marcador de **Tempo**, **Aspecto** e **Modalidade (TAM)**.

O Estágio A é o dos esquemas de origem (objetos concretos, processos ou localizações). Os verbos apresentam seu significado lexical completo e possuem complemento que configura algum esquema de eventos, como os já mencionados anteriormente. Os exemplos apresentados por Heine (1993, p. 59) representam, respectivamente, localização, movimento, ação e volição:

1. a. Judy está na estação.
b. O trem veio de Hamburgo.
c. Ele pegou o trem.
d. Meu amigo precisa de um ingresso.⁴⁶

No Estágio B, há os primeiros sinais de auxiliaridade, pois se observa um evento sob a forma não finita como complemento do verbo e a identidade do sujeito, entre o verbo e o complemento, não é um requisito obrigatório. Heine (1993, p. 59) apresenta os seguintes exemplos:

2. a. Ele evitou pegar o trem.
b. Ele arrependeu-se de ter me magoado.

No Estágio C, o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, e o verbo passa a expressar apenas noções de tempo, aspecto ou modalidade. A ligação entre verbo e complemento é tão significativa que ambos representam uma única unidade semântica e fazem referência às mesmas entidades envolvidas na predicação (os termos projetados pelo predicado).

3. Eu quero ir.

⁴⁶ Todos os exemplos foram retirados de Heine (1993).

No Estágio D, estão os verbos que perderam a capacidade de formar imperativos, de ser nominalizados ou de integrar uma sentença na voz passiva. Seus complementos são sempre um verbo ou no infinitivo ou no gerúndio.

3. Ele costuma reunir sua correspondência diariamente.

No Estágio E, o item não é mais considerado verbo. Ele perde a capacidade de ser negado e de ser usado em diferentes posições na cláusula. Um item no Estágio E é híbrido, porque perde propriedades verbais, mas ganha outras. Segundo Heine (1993, p. 63), os modais do inglês como *can*, *may*, *should* e *would* estão nesse estágio.

No Estágio F, o verbo perde as características verbais remanescentes. É um elemento instrumental dentro da gramática e seu complemento passa a ser interpretado como verbo principal. O item verbal passa a ser um morfema preso, no entanto, os resíduos morfossintáticos permitem recuperar a estrutura original.

O Estágio G é o final da gramaticalização: o afixo torna-se uma flexão, não apresentando tom ou acento diferentes do outro verbo.

Como se pôde observar, a categoria chamada **auxiliar** compreende diversos estágios de gramaticalização. Para Heine, o auxiliar é um item lingüístico que codifica um conjunto de usos ao longo do *continuum verb-to-TAM* (verbo > flexão). O auxiliar não é um elemento final desse *continuum*, e sim, uma categoria intermediária, havendo a possibilidade de se tornar um afixo ou uma flexão. Sendo uma categoria intermediária, exhibe características de estágios intermediários entre o verbo pleno e a flexão: (i) o auxiliar faz parte de um grupo de entidades usadas para expressar tempo, aspecto, modalidade etc.; (ii) apresenta morfossintaxe verbal; (iii) o verbo principal, historicamente complemento, é uma forma invariável, enquanto o auxiliar é responsável pelas marcas gramaticais de pessoa, número, negação etc., desde que não haja outro verbo auxiliar no complexo com essas marcas como na perífrase (*Vou ter escrito*) em que *ter* é auxiliar canônico, no entanto, é *ir* que possui as marcas gramaticais; (iv) o auxiliar, como resultado do processo de decategorização, ocupa um lugar fixo na cláusula e exhibe um comportamento verbal reduzido, perdendo a capacidade de ser apassivado, de apresentar-se de forma

imperativa etc.; e (v) como resultado da erosão, o auxiliar não apresenta acento próprio.

Outra cadeia de gramaticalização de verbos utilizada neste estudo é a proposta por Travaglia (2002 / 2003). Para o autor, os verbos, ao serem afetados pelo processo de gramaticalização, passam pelas etapas demonstradas na figura a seguir, em que o ponto de interrogação indica, segundo o autor, a necessidade de se pesquisar se o verbo de ligação altera para a etapa subsequente.

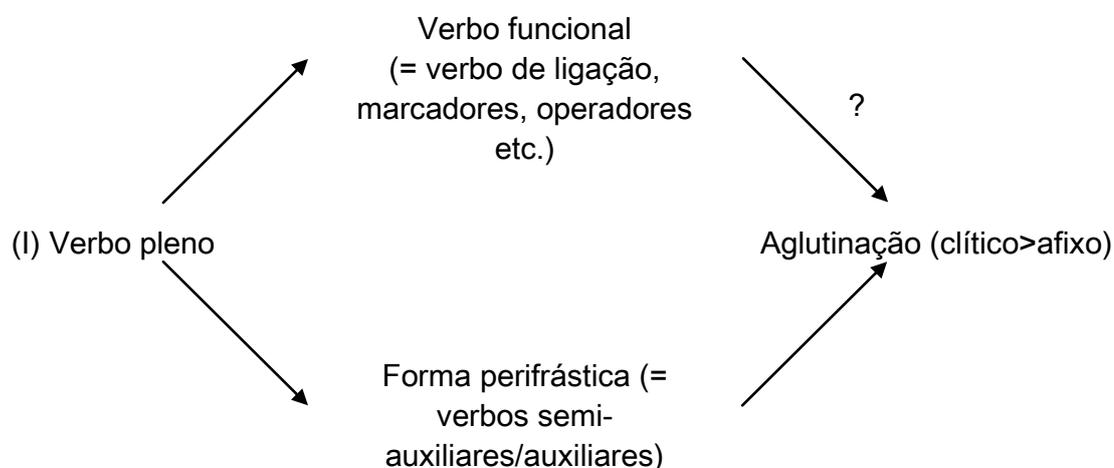


Figura 9: Cadeias de gramaticalização de verbos, segundo Travaglia (2002).

Assume-se, juntamente com Travaglia (2002), que a trajetória de gramaticalização que caracteriza os verbos auxiliares não é a mesma da que caracteriza os verbos de ligação. Assim, as etapas de gramaticalização seguem duas trajetórias: (i) verbo pleno > forma perifrástica⁴⁷ > aglutinação, e (ii) verbo pleno > verbo funcional⁴⁸ (de ligação) > aglutinação.

De acordo com Travaglia (2003), os verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização podem apresentar alguma(s) das seguintes características, conforme seu valor, uso ou função:

- a) **Indicadores** – verbos que expressam uma noção semântica muito geral e, portanto, são passíveis de se vincularem a uma categoria mais gramatical. Nesse grupo, estão os verbos que Travaglia (1991, p. 61-

⁴⁷ O autor denomina esse estágio de **forma perifrástica**, no entanto, neste estudo, entende-se por perífrase a estrutura formada em função de, pelo menos, um verbo (semi-)auxiliar e um auxiliado.

⁴⁸ Com base em Travaglia (2003), entende-se por verbo funcional aquele elemento que, embora não possua funções lexicais, não é auxiliar ou semi-auxiliar.

62) nomeou de **auxiliares semânticos** cujo grau de gramaticalização os torna os “mais lexicais” dos três.

- b) **Marcadores** – verbos que marcam alguma categoria gramatical do verbo ou de outra classe, embora marquem geralmente informações gramaticais de tempo, voz, modalidade, aspecto etc. Esse *status* representa um grau mais avançado de gramaticalização em relação ao indicador.
- c) **Funcionais** – verbos que não marcam uma categoria gramatical dos verbos nem de outras classes, mas desempenham, nos textos e outras seqüências lingüísticas, função para a organização interna da língua, ou seja, para a gramática. Nesse grupo, Travaglia (2003, p. 99) inclui marcadores conversacionais, operadores argumentativos, ordenadores textuais, os marcadores de realce ou relevância.

2.3.3. Gramaticalização e discursivização

A concepção acerca do processo de gramaticalização, como se observou na subseção anterior, está bem consolidada na literatura lingüística em geral, tanto que não há dissonâncias consideráveis quanto à sua conceituação e a suas aplicações (cf. Heine *et alii*, 1991; Heine, 1993; Lehmann, 1995; e Martelotta *et alii*, 1996). Por outro lado, a noção de *discursivização* tem-se fundamentado em concepções (mais ou menos) dissonantes na literatura lingüística, principalmente no que tange à sua aplicação.

De acordo com Martelotta (2004), discursivização é um processo que

leva o item a adquirir função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, servindo para preencher vazios ou interrupções, causados por essa perda de linearidade. (Martelotta, 2004, p. 83)

O autor relaciona tal processo ao uso, apenas, de alguns marcadores discursivos. Nesse sentido, elementos lingüísticos como *né*, *então*, *tá* e outros possuem uma função pragmática, isto é, uma função interativa com fins de organização do discurso, não exibindo, assim, propriedade alguma gramatical.

Autores como Traugott (1995), Valle (2001), Travaglia (2003) e Tavares (2003), entretanto, relacionam a utilização dos marcadores discursivos ao processo de gramaticalização, por entenderem que, no uso desses itens, há restrições gramaticais operando sobre eles.

Esse problema teórico separa de um lado o pensamento de que gramaticalização dá conta dos usos dos marcadores discursivos e, do outro, o pensamento de que o comportamento desses itens lingüísticos não condiz com as propriedades de elementos gramaticais. Tais perspectivas discordantes evidenciam os limites entre gramática e discurso/pragmática. Traugott (1995, p. 5) salienta o fato de se repensarem os limites da gramática. A autora defende que a pragmática deve ser incluída na gramática, assim como estão a fonologia, a morfossintaxe e a semântica⁴⁹. Dessa forma, ainda que formas ou estruturas adquiram valor pragmático, continuam a atuar no plano gramatical. Por outro lado, para os que advogam a existência de discursivização, separadamente de gramaticalização, como fazem Martelotta (2004) e Castilho (1997), por exemplo, esses elementos com características pragmáticas não participam da constituição da gramática.

Assim, para o desenvolvimento desta discussão acerca da distinção ou aproximação dos conceitos de gramaticalização e discursivização, parte-se de um problema: O que se concebe como léxico, gramática e discurso?

O processo de gramaticalização pode corresponder a uma mudança de um campo lexical para um instrumental. Entende-se, então, a partir do rótulo “gramaticalização”, que os elementos que compõem o léxico não fazem parte da definição de gramática em que se baseiam os estudos sobre gramaticalização.

No léxico, concentram-se os elementos que fazem referência ao mundo biopsicofisicossocial, ou seja, são as palavras que, em vista da sua sinalização semântica, relacionam-se com o mundo real ou algum mundo suposto. No plano lexical, os seres animados e inanimados, reais e imaginários são conceptualizados.

Castilho (2003, p. 12) define léxico como “um conjunto de propriedades cognitivas abstratas, potenciais, prévias à enunciação”, e, de acordo com o autor,

⁴⁹ Dik (1997), como se pode observar no Capítulo 2 desta dissertação, compartilha a mesma opinião.

combinando tais propriedades é possível obter diferentes classes de palavras distribuídas num dicionário sob a forma de um nome, advérbio, uma conjunção etc.

Segundo os pressupostos da *Gramática Gerativa*, na estrutura profunda, encontra-se, exclusivamente, o léxico que, por meio de operações sintáticas, será pronunciado numa estrutura superficial em sentenças bem formadas, do ponto de vista do sistema lingüístico. Essa definição da lingüística formal para o léxico não difere de modo relevante da definição aqui assumida para o pólo lexical que serve de ponto de partida para o fenômeno de gramaticalização, visto que, só nas operações sintáticas, elementos de organização frasal, como conectivos, preposições, morfemas etc., atuam. Nesse modelo, de ordem formal, nota-se a clara distinção entre o que é léxico (estrutura profunda) e o que é gramática (operações sintáticas que levam à estrutura superficial).

Lehmann (2002) apresenta uma distinção entre classes de palavras lexicais e gramaticais. O autor mostra que, em alguns casos, delimitar uma fronteira entre o que é uma classe lexical e o que é gramatical é difícil, por conta de sentidos especiais que determinados elementos lexicais podem assumir. Para o autor, uma classe, como a das preposições, por exemplo, pode tanto conter elementos do léxico como da gramática, já que certos itens pertencentes a essa classe suscitam um valor semântico que não confere com as propriedades de formas gramaticais.

lexical			grammatical		
Category	example	meaning	category	example	meaning
Noun	posesión	possession	Pronoun	suyo	his
Adjective	rojo	red	Pro-adjective	tal	such
Verb	existir	exist	Auxiliary	estar	be
Adverb	atrás	behind	Deictic adverb	ahí	there
Preposition	trás	behind	Gram. prep.	de	of
Conjunction	mientras	while	Subordinator	que	that

Quadro 4: Relação das classes de palavras lexicais e gramaticais, de acordo com Lehmann (2002, p. 8).

Em síntese, léxico, para os estudos sobre gramaticalização de orientação funcionalista (especialmente para este), não é, como no significado estrito, um conjunto extenso de todas as palavras de uma língua, e sim um nível lingüístico que

comporta os itens alusivos ao plano extralingüístico, assim como à função lingüística dos termos (semântica: papéis semânticos, e sintática: a natureza da relação de dependência ou predicação).

Entende-se que o léxico é a interseção entre língua e realidade, já que, nesse nível, as palavras captam, sob alguma medida, uma realidade factível ou virtual. A gramática, por outro lado, comporta aqueles elementos de valor instrumental ou operacional que têm uso regular na estruturação de expressões lingüísticas, mas que não se prestam necessariamente à indicação de qualquer realidade externa à língua ou participante desta. Assim, função gramatical significa que uma forma lingüística desempenha um papel para a organização da própria língua. De acordo com Martelotta *et alii* (1996) elementos do plano gramatical caracterizam-se por apresentarem

regularidades que se manifestam nas relações de ordenação vocabular e de regência, nas relações de concordância de gênero e número para os pronomes, substantivos e adjetivos e nas relações de número e pessoa e atribuição de modo, tempo, aspecto e voz para os verbos. (Martelotta *et alii*, 1996, p. 46).

Como se observou, existem classes de palavras que constituem um campo lexical e outras que expressam informações gramaticais, como número, pessoa tempo etc.; é possível, no entanto, afirmar que há palavras com função para evidenciar algum aspecto do discurso? Se a resposta se pautar no ponto de vista comunicativo, certamente, ela será positiva e, ainda, com muitos adendos. Se a atividade discursiva é a finalidade de uma língua natural, é cabível, então, afirmar que todos os elementos de uma língua se prestam para o discurso. Plano discursivo é onde os falantes transmitem seu léxico sinalizado e organizado pelos elementos gramaticais. As palavras, portanto, não possuem função para o discurso, e sim no discurso, pois nele os sentidos são ativados (transmitidos) e (re-)interpretados (recebidos).

De fato, em alguns momentos no ato de fala, o enunciador aplica em determinadas formas lingüísticas sentimentos diversos como ênfase, desaprovação, reformulação, hesitação etc., provendo tais elementos de funções que extrapolam o nível lexical ou o nível da gramática. Para Martelotta (2004, p. 84), “é difícil colocar sob um mesmo rótulo usos de valor conjuntivo, que apresentam fortes restrições,

como os de *apenas, embora* (...) entre outros, e itens com escopo mais amplo, voltados mais prototipicamente para a interação, como *ta?* e *né?*'.

Vicent *et alii* (1993 *apud* Rodrigues, 2006, p. 164) caracterizam os itens ou estruturas que são afetados pelo processo de pós-gramaticalização/discursivização com base em cinco parâmetros. Um item nesse processo, portanto: (i) perde em complexidade semântica e ganha em significação pragmática; (ii) perde em significação sintática; (iii) tende a ter um uso opcional; (iv) diversifica suas posições na frase; e (v) distingue-se das unidades que continuam a ser gramaticais, pela posição que ocupa na frase e pela entonação com que é emitida. Rodrigues considera que o uso de *ir* descrito por ela apresenta comportamento consentâneo a tais características apresentadas por Vicent *et alii*. Assim, com base em Rodrigues (2006), assume-se a hipótese de um uso de *ir* que não pode ser explicado em termos de sua função para a estrutura da língua, como é o uso como verbo (semi-) auxiliar. Tal emprego, entretanto, pode ser explicado por meio de parâmetros (cf. subseção 2.2.) de uma gramática que comporte o nível pragmático.

Tendo em vista que esta pesquisa se respalda pela *Teoria da Gramática Funcional* de Dik (1997), ou seja, pela noção de gramática que comporta os níveis morfossintático, semântico e pragmático, discursivização é concebida, neste estudo, portanto, como um processo atuante na gramática que altera a categoria de um elemento ou estrutura, afetando-a de maneira diferenciada do processo de gramaticalização *stricto sensu*. A concepção de discursivização com a que se pretende trabalhar é a de um fenômeno interno à gramática que afeta elementos não estruturais. Gramaticalização, portanto, atinge os componentes morfossintático e semântico, enquanto a discursivização, o pragmático.

2.3.4. Frequência de uso e gramaticalização

Outro aspecto importante acerca do fenômeno da gramaticalização é o papel da frequência para esse processo. Considerando a hipótese de que unidades lingüísticas com alta taxa de ocorrência tendem a sofrer algum tipo de especialização sintática ou semântica, entende-se como necessária a explicação sobre o papel da repetição ou da alta frequência de um item para a

gramaticalização, ou seja, como e por que um item, devido a sua alta produtividade na língua, tende a se gramaticalizar.

Bybee (2003), atendo-se a uma investigação acerca do desenvolvimento do verbo auxiliar *can* (poder) com base em dados do *Old English* (inglês antigo) e do *Middle English* (inglês médio), mostra que é possível relacionar o processo de gramaticalização à alta taxa de uso desse verbo. De acordo com a autora a “freqüência não é apenas um resultado de gramaticalização, como também um fator que contribui primariamente para o processo; uma força eficaz que instiga as mudanças em gramaticalização”⁵⁰. A autora propõe uma nova definição de gramaticalização reconhecendo o papel crucial da repetição e a caracteriza como um processo pelo qual seqüências de palavras ou morfemas freqüentemente usados se tornam automáticos como uma simples unidade de processamento.

Haiman (1994 *apud* Bybee, 2003, p. 603) argumenta que gramaticalização pode ser considerada uma ritualização resultante da repetição. Segundo o autor, quatro aspectos podem ser relacionados a essa ritualização, ou seja, a repetição pode levar a: hábito (*habituation*), automatização (*automatization*), redução de forma (*reduction of form*) e emancipação (*emancipation*). De acordo Haiman, tais aspectos são consequência da repetição, ou seja, determinadas formas lingüísticas ou estruturas, por conta de uma taxa de ocorrência elevada, podem ser afetadas por esses processos de ritualização.

Com base nesses aspectos, Bybee (2003) mostra que a repetição freqüente de um item ou estrutura representa significativa importância para alguns processos de mudança ancorados no fenômeno da gramaticalização. Assim, segundo a autora, freqüência de uso pode provocar (i) enfraquecimento semântico, (ii) mudanças fonológicas, como redução e fusão; (iii) autonomia de uma construção, fazendo que os componentes integrantes percam seu significado individual; (iv) a perda de transparência semântica entre os componentes de uma estrutura gramaticalizada e seus correspondentes lexicais; e (v) a preservação, decorrente da autonomia de um sintagma freqüente na língua, de características morfossintáticas obsoletas.

⁵⁰ *Frequency is not just a result of grammaticization, it is also a primary contributor to the process, an active force in instigating the changes that occur in grammaticization.*

Discutidos os valores da freqüência para o processo de gramaticalização, Bybee (2003) apresenta dois métodos para verificação de freqüência: *Token Frequency* e *Type Frequency*. O primeiro método avalia o número total de ocorrências de um determinado elemento ou estrutura num *corpus* e o segundo relaciona-se à “freqüência de um parâmetro específico no dicionário” (Bybee, 2003, p. 604). Para exemplificar esse método, a autora mostra a freqüência do prefixo *-ed* do inglês para formar o tempo passado, enquanto outros parâmetros, como os que participam da formação do passado de *break (broke)*, não são tão freqüentes.

Nesta pesquisa, utilizam-se apenas os pressupostos acerca do método *Token Frequency*, pois, como se acredita na alta freqüência de *ir*, julga-se necessária uma descrição quantitativa, que enfoque suas possibilidades e freqüências de uso para cada função que se considerar. Segundo Bybee (2003, p. 605) uma alta freqüência de repetição (*Token Frequency*) “causa muitas mudanças, pois ela afeta a natureza da representação cognitiva”, ou seja, a concepção sobre dada realidade. Assim, se *ir*, por exemplo, possui elevada freqüência numa função não básica, isto é, que não seja a de $V_{\text{PREDICADOR}}$, a interpretação do sentido desenvolvido naquela função será condicionada pelo contexto, e, conseqüentemente, a natureza da representação cognitiva da predicação básica com *ir* será afetada.⁵¹

2.4. Categorização lingüística

Entendendo a língua como um sistema duplamente estruturado, isto é, num eixo paradigmático e outro sintagmático, a noção de categorização lingüística é importante para a compreensão desse sistema que engloba a realização lingüística desde sua concepção mental – associação dos significados e sentidos aos símbolos adequados – até sua reprodução física (fala, escrita, gestos etc.). Nesse sentido, o conceito de categorização lingüística com que se trabalha nesta investigação se refere ao processo pelo qual as pessoas categorizam o mundo a sua volta. Trata-se, portanto, de uma atividade cognitiva fundamental em que, em meio a uma realidade difusa ou, de acordo com Taylor (1995, p. 2), um *continuum* difuso, as pessoas

⁵¹ Vale ressaltar que, embora um dado item ou estrutura possa ser freqüente numa função estendida, é possível que tanto o uso básico como o não básico coexistam numa mesma sincronia, de acordo com o princípio de divergência descrito por Hopper (1991). Dessa forma, uma alta freqüência num uso estendido não anula ou causa a extinção da forma-fonte.

categorizam o contexto circunvizinho, com base nos conceitos veiculados pelas formas lingüísticas. Segundo o autor, essa atividade só pode ser caracterizada, caso se considerarem normas e/ou práticas culturais específicas.

Assim, uma categoria representa uma rede de similaridades intrincadas que se entrecruzam em maior ou menor grau, conforme os atributos compartilhados pelos membros dessa rede. Dessa forma, fazem parte de uma categoria membros que possuem atributos partilhados com outros, indicando uma transparência entre os mesmos ou, simplesmente, membros que não partilham propriedade alguma. Taylor (1995, p. 51) sugere que, para uma maior delimitação das diferenças e semelhanças entre os membros de uma categoria, que possui seus limites fluidos, é necessário focalizar o nível básico – o núcleo semântico –, especificamente, os níveis mais centrais do nível básico das categorias.

Com base nessa noção de categoria, Taylor (1995) propõe um procedimento de categorização lingüística pautado na teoria de protótipos, que podem ser definidos como o membro central ou o conjunto de membros centrais de uma categoria e ainda como a “representação esquemática do centro conceptual de uma categoria” (Taylor, 1995, p. 59)⁵². De acordo com o autor, a determinação de um protótipo fundamenta-se, basicamente, (i) na freqüência – uma alta freqüência pode ser um sintoma de prototipicidade, mas não sua causa; (ii) na ordem de aprendizagem – os protótipos estão num ponto mais inicial no que se refere a uma escala de aprendizagem; e (iii) saliência cognitiva e lingüística – certos protótipos possuem tal *status* por serem representativos culturalmente e por abarcarem valores semânticos variados.

Nesse processo de categorização, as entidades, que são designadas membros de uma categoria, conforme sua similaridade com o protótipo, são observadas de modo a detectar o modo e a razão pelos quais seus atributos se aproximam ou se afastam dos atributos fundamentais. A relação entre os membros de uma categoria pode ser verificada conforme a associação de similaridade(s) a um único protótipo (categoria mononucleares - monossema) ou a um de diversos protótipos (categorias polinucleares - polissemia). Para definir essas categorias polinucleares, Wittgenstein

⁵² (...) *schematic representation of the conceptual core of a category.*

(1945 *apud* Taylor, 1995, p. 109) utiliza a metáfora de **semelhança familiar** para referir-se à inter-relação, numa estrutura de rede, entre os vários protótipos.

2.4.1. Polissemia: expansões semânticas por meio da metonímia e metáfora

Para compreensão do processo de categorização lingüística, é necessário, ainda, o desenvolvimento de questões acerca da polissemia, metáfora e da metonímia. Um ponto em comum entre esses termos, e essencial para o presente estudo, é a idéia de que expansões semânticas de um determinado membro central podem acontecer por meio de metáfora ou metonímia, podendo acarretar, ou não, uma rede de relações polissêmicas.

Um dos grandes entraves teóricos sobre polissemia é a relação que há entre esse termo e a homonímia. O problema, freqüentemente, reside no tratamento de certas formas lingüísticas homófonas e homógrafas, isto é, se um item é homônimo a outro ou se é uma extensão de sentido de outro.

Taylor (1995) mostra que, nos casos de homonímia, um único elemento lingüístico apresenta significados não relacionados. Palavras homônimas podem, em algum momento da história lingüística, ter sido extensões semânticas, quando, em tal momento, mantinham uma relação entre os significados. Em outra explicação para o fenômeno da homonímia, considera-se que duas ou mais formas lingüísticas que num dado momento possuíam formas fonológicas distintas e significados não relacionados, por motivos quaisquer, passaram a assemelhar-se fonologicamente.

O fenômeno da polissemia pode ser explicado de acordo com as inter-relações existentes entre os membros de uma categoria. Segundo Taylor (1995), a distinção entre polissemia e homonímia pode ser respaldada por um critério sintático, ou seja, enquanto a homonímia se refere a categorias sintáticas distintas, a polissemia envolve categorias sintáticas semelhantes.⁵³

⁵³ O autor apresenta a **comparação translingüística** (entre línguas) como outra explicação para a distinção entre homonímia e polissemia, ou seja, a homonímia tende a acontecer de maneira mais específica em cada língua, já a polissemia, para o autor, parece ser mais universal. Vale ressaltar que independentemente de qualquer explicação, concorda-se com Taylor que a determinação de uma fronteira entre tais fenômenos é complicada, já que a relação de significado envolve uma noção gradual e subjetiva.

Taylor (1995) mostra que a polissemia pode ser observada numa cadeia de extensões semânticas, como, por exemplo, significado A, significado B e assim por diante. Essa relação pode ser transparente ou difusa – não apresentando possibilidade de se agrupar, tendo em vista um “denominador semântico comum” (Taylor, 1995, p. 108)⁵⁴. O autor afirma que as cadeias de significado podem transparecer relações, ainda que indiretas, entre seus membros. Assim, um significado A pode partilhar com o significado B algum atributo ou tipo de semelhança. De mesma sorte, o significado B pode servir de base para um C, e assim sucessivamente.

Embora as relações de significado, segundo Taylor (1995), existam, principalmente, entre membros adjacentes, enquanto membros não adjacentes partilhem poucos atributos e semelhanças, é possível, de acordo com o autor, prever que certas relações polissêmicas acontecem de maneira proporcional. Se, para uma extensão de significado $A \rightarrow D$, considerando, evidentemente, que para tal expansão depende-se dos membros intervenientes B e C, houver uma $A^1 \rightarrow D^1$ (significados iguais ou muito próximos), existirá, necessariamente, os significados B^1 e C^1 .

Para a formação e expansão da cadeia polissêmica, dois processos são essenciais: metonímia e metáfora. Por meio do primeiro processo, as extensões semânticas acontecem com base na “possibilidade de se estabelecer conexões entre entidades que co-ocorrem com uma dada estrutura conceptual” (Taylor, 1995, p. 123-124).

Em expansões semânticas via metáfora, entidades mais abstratas e mais intangíveis podem ser conceptualizadas, respaldando-se em entidades mais concretas. De acordo com Taylor, a abordagem tradicional associa a metáfora à idéia de que a combinação de palavras em frases é uma questão de compatibilidade das especificações dos componentes, sendo essa compatibilidade formalizada de acordo com as restrições de seleção. Na abordagem cognitiva, no entanto, o autor apresenta outra perspectiva:

Metáfora é, então, motivada por uma procura pelo entendimento e é caracterizada, não por uma violação das restrições de seleção, mas pela conceptualização de um domínio cognitivo em termos de

⁵⁴ *Common semantic denominator.*

componentes mais usualmente associados a outros domínios cognitivos. (Taylor, 1995, 132-133).⁵⁵

Metonímia e metáfora caracterizam-se, portanto, por processos de expansão semântica que podem formar uma estrutura de rede polissêmica. Os membros (periféricos) formados a partir de tal(is) expansão(ões), com base num protótipo, relacionam-se uns com os outros tendo em vista as partilhas de atributos e similaridades. Membros centrais (protótipos) e periféricos constituem uma categoria que pode ser de ordem lexical ou morfossintática.

⁵⁵ *Metaphor is thus motivated by a search for understanding. It is characterized, not by a violation of selection restrictions, but by the conceptualization of one cognitive domain in terms of components more usually associated with another cognitive domain.*

CAPÍTULO 3

ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1. Descrição do *corpus*

Esta pesquisa conta com um total de 1569 ocorrências do verbo *ir* advindas de textos orais e escritos do português brasileiro. Os dados orais foram obtidos com base em acervos de entrevistas feitas a informantes de diferentes faixas etárias e escolaridades. Os dados escritos provêm de textos de variados gêneros textuais. A configuração da amostra com base em *corpora* múltiplos decorre do intuito de se buscar registrar usos representativos de *ir* na língua portuguesa empregada nas modalidades falada e escrita.

Os dados de língua oral provêm de dois diferentes acervos: D&G (Projeto Discurso e Gramática, coordenado pelo Professor Doutor Mário Eduardo Martelotta) e PEUL (Programa de Estudos sobre Uso da Língua, coordenado pelos Professores Doutores Anthony Julius Naro e Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva).

Do Projeto **D&G**, coletaram-se os dados referentes ao *corpus* composto com base em textos produzidos por falantes da cidade do Rio de Janeiro. Essa amostra é estratificada de acordo com a escolaridade, sobretudo. A análise do *corpus* do Rio de Janeiro propiciou a coleta de dados concernentes ao primeiro ano do Ensino Fundamental (antigo C.A. infantil), primeiro ano do Ensino Fundamental supletivo, Ensino Médio (antigo segundo grau) e Ensino Superior.

Do acervo da **Amostra da Variedade Dialeto Fluminense** do Projeto PEUL, pesquisaram-se duas amostras da modalidade falada: Banco de Dados da Fala Infantil (informantes entre as idades de quatro a nove anos) e Banco de Dados Censo 2000 (informantes com até o Ensino Médio). Desse projeto, pesquisaram-se apenas duas amostras, em virtude da riqueza de dados encontrados, uma vez que se objetiva equilibrar entre os acervos o número de dados coletados.

O critério de seleção dos textos orais estabelecido neste trabalho norteia-se pelas variáveis⁵⁶ que se julgam pertinentes para o aparecimento de determinadas formas e estruturas lingüísticas, já que se releva a hipótese de que certos usos são muito comuns em dados textos e raros, ou impossíveis de aparecer, em outros. Nesse sentido, resume-se, no quadro seguinte, a distribuição dos dados do *subcorpus* oral coletados de acordo com as variáveis consideradas.

<i>Subcorpus oral</i>			
Fonte dos dados	Descrição do arquivo	Quantidade de textos pesquisados	Quantidade de dados coletados
D&G – <i>Corpus</i> Rio de Janeiro	1º ano do Ensino Fundamental	15	102
	1º ano do Ensino Fundamental (supletivo)	08	65
	Ensino Médio	16	231
	Ensino Superior	08	190
Subtotal		47	588
PEUL	Banco de Dados da Fala Infantil	03	114
	Banco de Dados Censo 2000 (Tendência)	06	186
Subtotal		09	300
Total		56	888

Quadro 5: Distribuição geral dos textos pesquisados e dos dados coletados no *subcorpus* oral.

Os dados da língua escrita advêm, também, dos acervos D&G e PEUL. Do primeiro, coletaram-se as reproduções por escrito que os informantes eram solicitados a executar. Essas reproduções correspondem, em termos de temática, aos depoimentos orais.

Com o propósito de captar uma aparente representação da língua escrita formal, investigaram-se, no acervo do PEUL, textos jornalísticos pertencentes aos veículos O Globo, JB, Extra e Povo, pois se considera que tais veículos apresentam nuances consideráveis de graus de formalidade, tendo em vista, sobretudo, o público-leitor. Os gêneros textuais pesquisados são **cartas de leitores, crônicas, editoriais, notícias-reportagens e artigos de opinião.**

⁵⁶ *Variável* é um termo técnico usado nos trabalhos sociolingüísticos para designar tanto o fenômeno em variação (variável dependente), como o grupo de fatores que co-atuam no processo variável (variável independente). O significado considerado, neste momento da dissertação, equivale ao segundo conceito.

A organização do *subcorpus* escrito foi, também, estabelecida sob o critério de um *continuum* de formalidade dos textos escritos; isto é, buscou-se apresentar produções que se caracterizam, ainda que escritas, como distensas e outras regidas sob um grau de planejamento mais criterioso. Os textos escritos que ora compõem o *corpus* desta pesquisa se distribuem, portanto, em categorias graduais de registros que vão do menos ao mais formal. Tal organização está representada no seguinte quadro:

<i>Subcorpus</i> escrito			
Fonte dos dados	Descrição do arquivo	Número de textos pesquisados	Número de dados coletados
D&G	Depoimentos escritos	47	179
Subtotal		47	179
PEUL	Banco de Dados do Discurso Jornalístico		
	⇒ Cartas de leitor	75	159
	⇒ Crônicas	75	115
	⇒ Editoriais	100	42
	⇒ Notícias-Reportagens	100	61
	⇒ Artigos de opinião	100	125
Subtotal		350	502
Total		397	681

Quadro 6: Distribuição geral dos textos pesquisados e dos dados coletados no *subcorpus* escrito.

3.2. Procedimentos de investigação

Para análise dos dados, optou-se por proceder a um tratamento qualitativo e também quantitativo. O procedimento qualitativo prevalece sobre o outro, em razão de que, nesta pesquisa, o objetivo é investigar as propriedades das predicções com *ir* e da natureza polifuncional desse verbo. Dessa maneira, julga-se essencial avaliar as peculiaridades envolvidas em cada emprego de *ir*. A análise das freqüências servirá para que se determine a representatividade de uso das extensões de uso e sentido desse item, conforme variáveis estipuladas.

No que se refere à análise qualitativa, procede-se, primeiramente, à descrição das propriedades sintáticas e semânticas do verbo predicador *ir* e dos constituintes participantes da predicção. Para tanto, caracterizam-se tais predicções com base

(i) nos parâmetros semânticos estipulados por Dik (1997)⁵⁷ e (ii) nos modelos de marcos predicativos propostos pelo mesmo autor. Esse método de investigação oferecerá suporte tanto para as predicções em que *ir* é verbo predicador pleno como para aquelas em que se apresenta numa de suas extensões semânticas de verbo predicador não-pleno.

Para a análise de *ir* enquanto verbo copulativo descrevem-se as características sintáticas e semânticas desse emprego, confrontando-o com outros verbos de ligação, especialmente, *estar* que participa de uma predicção nominal semelhante à de *ir*. Caracteriza-se também esse emprego, pautando-se na formulação de regras de expressão para predicções com **cópula-suporte**, designação proposta por Dik (1997, v. 1, p. 199) atribuída aos verbos copulativos.

Postula-se que o emprego de *ir* como verbo copulativo é afetado pelo fenômeno da gramaticalização e, em razão disso, define-se o quanto tal processo influencia esse uso. Compara-se esse uso com o emprego básico desse mesmo verbo: investigam-se possíveis resquícios semânticos do emprego prototípico lexical presentes nessa função gramaticalizada para que se determine o grau de desbotamento semântico.

Os procedimentos adotados para as análises de *ir* na qualidade de verbo (semi-)auxiliar constam de (i) caracterização sintático-semântica desse verbo e dos constituintes envolvidos, em que se delinearão a noção de modalidade epistêmica expressada por esse emprego e os critérios para se conferir o *status* de auxiliar; e (ii) investigação dos graus de gramaticalização, que são proporcionais aos níveis de integração entre *ir* e o infinitivo, ou seja, quanto mais integrado estiverem *ir* e o infinitivo, mais gramaticalizado aquele estará. Com o intuito de se delinear o grau de gramaticalização de *ir*, investiga-se, também, seu desgaste semântico em comparação ao emprego desse verbo como elemento predicador.

Para analisar-se *ir* em sua função discursiva, examinam-se as propriedades lingüísticas (morfossintáticas e semânticas) da construção *ir*_{FLEXIONADO} + *V*_{2FLEXIONADO}. Com essa etapa, busca-se, especialmente, entender a caracterização (exigências e restrições) dos elementos que podem ocupar a posição de *V*₂.

⁵⁷ Cf. Capítulo 2 desta dissertação.

Em outro momento das análises de *ir* na condição de elemento pragmático, analisam-se o papel desse emprego para a progressão textual e sua atuação como item focalizador. Para esta última análise, conta-se com o embasamento teórico delineado por Dik (1997, v.1, p. 327).

O último procedimento a ser executado com relação ao emprego de *ir* como elemento focalizador constará de uma avaliação do nível de incidência do processo de gramaticalização sobre tal uso. Pautando-se nas discussões estabelecidas na seção 2.3.3. (Gramaticalização e Discursivização), propõe-se uma possível trajetória de mudança sofrida por *ir* até se fixar como um constituinte pragmático.

No que concerne ao tratamento quantitativo dos dados, apresentam-se resultados que se pautaram (i) nas categorias funcionais; (ii) nos tipos de extensões semânticas; (iii) na caracterização semântica do infinitivo que acompanha *ir* no emprego como (semi-)auxiliar; (iii) na presença (ou não) de um constituinte que possa funcionar como locativo (para que seja possível determinar o grau de gramaticalização de *ir* na construção *ir* + infinitivo); (iv) na animacidade do sujeito; (v) na caracterização semântica de V_2 na construção *ir*_{FLEXIONADO} + $v2$ _{FLEXIONADO}; (vi) na presença, ou não, de locativo em sentenças em que apresentem *ir* na função de focalizador.

Por fim, discute-se a relação das categorias funcionais de *ir* investigadas nesta dissertação, tendo em vista o processo de gramaticalização. Nesta seção, tenta-se avaliar se há trajetórias comuns de gramaticalização, ou se cada categoria apresenta um *continuum* de alteração distinto.

CAPÍTULO 4

O COMPORTAMENTO POLIFUNCIONAL DE IR

De acordo com as bases teóricas descritas, analisam-se, neste capítulo, os dados referentes às ocorrências de ir, empregando os métodos de análises relatados no capítulo anterior. Para tanto, divide-se este capítulo em cinco partes, que abordarão as diversas funções e sentidos desse verbo.

Na primeira parte (4.1.), investiga-se o comportamento básico do verbo predicador ir analisam-se suas restrições de seleção e suas extensões semânticas (\pm concretas e \pm abstratas). Essa primeira análise viabiliza o estudo acerca da expansão sintático-semântica de ir, já que o uso desse elemento como verbo predicador se caracteriza como uma construção central, a partir da qual se derivam outras não centrais.

Na segunda parte (4.2.), interpretam-se os dados em que ir é verbo de ligação ou copulativo. Nessa seção, define-se o fenômeno da cópula verbal, isto é, examina-se qual o papel de verbos desse tipo na sentença e quais suas propriedades sintático-semânticas. Ademais, avalia-se o nível de gramaticalização de ir no tipo de predicação em que ocorre esse emprego.

Na terceira parte (4.3.), discutem-se as ocorrências de ir como verbo (semi-) auxiliar. Comenta-se a produtividade desse verbo em tal função, os diferentes graus de vinculação entre ir + infinitivo/gerúndio, assim como os variados graus de gramaticalização de ir nessa construção perifrástica e as possíveis motivações para a alteração categorial desse verbo.

Na quarta parte (4.4.), examinam-se os dados de ir como elemento discursivo. Investigam-se as motivações estruturais e as semântico-pragmáticas desse uso.

Na última seção (4.5.), comparam-se os empregos de ir descritos, no que concerne ao processo de gramaticalização, com o objetivo de demonstrar as relações de similaridade e dessemelhança entre os usos, de modo a determinar, na análise de empregos mais ou menos gramaticais que outros, a cadeia de gramaticalização em que se inserem as extensões de uso e sentido de ir.

Antes de passar-se ao tratamento qualitativo dos dados, cumpre apresentar a distribuição das extensões de uso e sentido de *ir* identificadas no *corpus* pesquisado:

Categoria funcional	Número de ocorrências	Percentual
Verbo Predicador	494	31%
Verbo Copulativo	14	1%
Verbo Semi-auxiliar	1000	64%
Verbo com função discursiva	61	4%
Total	1569	100%

Tabela 7: Produtividade de *ir* em vista das categorias funcionais analisadas.

Os resultados obtidos revelam a alta produtividade de *ir* com função de verbo semi-auxiliar (64% dos 1569 dados), seguida de certa expressividade de verbo predicador *ir* (31%), e a baixa produtividade como verbo copulativo (1%) ou verbo com função discursiva (4%). Isso se deve a fatores, sobretudo, de ordem sócio-comunicativa, já que, em função das necessidades interacionais do falante, uma forma ou estrutura será acionada. Nesse sentido, pode-se afirmar que, entre as estratégias comunicativas a que serve *ir*, é bastante freqüente no Português do Brasil o mecanismo da perífrase com infinitivo (particularmente da indicativa de tempo futuro). Também tem relativa freqüência seu emprego como verbo predicador. Os resultados que apontam uma alta produtividade de *ir* na função de verbo semi-auxiliar ratificam as pesquisas de Santos (2000), Gibbon (2000) e Oliveira (2006), em que se demonstrou a grande freqüência de uso de *ir* + infinitivo em detrimento das formas verbais simples para designar o futuro do presente.

Empregado em sua função lexical, *ir* apresenta pouca produtividade em relação ao uso como semi-auxiliar (31% dos 1569 dados). Esses números estão em consonância com a hipótese de Bybee (2003) de que elementos com função gramatical são mais recorrentes na língua do que com função lexical.

Julga-se que uma das razões da baixa ocorrência de *ir* como instrumento discursivo está na configuração do *corpus* investigado: a construção da qual *ir*

participa é própria da modalidade falada (não se achou dado algum na escrita). Acredita-se que, em textos escritos menos planejados ou sem qualquer tipo de planejamento prévio, como parece ser o caso de textos deste *corpus* referentes ao primeiro ano do Ensino Fundamental, ou textos escritos em que se tenha por intuito representar a fala/conversa distensa, esse tipo de construção seja mais freqüente. Para checar essa hipótese, será necessário contar com a ampliação do *corpus* pautada na diversidade de situações de produção de textos escritos e falados ou, ainda, com a constituição de um *corpus* apenas com base na coleta desse tipo de estrutura na fala e, possivelmente, na escrita informal.

A razão da baixa produtividade de *ir* na qualidade de verbo copulativo pode estar associada ao fato de ele não ser um elemento freqüentemente acionado na estruturação de predicções constituídas a partir de predicadores nominais. Estas tendem a ser formadas a partir dos verbos *ser* e *estar*. *Ir*, por sua vez, é empregado para assegurar matiz semântico específico, como se observará mais adiante.

A distribuição dos dados também sugere, por outro lado, como é raro encontrar, pelo menos nos acervos a que se teve acesso, ocorrências com *ir* em outras categorias, algumas das quais são até mencionadas em gramáticas descritivo-normativas (cf. capítulo 2): não se registrou, nos 1569 dados, qualquer ocorrência de *ir*, por exemplo, como integrante de expressões de tempo decorrido ou de expressões. Postula-se que esse tipo de construção (*vai para + circunstante temporal*) seja mais produtivo em textos de sincronias mais antigas, uma vez que os exemplos em que se basearam os gramáticos comentados no capítulo 2 advêm da literatura do século XIX. Uma pesquisa que contemplasse dados de sincronias passadas poderia elucidar essa hipótese.

4.1. Verbo predicador

4.1.1. O comportamento básico

Tendo em vista seu uso mais básico, *ir* significa “deslocamento de um ponto até outro no espaço” e possui a função de verbo predicador, selecionando três argumentos caracterizados como (i) o agente que se desloca, (ii) o local de origem e (iii) o local para onde se desloca.

A predicação com *ir* configurada com base em três argumentos não é usual na língua, já que o argumento que designa a origem do deslocamento, quase não é expresso no cômputo geral dos dados (encontraram-se apenas duas ocorrências com tal configuração). Acredita-se que o apagamento desse argumento com função de **origem** (cf. Dik, 1997, v.1, p. 121) ocorre por conta de implicações discursivas, visto que, em termos de importância comunicativa, a **direção**, ou seja, o lugar para onde o agente se desloca, se apresenta como a informação argumental mais saliente. Trabalha-se com a hipótese de que tal saliência decorre do fato de o argumento origem, em quaisquer situações comunicativas, ser inferido pelo interlocutor, enquanto, por outro lado, o argumento direção não é, caracterizando-se, assim, como uma informação nova. Vilela (1999) argumenta a favor da idéia de que a informação semântica de origem está incorporada ao lexema de *ir*; sendo, assim, um traço intrínseco de tal verbo. Para o autor, o contexto é o responsável para ativação de tal informação. A configuração com três argumentos pode ser conferida no marco predicativo a seguir:

MARCO PREDICATIVO DOS EXEMPLOS (1) E (2)⁵⁸

(f₁: *ir*) [V] (x₁: <animado>)_{agente} (x₂: <inanimado>)_{origem} (x₃: <inanimado>)_{direção}
 = ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): lugar de onde se desloca) ((arg. 3): lugar para onde se desloca)

*(Exemplo 1): “E (Entrevistador): Certo. E como é que foi? Vocês saíram [da... (hesitação) você-]. I (Informante): [...do] (hesitação) **foi** do colégio direto pra lá.” (PEUL, Amostra Censo, T05And)*

*(Exemplo 2): “O carioca (em especial) não tem segurança; fica apavorado de **ir** às ruas; de passar pelas linhas Amarela, Vermelha ou Avenida Brasil; de **ir** da Barra ao Leblon; da Tijuca ao Flamengo; de um lugar a outro. Para que, afinal, existe o governo?” (Cartas, JB, 27/04/04, “Governo?”)*

Da mesma forma que o apagamento do argumento origem acontece em razão de implicaturas discursivas, seu preenchimento também. Quando a especificação do lugar fonte é necessária ou para a interpretação satisfatória do destinatário ou apenas para um reforço pragmático do falante com o intuito de tornar tal argumento o foco da informação, o preenchimento do argumento com função de origem (X₂) é realizado.

⁵⁸ A marcação da distinção entre as predicções, de básicas a não básicas, será feita por meio do número que se sobrepõe à letra “f”.

É possível conceber o constituinte origem como uma espécie de **argumento default**, nos termos de Pustejovsky (1995), ou seja, como uma pré-condição para a existência do argumento destino. Na distribuição argumental da predicação básica de *ir*, é possível perceber que, para X₃ existir, X₂ precisa existir também, ainda que não seja expresso.

A predicação mais recorrente de que *ir* participa, com apenas dois argumentos – um externo e outro interno –, pode ser representada pelo seguinte marco predicativo:

MARCO PREDICATIVO DOS EXEMPLOS (3 – 11)	
(f ₂ : <i>ir</i>) [V] (x ₁ : <animado>) _{agente}	(x ₂ : <inanimado>) _{direção}
= ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): lugar para onde se desloca)	

(Exemplo 3): “Rivaldo não **vai** para a Arábia e negocia com o Botafogo e com os mineiros.” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Alvinegro e Cruzeiro no páreo”)

(Exemplo 4): “(...) a professora falou... pra ele... que “não pode chegar atrasado... Pinóquio...” depois... o Pinóquio... **foi** pro circo... falou com o seu dono... que seu dono estava preo... preocupado... com ele...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa recontada, Inf. 81)

(Exemplo 5): “Bem fez o presidente Lula, que, em seu encontro com o colega, americano George W. Bush, exigiu melhor tratamento para os brasileiros que **vão** aos Estados Unidos.” (Editoriais, Povo, 15/01/04, “Excesso de hospitalidade”)

(Exemplo 6): “Eu tenho **ido** mais pra Petrópolis do que pra Arraial do Cabo, por causa do trânsito, por exemplo carnaval tem dois anos seguidos que eu prefiro **ir** pra Petrópolis.” (PEUL, Amostra Censo, T22Ana)

(Exemplo 7): “(...) quando acabou a gente saiu da festa... **foi** pra um outro bar...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 2)

(Exemplo 8): “Gostaria de conhecer a opinião dos torcedores dos outros Clubes. Acredito que o resultado não mudará muito. Até porque o prazer da gozação é o combustível da galera. E em vez de **ir** a São Paulo para amolar um palmeirense, é mais fácil ficar por aqui mesmo e gozar o vizinho do lado.” (Opinião, Extra, 24/03/04, “A enquete”)

(Exemplo 9): “(...) eu já **fuí** num outro lugar...” (PEUL, Banco de Dados da Fala Infantil, 05Jor)

(Exemplo 10): “Minha colega... **foi** pro:... Tijuca Off Shopping...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 15)

(Exemplo 11): “(...) a aluna subiu as escadas e **foi** para sala de aula...” (D&G – depoimentos escritos –, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 21)

Embora esse emprego como verbo predicador pleno seja freqüente no *corpus* consultado, em comparação aos outros três usos analisados nesta dissertação, admite-se que tal predicação retrata o núcleo conceptual mais básico, a partir do qual se derivam outros possíveis usos (cf. Taylor, 1995). Além do fato de tal configuração ser a primeira acepção registrada nos dicionários consultados, considera-se também, para efeito de prototipicidade, a evidência de que tal verbo é o elemento mais economicamente associável a outros de valor mais específico (Taylor (1995) afirma que protótipos abarcam valores semânticos variados).

Como se pode perceber nesses exemplos, predicações básicas com o verbo predicador *ir* caracterizam-se por evidenciarem um estado de coisas dinâmico, que pode também ser chamado de **evento**, e controlado. Dinâmico, porque, ao longo da duração do estado de coisas – desde o ponto de origem até o destino – percebe-se que há uma mudança de parâmetro gradativa, mais precisamente, uma mudança espaço-referencial do agente num espaço. Construções com *ir* predicador pleno expressam, comumente, mudança gradativa do agente. Os exemplos citados evidenciam essa característica, já que é possível estabelecer pontos locativos intermediários.

Como propõe Dik (1997), para que se identifique a dinamicidade de um estado de coisas, inserem-se satélites que designam velocidade. Em todos os exemplos, esse critério é viável para se constatar que tais predicações constituem estados de coisas [+ dinâmicos]. A seguir, alguns dados foram manipulados de modo a demonstrar a eficácia do critério estabelecido por Dik.

(Exemplo 4a) “(...) o Pinóquio... foi **lentamente/rapidamente** pro circo.”

(Exemplo 7a) “(...) quando acabou a gente saiu da festa... foi **lentamente/rapidamente** pra um outro bar...”

(Exemplo 8a) “E em vez de ir **lentamente/rapidamente** a São Paulo para amolar um palmeirense, é mais fácil ficar por aqui mesmo e gozar o vizinho do lado.”

(Exemplo 9a) “Minha colega... foi **lentamente/rapidamente** pro:.... Tijuca Off Shopping.”

Tendo em vista o fato de que o agente controla o estado de coisas, construções com predicador *ir* manifestam também um estado de coisas [+

controlado]. Observando-se os exemplos, constata-se que o agente possui controle sobre o movimento a que se submete e, conseqüentemente, sobre o lugar de onde e para onde se movimenta.

Conforme a combinação de traços dos estados de coisas, a marcação positiva para o parâmetro de dinamismo e para o de controle constitui um tipo de estado de coisas denominado **ação**. Essa interação de parâmetros está esquematizada no quadro a seguir:

	ESTADO DE COISAS		TIPO DE ESTADO DE COISAS
Predicador <i>ir</i>	[+ Dinâmico]	[+ Controlado]	Ação

Quadro 7: caracterização do estado de coisas das predicções básicas com *ir*.

Outros verbos que possuem traços semânticos relacionados a movimento, como *andar*, *voar*, *saltar*, *engatinhar*, *correr*, *nadar* etc., podem ser reduzidos a um denominador comum, cujo representante é *ir*. Nesse sentido, em frases como *João andou até a praia / O pássaro voou para o sul / A rã saltou em direção ao rio / O nenê engatinhou até a mesa / Os maratonistas correram da zona sul à zona oeste / Os atletas nadaram até a borda da piscina*⁵⁹, os predicadores podem, sem problema, ser substituídos por *ir*, embora tal substituição acarrete perda de certos matizes semânticos particulares. *Voar*, por exemplo, significa “movimentar-se pelo ar”, e *nadar*, “movimentar-se pela água”. Como todos os verbos supracitados se configuram a partir de dois traços, isto é, o de movimento mais algum outro, e *ir*, a partir de apenas um, o de movimento, este, em determinados contextos, pode substituir aqueles, mas quase nunca o contrário.

O fato de *ir* possuir uma configuração mais neutra, em relação aos demais verbos com traço de movimento, ratifica seu papel como o elemento mais economicamente associável a outras formas. A diferença entre *ir* e os demais verbos pode ser traduzida, de modo a se estabelecerem de um lado itens com valor semântico genérico e, de outro, itens com valor semântico específico. Por comportar-se como uma espécie de “coringa/pró-verbo de movimento”, *ir* apresenta ampla aplicabilidade em estruturas cuja fonte de predicação comporte traço semântico de movimento.

⁵⁹ Exemplos criados.

Vale salientar que, embora, em alguns casos, seja possível substituir um verbo de movimento qualquer por *ir*, postula-se que, mesmo assim, tais casos não se configuram como extensão semântica do verbo predicador pleno, o que justificaria comentar tais dados na próxima subseção. Essa postulação baseia-se nos seguintes argumentos: em enunciados como *o pássaro foi para o sul*, por exemplo, (i) *ir* mantém sua sintaxe e semântica básicas – verbo predicador que significa movimento pelo espaço concreto –, e (ii) os constituintes guardam as propriedades das predicções básicas com *ir* – agente controlador e um locativo caracterizado como a direção para onde esse agente se desloca.

Ir, portanto, caracteriza-se como um verbo de valor semântico genérico de movimento; entretanto, uma simples troca pode, em alguns casos, descaracterizar as propriedades semânticas dos argumentos. No exemplo *O avião voou para Paris*, observa-se mais um caso em que o predicador pode ser substituído por *ir*, no entanto, o item *avião* não é uma entidade controladora, e sim controlada. Analisando-se todas as peculiaridades semânticas que envolvem tal sentença, conclui-se que o piloto do avião controla sua ação e, assim, é um agente, enquanto os passageiros funcionam tematicamente como meta. A paráfrase que melhor traduz essa explicação é *O piloto, por meio do avião, levou os passageiros para Paris*. É possível estender tal explicação, em vista de outros tipos de predicadores que possuem o traço [+ movimento] e são controlados por agente, tais como *ônibus, carro, bicicleta, navio* etc.

Cumpramos enfatizar que existe um alto grau de subjetividade envolvendo as interpretações de casos como os exemplificados no último parágrafo. Uma informação de valor circunstancial como o meio de deslocamento pode, por razões metonímicas, sem problemas, ocupar a posição de sujeito. No entanto, esta descrição procura tornar evidente todas as propriedades sintáticas e semânticas das predicções mais básicas com *ir* e, dessa forma, neste momento da descrição, salienta-se o processo pelo qual esses predicadores com significado de algum movimento específico são associados a *ir*.

Para Vilela (1999), em predicções com *ir*, verbo predicador básico, a informação do meio pelo qual o agente se desloca não pertence ao lexema desse verbo e dependerá do conhecimento de mundo do interlocutor. Assim, para que se

entenda o meio pelo qual, no exemplo (6) (*Eu tenho ido mais pra Petrópolis do que pra Arraial do Cabo...*), o agente se deslocou, é necessário um conhecimento de mundo acerca de algumas informações que esse diálogo entre informante e documentador oferece. Em termos mais estritos, é preciso que se conheça o informante para que seja possível obter a informação do meio pelo qual “ele vai a Petrópolis”.

Assim como o argumento que designa o lugar de origem, essa informação de meio só é explicitada quando é imprescindível para o discurso, já que na maioria dos casos ela não aparece. O exemplo (12) apresenta expresso foneticamente o meio pelo qual o agente se deslocou por razões pragmáticas. O informante quer enfatizar o fato de seis pessoas conseguirem entrar em uma *caminhonete* que não fosse a *Pampa*, veículo que provavelmente comporta mais passageiros do que o seu.

Não se deve perder de vista o papel da partícula *nem* para o reforço negativo do substantivo *Pampa*. Esse elemento estabelece uma dupla ênfase em dois níveis: num primeiro, ele enaltece a potência ou o desempenho do veículo sob o rótulo de *Pampa*, já que este é a base de comparação; e, num segundo, o item *nem* faz com que a *caminhonete branca* seja enaltcida por suportar uma quantidade de pessoas que só a *Pampa*, talvez, conseguiria.

(Exemplo 12) “(...) assim... numa altura de quarenta minutos a uma hora... depois... nesse Jesuítas... eu continuei lá bebendo... conversando e tal... mas eu fui com o meu carro... e eu continuei... continuei no local... e eles quiseram ir embora... e isso era em torno de:: umas seis pessoas... numa caminhonete... não foi nem Pampa... caminhonete... foi numa caminhonete branca...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 1)

A caracterização desse constituinte que designa o meio propicia uma reflexão acerca dos termos argumentais e dos não argumentais. Em predicções básicas com *ir*, ainda que *default*, o constituinte com a função de origem participa das exigências sintáticas e semânticas do predicador. Por outro lado, postula-se que o meio não é requisitado sintática nem semanticamente por *ir*, uma vez que esse termo não é pré-existência para nenhum outro.⁶⁰

⁶⁰ O questionamento acerca de termos que devem ser concebidos como argumentais, ou não, é um assunto que sempre suscitou muitos debates entre lingüistas e gramáticos. É um dos mais freqüentes

4.1.2. Extensões semânticas das predicções com verbo predicador *ir*

Há casos em que *ir* mantém sua característica sintática de predicador com significação plena de movimento, mas relaciona entidades que não condizem com as restrições de seleção básicas observadas na subseção anterior (4.1.1). Nessas ocorrências, o argumento interno não se configura como um termo [+ animado] e [+ controlador] e/ou o argumento externo não traduz um locativo concreto, ocasionando a necessidade de interpretar tais tipos sentença por meio de alguma estratégia especial. Os exemplos seguintes ilustram esses casos:

MARCO PREDICATIVO DOS EXEMPLOS (13 – 17)

(f₃: *ir*) [V] (x₁: <animado>)_{agente} (x₂: <inanimado>)_{evento}
 = ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): lugar para onde se desloca)

(Exemplo 13): “(...) meu marido tem um amigo... que::... ele era:: esportista... acho que ele era nadador... profissional... e ele/ apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele **foi ao médico**... aí o médico olhou e falou que era uma doença lá... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 3)

(Exemplo 14): “(...) aí... fiquei lá um bom tempo... aí depois não deu certo... arranjei um namorado... aí... **fui pra uma festa**... né? aí ele pegou/ ficamos juntos... um bom tempo...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 76)

(Exemplo 15): “(...) e- essa namorada dele **foi no enterro** dele...” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

(Exemplo 16): “(...) eu acho que tava muito antiga, aquela coisa certinha que você tinha que **ir pra missa**, tinha que fica quietinho, você tinha que rezá.” (PEUL, Amostra Censo, T22Ana)

(Exemplo 17): “(...)o lado bom é que hoje ele é campeão... de:: natação... né? de:: paraplégicos... já **foi à olimpíada** e tudo... tem um monte de medalha... quer dizer... isso não/ ele não parou de nadar por causa disso... levou adiante... mas hoje está numa cadeira de roda... né?” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 3)

MARCO PREDICATIVO DOS EXEMPLOS (18) E (19)

(f₄: *ir*) [V] (x₁: <inanimado>)_{agente} (x₂: <inanimado>)_{direção}
 = ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): evento acontecido em dado lugar)

(Exemplo 18): “**Cinco folhas do calendário de 2003 já foram para o lixo**, mas as páginas dos cadernos de boa parte dos alunos da rede estadual de ensino em Duque

objetos de discussão é o complemento circunstancial de *ir* e, conseqüentemente, sua transitividade como se pôde conferir no Capítulo 1 desta dissertação.

de Caxias continuam em branco, em pleno mês de junho.” (Notícias/Reportagens, Extra, 05/06/03, “Ano letivo em câmera lenta”)

*(Exemplo 19): “A Petrobras anunciou um lucro recorde de R\$ 17,795 bilhões no ano passado, maior do que, por exemplo, o da Coca-Cola Internacional. Como a União é acionista majoritária, caberá ao governo cerca de R\$ 8,9 bilhões. Se **essa quantia for para o Tesouro**, cairá no sumidouro do pagamento de juros da dívida pública.” (Cartas, O Globo, 19/02/04, “Ouro negro”)*

Os exemplos supracitados apresentam argumentos que não satisfazem às restrições de seleção de *ir*. No exemplo (13), observa-se que o constituinte *ao médico* não compartilha características com um locativo autêntico como *ao hospital* em que se verificam traços como [- animado] e [- humano]. Os exemplos (14), (15), (16) e (17) exibem, respectivamente, os itens *feira*, *enterro*, *missa* e *olimpíadas* em posição de um locativo; no entanto, esses termos apresentam características de eventos⁶¹ que ocorrem em determinado lugar, ou seja, *feira* é um evento que pode acontecer num *clube*, *salão*, *discoteca* etc., *enterro*, num *cemitério*, *missa*, numa *igreja*, e *olimpíadas*, em *dada cidade*. Nos exemplos (18) e (19), notam-se termos que não possuem a capacidade de controlar uma ação (*folhas / quantia*) na posição de sujeito e elementos sem propriedades de um locativo (*lixo / Tesouro*).

Admite-se que, nos exemplos (13), (14), (15), (16) e (17), o fenômeno atuante nas predicções dos exemplos em questão em que se constatam violações de restrições de seleção é o da metonímia, pois os termos que ocupam a posição de locativo se caracterizam como partes integrantes da área semântica de atuação de seus locativos correspondentes (*feira* → *clube*, *salão*, *discoteca* etc., *enterro* → *cemitério*, *missa* → *igreja* e *olimpíadas* → *cidade*). A substituição que ocorre é a de **lugar** pelo **evento**. De acordo com Heine *et alii* (1991), o uso de elementos mais abstratos (eventos) no lugar de mais concretos (locativos) caracterizam-se como um processo cognitivo de expansão semântica que serve de gatilho para o fenômeno da gramaticalização.

No que concerne aos exemplos (18) e (19), reconhece-se que os fenômenos atuantes são os da metáfora e da metonímia, visto que se depreende que há (i) transferência conceptual de um domínio para outro e (ii) associação entre entidades.

⁶¹ É importante ressaltar que o sentido de **evento** apresentado (um determinado **acontecimento**) é diferente daquele proposto por Dik (1997) que corresponde a um estado de coisas dinâmico.

No caso da posição de sujeito, constata-se que o domínio conceptual de um agente controlador é transferido a uma entidade [- agente] e [- controladora] (*folha / quantia*) e, no caso da posição de locativo, observa-se a relação metonímica: *conteúdo* pelo *container*.

Em algumas estruturas, captam-se extensões de sentido um pouco mais afastadas do sentido básico do verbo predicador *ir*, como as ilustradas em (20), (21) e (22):

<p>(<i>Exemplo 20</i>): “O Rivaldo gostou muito dessa idéia de ver a sua imagem associada aos Jogos Pan-Americanos. Por isso, levamos em conta, sim, a possibilidade de ele <u>ir</u> para o Botafogo.” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Alvinegro e Cruzeiro no páreo”)</p>	<p><u>Transferir-se</u></p>
<p>(<i>Exemplo 21</i>): “O valor das multas por excesso de velocidade pode <u>ir</u> até 77% neste ano.” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Uma desacelerada nas multas”)</p>	<p><u>Aumentar,</u> <u>eleva</u></p>
<p>(<i>Exemplo 22</i>): “O Dia de Finados traz infinitas saudades dos que já <u>se foram</u>. (Crônicas, Povo, 01/11/03, “Finados”)</p>	<p><u>Morrer</u></p>

Vale frisar que, em (20), (21) e (22), *ir* substitui verbos que apresentam algum traço de movimento incorporado aos seus respectivos lexemas:

- (a) Transferir-se: mudar-se de um lugar (no caso do exemplo [20], clube de futebol) para outro.
- (b) Aumentar: tornar-se maior.
- (c) Morrer: para a nossa cultura, passar de um plano material ao espiritual.

Os exemplos anteriores apresentam predicções em que *ir* se mantém íntegro quanto ao seu papel sintático (verbo predicador que projeta argumentos) e semântico (significado de movimento), embora os argumentos violem as restrições de seleção de tais predicções. Os exemplos a seguir, no entanto, estruturam-se com base num verbo predicador *ir* que não mantém, completamente, seus traços semânticos básicos. Nesses casos, por estabelecer uma espécie de “unidade

composicional” com outro constituinte, é possível estabelecer substituições por outras unidades semânticas⁶² correspondentes.

(Exemplo 23): “Trulli- Tocado por Montoya, acabou **indo** mais cedo **para o chuveiro**.” (Opinião, Extra, 30/08/04, “Azar é o deles”) – *Ir para o chuveiro = sair, deixar.*

(Exemplo 24): “Os espanhóis **foram às ruas**, em massa, contra a guerra muito antes.” (Cartas, JB, 28/03/04, “Terrorismo”) – *Ir às ruas = protestar.*

(Exemplo 25): “Hoje é dia de escrever uma nova página da História do Brasil. Mais de 100 milhões de brasileiros **vão às urnas** eleger o presidente da República.” (Editoriais, JB, 27/10/02, “A Rosa do Povo”) – *Ir às urnas = votar.*

(Exemplo 26): “Aí depois- depois que ele morreu... dele ter **ido pro céu**, [aí-] aí apareceu um montão de capetinha assim, levou ele e levou ele pro inferno.” (PEUL, Amostra Censo, T05And) – *Ir para o céu = morrer.*

(Exemplo 27): “(...) eu estava gostando dele pra caramba mesmo... aí tudo bem... aí... só que... mais tarde... quando foi a hora da cerimônia () antes... isso um pouquinho antes... eu peguei beijando a... tal da menina... tá? a que ele já/ que ela gostava dele... aí eu falei “o quê? é agora mesmo...” peguei um cabo de vassoura ((risos)) **fui em cima** dos dois... mas fiz uma algazarra tão grande... sabe? fiz o maior escândalo...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 77) – *Ir em cima = agredir, bater.*

(Exemplo 28): “Quem **vai** mesmo pagar a conta são as pequenas empresas fornecedoras de serviços e de produtos semimanufaturados, que, por sua vez, precisam reabrir seus orçamentos para sobreviver. Com isso, sobra para o consumidor final e os operários, que **vão para a rua**, por conta de mais um ajuste fiscal para cobrir o rombo dos cofres públicos.” (Cartas, JB, 27/02/04, “Desemprego”) – *Ir para a rua = ser demitido.*

Nas predicções exemplificadas acima, *ir*, ainda que mantenha traços de sua semântica básica – “movimento no espaço” –, forma com outro elemento uma unidade composicional. Alguns dicionaristas (cf. capítulo 1 – seção 1.3: O tratamento lexicográfico) avaliam tais casos como “expressões idiomáticas” ou “expressões cristalizadas”, pelo motivo de veicularem um sentido global.

Vale salientar que, para cada exemplo apresentado (23 – 28), há a possibilidade de um marco predicativo diferente, já que o sentido global dos enunciados não depende somente dos comportamentos semânticos individuais do predicado e dos argumentos, como até o momento se verificou, e sim de um sentido

⁶² Entende-se por **unidade semântica** uma palavra ou uma estrutura que suscite um único sentido.

global gerado a partir da combinação entre *ir* e o argumento em posição que seria primeiramente de um locativo. Marcos predicativos apresentam informações sintático-semânticas dos predicados e, dessa forma, eles não dão conta de sentidos que são construídos no nível discursivo. Se uma pessoa não entende que *ir em cima* de alguém possui o sentido de *agredir* ou *bater*, o que seria muito difícil para um falante nativo do Português do Brasil, sua interpretação basear-se-á na configuração semântica básica do predicado *ir* e do constituinte *em cima*.

É possível cogitar a similaridade dessas estruturas verificadas nos exemplos (23 – 28) com perífrases com verbo-suporte, visto que se percebe a atuação de um elemento verbal sobre outro não verbal, cuja fusão sintático-semântica denota um sentido global. Estudos de Machado Vieira (2001) e Esteves (2008) demonstram o emprego de *fazer* e *dar* em construções cuja função de projetar argumentos e atribuir-lhes papéis temáticos tem como principal responsável o elemento nominal (“[...] vamos *fazer o aproveitamento da área da Rio-Santos...*” / “*Todos estes governadores nos dão notícias da fertilidade daquele solo e todos á uma dizem ser na agricultura que estava a prosperidade e futuro da colônia.*”)⁶³.

Nessas unidades compósitas, *ir* revela comportamento que se situa entre as categorias de verbo predicador e verbo-suporte. Nesse tipo de construção, percebe-se uma articulação entre elementos que possuem seus atributos semânticos enfraquecidos, uma vez que eles deixam de possuir um significado isolado para, juntos, constituírem um sentido global, um complexo verbal. Nesse sentido, vale assinalar que um estudo específico que contemple a natureza composicional de formas verbais como as exemplificadas, comprovando, ou descartando, a possibilidade de estar havendo algum grau de lexicalização, delimitaria com êxito as propriedades dessas construções e de seus componentes.

Uma das premissas básicas dos estudos sobre gramaticalização (cf. Heine *et alii*, 1991 e Heine, 1993) é a de que categorias que marcam algum tipo de aspecto espacial tendem a ampliar seu escopo a aspectos relacionados a tempo. Ao se observarem os dados em função dessa premissa, detectaram-se, no *corpus*

⁶³ Exemplos retirados, respectivamente, de Machado Vieira (2001, p. 182) e de Esteves (2008, p. 151).

pesquisado, usos de *ir* em que o deslocamento acontece no espaço temporal e não mais no espaço geográfico. Eis alguns exemplos:

MARCO PREDICATIVO DOS EXEMPLOS (29 - 32)

(f₅: *ir*) [V] (x₁: <animado ou inanimado>)_{agente controlador ou não controlador} (x₂: <inanimado>)_{ponto temporal}
 = ((arg. 1): entidade que se desloca no tempo) ((arg. 2): um determinado ponto em algum tempo)

(*Exemplo 29*): “No final deste mês, os 34 países das Américas estarão reunidos em Quito, no Equador, para definir os termos em que o acordo da Alca será implantado em sua última fase, que **vai** até 2005, sob a presidência conjunta dos Estados Unidos e do Brasil.” (Opinião, O Globo, 21/10/02, “Uma Alca sem atropelos”)

(*Exemplo 30*): “(...) a doutora pediu que eu interrompesse o anticoncepcional... aí nessa que eu interrompi... eu engravidei... da minha segunda filha... conclusão... eu engravidei:: aí continuei estudando... eu estava estudando... continuei estudando... e tal... mesmo grávida... eu **fui** até o final da gravidez... eh:: estudando... aí quando a minha filha mais nova nasceu... eu procurei uma pessoa pra tomar conta dela... e não encontrei...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 19)

(*Exemplo 31*): “(...) O bicho da mala preta passou lá minha filha, comprou ele!! Deu o dinheiro pra ele então... a gente não foi classificado, tá entendendo? A gente não **fomos** pra final.” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

(*Exemplo 32*): “Empate em 0 a 0 classifica o Real Madri; em 1 a 1 a decisão **vai** para a cobrança de pênaltis e empate por qualquer outro placar classifica o Bayern.” (Notícias/Reportagens, JB, 10/03/04, “Real e Bayern decidem vaga”)

Embora se tenham obtidos poucos dados dessa natureza, cumpre descrevê-los, em virtude de sua peculiaridade no que tange ao tipo de “movimento” que *ir*, nessas predicções, expressa. Nos exemplos de (29) e (30), percebe-se que o meio pelo qual o agente, que pode ser controlador ou não, se desloca é um espaço temporal, o que faz desses itens em destaque extensões semânticas do verbo predicador *ir*. Nos enunciados (31) e (32), constata-se que há um deslocamento até a realização de um evento, que no caso é representado pelo *final do campeonato* e pela *cobrança de pênaltis*; e tais eventos são apresentados como localizados num eixo temporal, que pressupõe início, meio e fim.

Verificando-se os dados de verbo predicador *ir*, encontra-se a seguinte distribuição:

Tipos de extensões semânticas	Número de ocorrências	Percentual
Verbo predicador pleno	313	63%
Verbo predicador não pleno	87	18%
Empregos em unidade compósita	94	19%
Total	494	100%

Tabela 8: Produtividade das extensões semânticas do verbo predicador *ir*.

A quantificação exposta na tabela 8 revela que *ir*, na condição de verbo predicador, é empregado produtivamente como predicador pleno (63% dos dados). As demais extensões de sentido são pouco freqüentes no *corpus*, em comparação ao seu uso lexical básico.

Observando-se os empregos de *ir* como predicador não pleno, detectaram-se dois subtipos mais produtivos de ocorrências: (1) extensão semântica em que *ir* contrai valor semântico de “movimento no tempo” e (2) extensão semântica em que *ir* é “pró-verbo” de movimento de outros verbos mais específicos, uma espécie de verbo “coringa”.

Tipos de valores semânticos adquiridos por <i>ir</i>	Número de ocorrências	Percentual
Valor semântico de “movimento no tempo”	31	36%
Valor semântico equivalente (quase) a outro item verbal	56	64%
Total	87	100%

Tabela 9: Produtividade dos valores semânticos adquiridos por *ir* na qualidade de verbo predicador não pleno.

Com base nos resultados da tabela 9, *ir*, ao expandir-se semanticamente, adquire, com mais freqüência (64% de 87 dados), valor semântico equivalente a de verbos que, sob alguma medida, apresentam um traço semântico de “movimento”, “fluidez” etc. (cf. exemplos [20], [21] e [22]). Incorporando sentido de “movimento no

tempo”, *ir* mostrou-se menos produtivo (36% de 87 dados), se comparado ao percentual bruto anteriormente exposto. Não obstante, se se pensar que o subtipo anteriormente apresentado abarca diferentes possibilidades semânticas e que o subtipo com valor temporal se restringe a uma possibilidade, este uso ganha em expressividade.

Em síntese, o verbo predicador *ir* pode exprimir, além de seu significado básico de “movimento no espaço”, extensões de sentidos mais ou menos relacionadas ao núcleo semântico básico. Atesta-se que a sintaxe lexical prototípica desse verbo permanece, no geral, inalterada em todas as extensões semânticas observadas, embora se verifiquem nas estruturas compósitas indícios de uma fusão sintático-semântica. No entanto, a atribuição sintática de predicar não se perde nem em extensões de sentidos mais destoantes da semântica básica. Observar-se-ão, nas próximas seções, contudo, casos em que se perceberá, além de alteração semântica, mudança morfossintática.

4.2. O emprego como verbo copulativo

4.2.1. O fenômeno da cópula verbal

Antes das análises de *ir* como verbo copulativo, julga-se necessária uma breve descrição da natureza categorial dos verbos copulativos e das sentenças de que participam.

Verbos de ligação são, normalmente, associados a elementos que “relacionam” categorias – sujeito e predicativo – e/ou que “suportam” propriedades gramaticais de tempo, pessoa e modo. Tal afirmação sugere que verbos copulativos possuem apenas função interna ao sistema lingüístico, ou seja, não fazem qualquer tipo de referência ao mundo biopsicofisicossocial, como é o caso dos verbos predicadores.

Nos exemplos a seguir, podem-se verificar casos de verbos de ligação **equativos**, pois os constituintes relacionados, posicionados à direita e à esquerda do verbo, estão numa relação de igualdade, já que há a possibilidade de troca entre tais termos.

(a) A noite em São Paulo *parece* o seu sábado.

(b) O gerente financeiro da empresa é o filho.

Em (a), se o constituinte *o seu sábado* passasse a ocupar a posição à esquerda da forma verbal *parece*, aquele passaria a ser o sujeito, já que, por estarem em posição de igualdade, não há outro critério, além da ordem, para definir-se estruturalmente qual constituinte é sujeito e qual é o predicativo. Essa possibilidade de mobilidade, ou seja, de qualquer um dos termos ocupar a posição de sujeito ou de predicativo demonstra o estado equativo que esse subtipo de verbos de ligação proporciona aos constituintes. Em (b), por exemplo, poder-se-ia ter *o gerente financeiro é o filho*, em que *o gerente* é o sujeito, ou *o filho é o gerente financeiro*, em que *o filho* é o sujeito. Cabe ressaltar que, em termos discursivo-pragmáticos, a inversão pode provocar uma mudança de sentido. Em (b), por exemplo, a inversão poderia caracterizar uma mudança de foco.

Existem alguns casos, entretanto, em que não se percebe essa posição de equilíbrio entre os constituintes à esquerda e à direita do verbo de ligação, pois um termo funciona como modificador ou delimitador do outro e uma mudança de posição caracterizaria uma inversão entre sujeito e predicativo. A esse tipo de verbo de ligação que seleciona uma descrição e/ou característica do sujeito, confere-se o nome de verbos **atributivos** ou **descritivos**, conforme está ilustrado a seguir:

(c) João está doente.

(d) João é doente.

(e) João continua doente.

Se, em qualquer desses enunciados, o termo *doente* passasse a ocupar a posição à esquerda do verbo, aquele continuaria sendo um predicativo (*doente, está João / Doente, é João / Doente, continua João*). Novamente, percebe-se que essa inversão pode acontecer em razão de necessidades discursivo-pragmáticas, como a focalização.

Esses exemplos demonstram, ainda, o quanto os verbos de ligação podem interferir na semântica da frase. As diferenças entre tais enunciados pautam-se, basicamente, na duração de estado a que cada constituinte sujeito se vincula. Em (c), percebe-se uma duração de estado mais curta, em (d), uma duração

permanente e, em (e), uma duração longa, mas que não transparece uma permanência tal qual se capta em (d).

Em suma, há dois subtipos de verbos de ligação: (i) um que proporciona um equilíbrio sintático entre os constituintes – verbos equativos – e (ii) outro em que o predicativo descreve e/ou delimita alguma propriedade do sujeito – verbos atributivos ou descritivos. Para fins de análises, comparar-se-á ir ao verbo estar, por participarem de predicacões com configurações sintáticas e semânticas semelhantes.

4.2.2. Caracterização sintático-semântica do verbo copulativo ir

Um emprego pouco produtivo no *corpus* investigado e pouco abordado por pesquisas é o de ir como verbo copulativo. Tal função encontra-se fora de pauta em quase todos os materiais examinados (cf. capítulo 1), com exceção de alguns dicionários, como Houaiss & Villar (2001) e Michaelis (1998), que mencionam esse uso e exemplificam. A seguir, encontram-se praticamente todas as ocorrências de ir como verbo copulativo existentes no *corpus* desta pesquisa.

*(Exemplo 33): “Como prova de que a indústria **vai** mal, a Anfavea anunciou que, em maio, as vendas da indústria automobilística caíram 13,4%, em relação ao mesmo mês de 2002.” (Editoriais, JB, 08/06/03, “A segunda onda”)*

*(Exemplo 34): “O plano para a Bolsa não deveria ser ato isolado. Quanto mais o PT explicitar seu programa econômico, melhor. Até porque o país não **vai** mal como se diz.” (Editoriais, JB, 20/10/02, “Oportunidade histórica”)*

*(Exemplo 35): “Não... (inint) [e fala pra ela você é cria do morro, seu pai é o fundador desse local] Já falei já falei tudo. Agora eu, não é porque eu sou fundadora do lugar eu sei do lugar não, eu sei da minha casa [assim, mas não é isso, eu dei (inint) foi falado muito a menina (inint) mas não tem nada a ver, isso é uma pesquisa, um trabalho dela] é um trabalho dela, ela **vai** bem, ela vai até passá de ano.”*

*(Exemplo 36): “Quando aposta no Brasil, a empresa italiana sabe que tem aqui oportunidade de crescimento e lucro muito maior do que em seu próprio país. Aí está o caso da Fiat Automóveis, que atravessa crise aguda na Itália mas **vai** de vento em popa no Brasil.” (Editoriais, JB, 21/10/02 “Conquista social”)*

(Exemplo 37): “Essa era a paixão verdadeira. Tudo parece ir bem, embora ela esteja sempre desconfiada de que a mão pesada de Deus interromperá seu caminho mais uma vez. A desconfiança se transforma em quase certeza quando o capitão Michel Stuart é convocado para a batalha de Waterloo.” (O Globo, 23/10/02, “O milagre do

melodrama dos anos 50”)

(Exemplo 38): “O assassinato do dentista negro em São Paulo, a tortura no Morro da Coroa, em Santa Teresa, e a execução de três jovens na Rocinha nos dão a certeza de que algo **vai** muito mal com aqueles que deveriam ter preparo para abordar, perguntar, averiguar e suspeitar antes de sacar a arma e matar.” (Cartas, O Globo, 25/02/04, “Meninos da Rocinha”)

(Exemplo 39): “Quando as coisas não **vão** bem no Brasil, ou quando frêmitos de autoritarismo começam a soprar dentro de algum dos poderes constituídos (Executivo, Judiciário ou Legislativo), ou ainda quando interesses espúrios de gente muito ou muitíssimo graúda começam a ser desvendados, uma certa fumaça negra e malcheirosa pode surgir no horizonte da pátria amada, idolatrada, fazendo comprometer a plantinha inda tenra a que chamamos democracia.” (Opinião, O Globo, 28/10/02, “A censura e as trevas”)

Construções com *ir* copulativo apresentam certa regularidade no que se refere à natureza do predicativo, visto que só é possível preencher tal posição com os advérbios *bem* ou *mal* ou com expressões semanticamente equivalentes (*de vento em poupa*⁶⁴ = *bem*).

Ir nesse tipo de construção define-se como um verbo **atributivo**, pois o predicativo caracteriza e/ou delimita propriedades do constituinte sujeito, informando, mais precisamente, um estado do sujeito. Entende-se, também, que *ir* não apresenta conteúdo semântico tão esvaziado assim, já que sua troca por outro verbo de ligação, como *estar*, por exemplo, acarreta uma mudança semântica na sentença.

(Exemplo 33a): “Como prova de que a indústria **vai** / **está** mal, a Anfavea anunciou que, em maio, as vendas da indústria automobilística caíram 13,4%, em relação ao mesmo mês de 2002.” (Editoriais, JB, 08/06/03, “A segunda onda”)

(Exemplo 34a): “O plano para a Bolsa não deveria ser ato isolado. Quanto mais o PT explicitar seu programa econômico, melhor. Até porque o país não **vai** / **está** mal como se diz.” (Editoriais, JB, 20/10/02, “Oportunidade histórica”)

(Exemplo 38a): “O assassinato do dentista negro em São Paulo, a tortura no Morro da Coroa, em Santa Teresa, e a execução de três jovens na Rocinha nos dão a certeza de que algo **vai** / **está** muito mal com aqueles que deveriam ter preparo para abordar, perguntar, averiguar e suspeitar antes de sacar a arma e matar.” (Cartas, O Globo, 25/02/04, “Meninos da Rocinha”)

⁶⁴ Em obras lexicográficas tais como Houaiss & Villar (2001) e Michaelis (1998), *está* registrado que expressões como *ir de vento e poupa* e *ir de mal a pior* são unidades compósitas; ou seja, os autores não excluem a participação de *ir* em tais construções.

Tendo em vista que estar é um verbo cópula que pode figurar numa predicação cujo predicativo se preenche com os advérbios *bem*, *mal* ou expressões equivalentes, pode-se comparar o comportamento de ocorrências de ir com o de estar.

Um primeiro parâmetro em que se pode basear esta análise é o da formulação de regras de expressão para ilustrar a estrutura das construções de ir como verbo de cópula. A regra de expressão que pode ser atribuída a ir se configura, basicamente, da seguinte maneira:

CÓPULA-SUPORTE: IR - SUPORTE

<i>input:</i>	π <i>bem</i> [Adverbial] (x_1)
condições:	π =Modo, Tempo, Aspecto e Pessoa
<i>output:</i>	π <i>ir</i> [V] predicado [Adverbial] (x_1)

1. Presente e_1 : *bem* [Adv.] (d_1x_1 : *Ela* [N]) \emptyset
2. Presente e_i : *ir* [V] *bem* [Adv] (d_1x_i ; *Ela* [N]) \emptyset
3. *Ela vai bem.* (trecho do exemplo (33))

Como se pode observar, ir é considerado um verbo de **cópula-suporte**,⁶⁵ em razão de suas funções de estabelecer a ligação entre o sujeito e o predicativo e de suportar categorias gramaticais de modo, tempo, aspecto e pessoa. Dessa forma, entende-se que ir não é o elemento com a atribuição de predicar, e, sim, o advérbio.

Outro parâmetro a ser salientado para caracterizar ir com função de cópula-suporte é o das nuances semânticas proporcionadas por tal verbo em oposição a estar. Considera-se que as diferenças entre “*a indústria vai bem*” e “*a indústria está bem*” são relativas ao aspecto, sobretudo, pois, enquanto, com ir se percebe um estado que perpassa vários pontos de um *continuum* temporal, com estar verifica-se um estado em um determinado ponto. Nesse sentido, “*a indústria vai bem*” significa que, no decorrer de um recorte temporal, “*a indústria*” apresenta um estado contínuo ao qual se pode atribuir o advérbio “*bem*”, enquanto “*a indústria está bem*” significa

⁶⁵ Nesta pesquisa, não se faz qualquer tipo de distinção entre os termos **verbo de cópula-suporte** e **verbo copulativo**.

que, em um dado momento de um recorte temporal, “a indústria” apresenta um estado discreto ao qual se pode atribuir o advérbio “bem”.

A figura a seguir ilustra que, enquanto estar apresenta um traço semântico [-progressivo], caracterizando-se, assim, como um elemento que participa na construção de um estado de coisa mais pontual e mais curto, ir caracteriza-se como [+ progressivo], isto é, como um item que participa na configuração de um estado de coisa menos pontual e mais demorado.



Figura10: Comparação entre os verbos copulativos ir e estar no que tange ao comportamento aspectual.

Na hipótese de um diálogo como “F: Como está? D: Indo”⁶⁶, a resposta do destinatário evidencia o aspecto não pontual de ir verbo de ligação, pois se interpreta que, se o destinatário respondesse *bem*, o falante entenderia que está tudo bem. Ele poderia até duvidar da resposta do destinatário, que, por quaisquer razões, poderia dizer que está bem, sem, de fato, estar. Por outro lado, a resposta *indo* representa que o destinatário quer expressar seu estado de incompletude, ou seja, ele ainda está tentando esforçar-se para atingir o estado de satisfação, mas, por enquanto, está “a caminho”.

Pautando-se nessa característica representada no exemplo acima, infere-se que é possível resgatar resquícios do traço semântico básico de movimento. Com a resposta do destinatário, percebe-se que ele se encontra numa espécie de “movimento metafórico” até atingir um estado de satisfação.

Essas propriedades, como se observará na próxima subseção, são importantes para que seja possível averiguar o grau de (semi-)gramaticalização que afeta esse

⁶⁶ F= Falante; D= Destinatário.

uso, ou seja, o quanto essa função se afasta, em termos categoriais, da função lexical básica.

4.2.3. Propriedades que afastam o verbo copulativo *ir* de uma categoria mais lexical

Para se definir o grau de (semi-)gramaticalização que afeta o emprego de *ir* como verbo copulativo, a caracterização semântica parece ser profícua, pois se nota uma clara distinção de sentidos entre os empregos de *ir* como verbo predicador pleno e como verbo de ligação. No que concerne aos aspectos sintáticos que podem ser utilizados para estabelecer essa distinção, há parâmetros como projeção de argumentos, atribuição de papéis temáticos, que podem elucidar o nível de (semi-)gramaticalização de *ir*.

Predicações com *ir* na qualidade de verbo copulativo apresentam propriedades semânticas que, segundo Heine *et alii* (1991), as incluem numa categoria de elementos e estrutura com algum grau de gramaticalidade. A abstratização do seu sentido constitui uma das evidências para caracterizá-lo como um elemento (semi-)gramaticalizado, já que se capta um “movimento no tempo”.

A caracterização semântica das entidades que cada uso envolve na predicação, também, é pertinente para definir-se o grau de (semi-)gramaticalização. Enquanto *ir* predicador pleno envolve um sujeito agente controlador e um espaço físico para onde tal agente se desloca, o verbo de ligação *ir* relaciona-se a um sujeito experienciador e a um estado dessa entidade. Os constituintes aos quais *ir* em sua função lexical básica se associa pertencem a um mundo conceptual concreto – agente, deslocamento, espaço físico. Por outro lado, em construções com *ir* verbo copulativo, as entidades envolvidas configuram um mundo conceptual mais abstrato – experienciador, “movimento metafórico”, estado.

A possibilidade de se atribuir um *continuum* espaço-temporal ao uso de *ir* como verbo predicador serve como mais um parâmetro semântico para se avaliar o nível de alteração categorial do uso desse verbo como copulativo. No uso como predicador pleno, é possível perceber um claro deslocamento espacial concomitante a um deslocamento temporal e, com isso, é possível, também, determinar, pelo menos, um ponto espaço-temporal inicial desses movimentos e um ponto final. Já no

uso como verbo copulativo, somente o ponto inicial pode ser evidenciado (*Desde de 2003, algo vai muito mal*).

Uma diferença que se salienta é o fato de que, (a) por representar um evento de movimento no *continuum* espaço-temporal, é o ponto de chegada/o fim a informação mais freqüentemente explicitada, a esperada e, (b) por representar movimento metafórico no tempo, é o ponto de partida a informação mais freqüentemente delimitada.

No quadro a seguir, resumem-se características semânticas que marcam as especificidades do emprego de verbo predicador em comparação ao uso como verbo copulativo.

Verbo predicador		Verbo copulativo
(a) Indica movimento no espaço.		(a) Sinaliza uma espécie de “movimento metafórico.”
(b) Envolve um agente controlador e um lugar para onde se desloca.		(b) Envolve um experienciador e o seu respectivo estado.
(c) É possível conceber num <i>continuum</i> espaço-temporal, pelo menos, dois pontos: início e fim.		(c) É possível conceber, apenas num <i>continuum</i> temporal, pelo menos dois pontos: início e fim.
(d) É possível associar seu significado ao mundo biopsicofísicosocial.		(d) Não é possível associar seu significado ao mundo biopsicofísicosocial.

Quadro 8: Comparação, em vista das propriedades semânticas, entre os usos de *ir* como verbo predicador pleno e verbo copulativo.

4.3. Verbo (semi-)auxiliar

Uma dos usos mais freqüentes de *ir*, no *corpus* consultado, é o que suscita uma categorização mais próxima da dos verbos auxiliares, já que, basicamente, tais ocorrências possuem atribuições de ordem instrumental, como tempo, pessoa e aspecto, por exemplo. As noções gramaticais de tempo que designa variam conforme sua flexão e a forma nominal que o acompanha, podendo contribuir, basicamente, para construções de *futuro do presente*, *futuro do pretérito*, *pretérito perfeito*, *imperativo* e perífrases que, juntamente com um gerúndio, expressam a noção aspectual de duração/continuidade.

[*Ir* + (verbo no infinitivo ou no gerúndio)]Predicado Verbal

Nesta seção, discutem-se os casos de *ir* na condição de elemento que participa de uma predicação complexa em que se percebe uma relação entre verbo auxiliar e verbo auxiliado. Além de se apresentarem as propriedades sintático-semânticas dessa construção, analisam-se: (i) o grau de auxiliaridade, pautado nos parâmetros apresentados por Mateus *et alii* (2003); e (ii) o nível de gramaticalização desse emprego, baseando tal análise na caracterização do nível de integração entre *ir* e o infinitivo/gerúndio que o acompanha.

4.3.1. Caracterização sintático-semântica de *ir* e dos constituintes envolvidos

As estruturas perifrásticas dos exemplos que se seguem apresentam *ir* flexionado, mais um elemento verbal no infinitivo ou no gerúndio responsável pela predicação, ou seja, pela projeção de argumentos e atribuição de papéis temáticos, caracterizando-se, assim, como o núcleo léxico-semântico daquelas. *Ir*, nesses casos, participa das predicções veiculando informações de ordem gramatical. Seu papel pode ser comparado ao dos morfemas gramaticais dos verbos.

Neste momento da análise, os dados utilizados para exemplificação foram selecionados conforme o grau de desbotamento semântico de *ir*, de modo que, nos enunciados a seguir, a categorização de *ir* não gere ambigüidade no que concerne ao seu estatuto sintático-semântico. Em outras palavras, em tais exemplos, *ir* não suscita uma categorização híbrida entre **predicador** e **auxiliar**. Procurou-se apresentar exemplos bem representativos do verbo auxiliar *ir*, o que faz desses enunciados modelos de empregos desse item verbal com alto grau de gramaticalização, como se conferirá mais adiante.

(Exemplo 40): “Acho que vou criar uma polêmica. E tanto melhor - ou tanto pior, dependendo dos humores dos que me lêem e dos que gostam de meter o nariz no texto alheio. Pois muito bem. Vi o Éder Jofre e vejo agora o Popó. Imaginando que estão no mesmo peso e que vão se enfrentar, apostaria no Popó. Morrendo de medo de perder minha grana suada, mas apostaria”. (Opinião, Extra, 05/01/04, “Batendo com arte”)

(Exemplo 41): “Dois agentes penitenciários que trabalhavam em Bangu 3 entre 1997 e 1999 vão ser ouvidos no inquérito policial aberto na DRE para investigar a denúncia de que o secretário estadual de Esportes, Francisco de Carvalho, o

Chiquinho da Mangueira, teria pedido uma trégua na repressão policial ao tráfico”. (Notícias/Reportagens, Extra, 05/06/03, “Agentes do Desipe vão depor contra Chiquinho”)

(Exemplo 42): “Nunca tantos candidatos disputaram vagas nas prefeituras e nas câmaras. Mais uma vez, eles **vão** ocupar espaços na mídia e pedirão os votos dos eleitores”. (Editoriais, Povo, 12/01/04, “O mapa da mina”)

(Exemplo 43): “(...) os pais dela são o quê? são uns cara/ eles dizem ser liberais... os pais dela... mas eu acho que não... quando a/ se ela colocasse o problema em questão... falasse que estava grávida... eu acho que **ia** mudar muito a situação...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)

(Exemplo 44): “(...) aí ele falou pra ela que não tinha problema do que tinha acontecido... sobre gravidez... isso não **ia** influenciar em nada...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)

(Exemplo 45): “Eu estava jogando vídeo-game... aí... veio um adversário que eu... que eu... quase... não conseguia derrotar... quase... não conseguia... aí eu consegui derrotar... fui... **fui** tentar derrotar o chefe... o chefe me derro... me derrotou... aí eu **fui** tentar... milhares e milhares de vezes e não consegui... de repente... parei de jogar vídeo-game... aí (e aí) eu **fui** brincar com meus colegas... **fui** jogar futebol... aí... eu/ na brincadeira eu era goleiro... e depois fui jogador... depois fui zagueiro... e... e... e... e quando eu era... quando eu era jogador... eu... eu dei... eu dei um gol de cabeça..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa de experiência pessoal, Inf. 83)

(Exemplo 46): “**Vamos** parar de jogar a culpa no outro. Isso só aumenta o problema e nos enfraquece aos olhos dos marginais”. (Cartas, JB, 16/04/04, “Barbárie humana”)

(Exemplo 47): “Uma vez que apenas os “pobres” terão acesso às vagas, parece-me tudo uma grande armadilha: **vamos** enganar essas pessoas com uma educação de segunda categoria”. (Cartas, O Globo, 25/02/04, “Vagas para todos”)

(Exemplo 48): “Se a CEF não estava satisfeita com o monopólio da Gtech, por que, em vez de assinar um contrato de 25 meses, não **foi** fazendo prorrogações sucessivas de 90 dias até a solução definitiva do problema?” (Cartas, O Globo, 28/02/04, “Razão para desconfiar”)

(Exemplo 49): “(...) olha só... eu gosto de fazer bolo... pego um coco... bato... pego a farinha de trigo... e mexo com o ovo e... pego o leite... misturo... boto manteiga... **vou** untando a... a forma e boto pra assar..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Relato de procedimento, Inf. 73)

No que se refere à caracterização semântica, percebe-se, com base nos exemplos, que *ir* não permite uma interpretação de “movimento concreto”; no entanto, em alguns casos, detectam-se certos matizes semânticos que podem ter sido provocados pela natureza semântica básica de *ir*. Nos exemplos (48) e (49),

acredita-se que a noção de aspecto contínuo é reforçada, tendo em vista traços semânticos básicos de *ir*, tais como “fluidez” e “continuidade”, bem como da forma nominal sobre o qual opera.

Em exemplos como (40), (41) e (42), é possível, também, resgatar resquícios de algum tipo de movimento, já que os complexos verbais *vou criar*, *vão se enfrentar*, *vão ser ouvidos* e *vão ocupar* apontam para uma ação futura, tratando-se, assim, de uma espécie de movimento no tempo. As noções semânticas de espaço e tempo confundem-se muito quando se observam alguns elementos da língua, como *até* e *onde*. Tais itens que basicamente fazem referência a espaços concretos (*A Maria foi até a porta da escola* / *A praia onde eu fui está suja*) podem, sem problema, relacionar-se ao tempo (*As inscrições estarão abertas até a próxima sexta-feira* / *Naquele ano, onde tudo era festa, a situação era mais fácil*)⁶⁷. Essa mescla entre tempo e espaço é uma das principais razões para a gramaticalização de *ir*, como se observará mais adiante.

Além da noção gramatical de futuridade, captada nos exemplos (40), (41) e (42), é possível também que *ir* designe modalidade epistêmica, atribuindo ao evento expresso pelo infinitivo que o acompanha uma possibilidade bem factível. Essa modalidade pode ser percebida por meio da troca de *ir* por *poder*, por exemplo, verbo mais comumente julgado como modal que expressa uma possibilidade pouco factível.

(Exemplo 40a): “Acho que vou / posso criar uma polêmica. E tanto melhor - ou tanto pior, dependendo dos humores dos que me lêem e dos que gostam de meter o nariz no texto alheio. Pois muito bem. Vi o Éder Jofre e vejo agora o Popó. Imaginando que estão no mesmo peso e que vão / podem se enfrentar, apostaria no Popó. Morrendo de medo de perder minha grana suada, mas apostaria”. (Opinião, Extra, 05/01/04, “Batendo com arte”)

(Exemplo 41a): “Dois agentes penitenciários que trabalhavam em Bangu 3 entre 1997 e 1999 vão / podem ser ouvidos no inquérito policial aberto na DRE para investigar a denúncia de que o secretário estadual de Esportes, Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira, teria pedido uma trégua na repressão policial ao tráfico”. (Notícias/Reportagens, Extra, 05/06/03, “Agentes do Desipe vão depor contra Chiquinho”)

⁶⁷ Todos os exemplos deste parágrafo foram criados.

(Exemplo 42a): “Nunca tantos candidatos disputaram vagas nas prefeituras e nas câmaras. Mais uma vez, eles vão / podem ocupar espaços na mídia e pedirão os votos dos eleitores”. (Editoriais, Povo, 12/01/04, “O mapa da mina”)

Como se pode perceber com a manipulação dos complexos nos exemplos, *ir* exerce uma função de modalizador, além de ser o principal responsável pela expressão de futuro. Nesta dissertação, trabalha-se com o argumento de que modalidade e tempo são dois papéis concomitantes exercidos por *ir* na construção com o infinitivo. Assim sendo, nos exemplos (39a), (40a) e (41a), os valores semânticos designados pelos constituintes auxiliados – *criar*, *enfrentar*, *ser ouvidos* e *ocupar* – serão mais ou menos factíveis a depender do auxiliar que os modalizarem.

O exemplo a seguir apresenta uma reformulação do falante que preferiu atribuir ao evento expresso pela perífrase *tentar explicar* uma noção pouco factível. Note-se que o elemento *tentar* já permite uma conceptualização de uma modalidade epistêmica que torna o conteúdo semântico de *explicar* pouco factível. Com o emprego de *poder*, essa característica acentua-se. Vale salientar que não se pode perder de vista a contribuição do elemento *até* para esse efeito semântico.

(Exemplo 50): “(...) sou um cara estudioso... entendeu? mas a coisa que eu mais gosto de fazer mesmo eu acho que não vai dar pra você aprender não... vou até::/posso até tentar te explicar...” (D&G, Ensino Superior, Relato de procedimento, Inf. 4)

Note-se que, no exemplo (45), *ir* participa de uma predicação complexa composta de três elementos. Em tal ocorrência, observa-se uma informação que precisa ser transmitida, ou seja, a de modalização epistêmica, mas não é oferecida por tal verbo, no exemplo em questão. O elemento *tentar*, aparentemente, capaz de tal transmissão semântica, é, portanto, utilizado para essa função. Assim sendo, na predicação (45), há um núcleo sintático-semântico e dois elementos que o auxiliam: um para expressar as noções gramaticais de tempo e pessoa – *ir* – e outro para modalizar a ação de *derrotar*.

Nos exemplos apresentados nesta seção, a caracterização sintática de *ir* traduz um contexto de aparente auxiliaridade, mas tal verbo possui propriedades diferentes das de verbos tipicamente arrolados como auxiliares: (*ter* e *haver* em estruturas de tempo composto). Para tal averiguação, utilizar-se-ão os critérios

descritos em Mateus *et alii* (2003), que permitem identificar o caráter auxiliar dos verbos, possibilitando evidenciar categorias graduais, como mais ou menos semi-auxiliar – não responde positivamente a todos os critérios – e mais ou menos auxiliar – responde positivamente a todos os critérios.

Ir pode ser considerado um auxiliar, já que, em nenhum dos exemplos expostos, seleciona sintática nem semanticamente os argumentos. Na sentença (40), por exemplo, a responsabilidade pela projeção dos argumentos *uma polêmica* e *eu* (implícito) e pela atribuição dos papéis temáticos de, respectivamente, **tema** e **agente** é do elemento verbal *criar*. Em se tratando desse critério, *ir* é um auxiliar em todas as construções em que participa (*ir* + infinitivo / *ir* + gerúndio).

Ir, também, pode ser considerado um auxiliar, visto que, em nenhum dos exemplos supracitados, é possível substituir o verbo candidato a principal por uma oração completiva introduzida pelo conectivo *que*.

Em vista do critério que determina a possibilidade de mais de um temporalizador, *ir* comporta-se, diferentemente, a depender do tipo de construção em que se encontra. Nas estruturas em que designa futuro, pretérito, imperativo e em que auxilia uma forma no gerúndio, esse verbo é um auxiliar, já que não é possível utilizar temporalizadores diferentes para os elementos verbais envolvidos nas predicções dos exemplos. Mateus *et alii* (2003) afirmam que em uma estrutura composta por verbo auxiliar mais verbo auxiliado, só há um domínio temporal. Assim, tornar-se-iam agramaticais os exemplos (40), (46) e (49), ao se proceder da seguinte maneira:

*(Exemplo 40b): *"Acho que hoje vou criar amanhã uma polêmica. E tanto melhor - ou tanto pior, dependendo dos humores dos que me lêem e dos que gostam de meter o nariz no texto alheio. Pois muito bem. Vi o Éder Jofre e vejo agora o Popó. Imaginando que estão no mesmo peso e que vão se enfrentar, apostaria no Popó. Morrendo de medo de perder minha grana suada, mas apostaria". (Opinião, Extra, 05/01/04, "Batendo com arte")*

*(Exemplo 45a): *"Eu estava jogando vídeo-game... aí... veio um adversário que eu... que eu... quase... não conseguia derrotar... quase... não conseguia... aí eu consegui derrotar... fui... ontem fui tentar hoje derrotar o chefão... o chefão me derro... me derrotou... aí eu fui tentar... milhares e milhares de vezes e não consegui... de repente... parei de jogar vídeo-game... aí (e aí) eu fui ontem brincar hoje com meus colegas... hoje fui jogar amanhã futebol... aí... eu/ na brincadeira eu era goleiro... e depois fui jogador... depois fui zagueiro... e... e... e... e quando eu era... quando eu*

era jogador... eu... eu dei... eu dei um gol de cabeça..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa de experiência pessoal, Inf. 83)

*(Exemplo 46a): *“Hoje vamos parar amanhã de jogar a culpa no outro. Isso só aumenta o problema e nos enfraquece aos olhos dos marginais”. (Cartas, JB, 16/04/04, “Barbárie humana”)*

(Exemplo 49a): “(...) olha só... eu gosto de fazer bolo... pego um coco... bato... pego a farinha de trigo... e mexo com o ovo e... pego o leite... misturo... boto manteiga... vou hoje untando amanhã a... a forma e boto pra assar..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Relato de procedimento, Inf. 73)*

Nas construções de futuro do pretérito, todavia, – exemplos (43) e (44) –, percebe-se que é possível inserir temporalizadores independentes para as duas formas verbais. Com efeito, *ir* apresenta mais características de verbo predicador e menos de (semi-)auxiliar, mesmo que se mude a posição do temporalizador, como se observa nos seguintes exemplos manipulados:

(Exemplo 43a): “(...) os pais dela são o quê? são uns cara/ eles dizem ser liberais... os pais dela... mas eu acho que não... quando a/ se ela colocasse o problema em questão... falasse que estava grávida... eu acho que ontem ia mudar hoje muito a situação...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)

(Exemplo 44a): “(...) aí ele falou pra ela que não tinha problema do que tinha acontecido... sobre gravidez... isso não ia hoje influenciar amanhã em nada...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)

Ir, também, é um auxiliar, pois a negação não pode incidir sobre as duas formas verbais, independentemente, em nenhuma das construções em foco (*ir* + infinitivo [futuro, pretérito, imperativo e futuro do pretérito] / *ir* + gerúndio). Inserindo-se, por exemplo, o item *não* em posição anterior a *ir*, depreende-se que o escopo de atuação dessa negação compreende todo o complexo verbal. Caso a negação fosse introduzida antes de *ir* e antes da forma nominal do verbo principal, o grau de aceitabilidade dos enunciados variaria conforme a construção em questão. Novamente, percebe-se nos enunciados em que *ir* designa futuro do pretérito uma possibilidade mais acentuada de inserção de duas negações; o que não acontece com tanta clareza nas demais estruturas.

(Exemplo 42b): “Nunca tantos candidatos disputaram vagas nas prefeituras e nas câmaras. Mais uma vez, eles [não] vão [não] ocupar espaços na mídia e pedirão os votos dos eleitores”. (Editoriais, Povo, 12/01/04, “O mapa da mina”)

(Exemplo 44b): “(...) aí ele falou pra ela que não tinha problema do que tinha acontecido... sobre gravidez... isso [não] ia [não] influenciar em nada...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)

(Exemplo 45b): “Eu estava jogando vídeo-game... aí... veio um adversário que eu... que eu... quase... não conseguia derrotar... quase... não conseguia... aí eu consegui derrotar... fui... [não] fui [não] tentar derrotar o chefe... o chefe me derro... me derrotou... aí eu [não] fui [não] tentar... milhares e milhares de vezes e não consegui... de repente... parei de jogar vídeo-game... aí (e aí) eu [não] fui [não] brincar com meus colegas... [não] fui [não] jogar futebol... aí... eu/ na brincadeira eu era goleiro... e depois fui jogador... depois fui zagueiro... e... e... e... e quando eu era... quando eu era jogador... eu... eu dei... eu dei um gol de cabeça..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa de experiência pessoal, Inf. 83)

(Exemplo 46b): “[Não] Vamos [não] parar de jogar a culpa no outro. Isso só aumenta o problema e nos enfraquece aos olhos dos marginais”. (Cartas, JB, 16/04/04, “Barbárie humana”)

(Exemplo 49b): “(...) olha só... eu gosto de fazer bolo... pego um coco... bato... pego a farinha de trigo... e mexo com o ovo e... pego o leite... misturo... boto manteiga... [não] vou [não] untando a... a forma e boto pra assar...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Relato de procedimento, Inf. 73)

Ainda que se retire a primeira negação nos exemplos (42b), (45b), (46b) e (49b), a agramaticalidade continuaria. O enunciado (44b), no entanto, permaneceria aceitável, por conta da modalidade pouco factível expressa pelo item ia. Nesse exemplo, acredita-se num uso com características parecidas com as do verbo poder, no que se refere à modalidade. Assim sendo, se sentenças como (*a professora pode não comparecer à festa do colégio*), em que se nega apenas comparecer, são possíveis, correlativamente, admite-se que enunciados com a forma verbal ia também se comportem de maneira similar ([...] *isso ia não influenciar em nada...*).

De acordo com a possibilidade de se substituir o verbo no infinitivo ou no gerúndio mais seu complemento por um pronome átono *o* ou por um pronome demonstrativo *isso*, constata-se que ir apresenta comportamento diferenciado a depender da construção da qual participa (cf. exemplos [40 – 49]) e da forma pronominal que substitui o infinitivo/gerúndio mais o complemento. Nos exemplos a seguir, essas características são evidenciadas.

(Exemplo 40c): “Acho que vou criar uma polêmica. (Mas ele não o vai / *Mas ele vai isso) E tanto melhor - ou tanto pior, dependendo dos humores dos que me lêem e dos que gostam de meter o nariz no texto alheio. Pois muito bem. Vi o Éder Jofre e vejo agora o Popó. Imaginando que estão no mesmo peso e que vão se enfrentar,

apostaria no Popó. Morrendo de medo de perder minha grana suada, mas apostaria”. (Opinião, Extra, 05/01/04, “Batendo com arte”)

*(Exemplo 43b): “(...) os pais dela são o quê? são uns cara/ eles dizem ser liberais... os pais dela... mas eu acho que não... quando a/ se ela colocasse o problema em questão... falasse que estava grávida... eu acho que **ia mudar** muito a situação...(*Mas isso não **o ia** / *Mas não **ia isso**)” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)*

*(Exemplo 45c): “Eu estava jogando vídeo-game... aí... veio um adversário que eu... que eu... quase... não conseguia derrotar... quase... não conseguia... aí eu consegui derrotar... fui... **fui** tentar derrotar o chefão... (*Mas ele não **o foi** / *Mas ele não **foi isso**) o chefão me derro... me derrotou... aí eu **fui** tentar... milhares e milhares de vezes e não consegui... de repente... parei de jogar vídeo-game... aí (e aí) eu **fui** brincar com meus colegas... **fui** jogar futebol... aí... eu/ na brincadeira eu era goleiro... e depois fui jogador... depois fui zagueiro... e... e... e... e quando eu era... quando eu era jogador... eu... eu dei... eu dei um gol de cabeça..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa de experiência pessoal, Inf. 83)*

*(Exemplo 49c): “(...) olha só... eu gosto de fazer bolo... pego um coco... bato... pego a farinha de trigo... e mexo com o ovo e... pego o leite... misturo... boto manteiga... **vou** untando a... a forma (Mas ele não **o vai** / *Mas ele não **vai isso**) e boto pra assar..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Relato de procedimento, Inf. 73)*

Com base nos exemplos manipulados, nota-se que, nas construções em que *ir* está flexionado no presente ([40c] e [49c]), a substituição de infinitivo/gerúndio mais complemento pelo pronome átono *o* parece ser possível, de modo que não se percebe agramaticalidade, conforme está exposto. Por outro lado, nesses mesmos exemplos, quando a substituição é feita pelo demonstrativo *isso*, a aceitabilidade é pouco provável.

A impressão que se tem, ao observarem-se os demais exemplos ([43b] e [45c]), é a de que tanto com *o*, como com *isso*, o enunciado não deixa de caracterizar-se como agramatical.

No que concerne à questão da colocação dos clíticos, *ir* apresenta, novamente, comportamento diferenciado, de modo que o pronome átono pode estar relacionado a *ir* ou ao infinitivo/gerúndio. Abaixo, são apresentadas todas as possibilidades de colocação, em vista da presença, ou não, de elementos atratores.

*(Exemplo 42c): “Nunca tantos candidatos disputaram vagas nas prefeituras e nas câmaras. Mais uma vez, eles **vão** ocupar espaços na mídia (eles **vão ocupá-los** / eles **vão os ocupar** / eles [não] **os vão ocupar**) e pedirão os votos dos eleitores”. (Editoriais, Povo, 12/01/04, “O mapa da mina”)*

(Exemplo 43c): “(...) os pais dela são o quê? são uns cara/ eles dizem ser liberais... os pais dela... mas eu acho que não... quando a/ se ela colocasse o problema em questão... falasse que estava grávida... eu acho que **ia** mudar muito a situação... (acho que **ia** mudá-**la** / acho que **ia a** mudar / acho que [não] **a ia** mudar)” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 10)

(Exemplo 45d): “Eu estava jogando vídeo-game... aí... veio um adversário que eu... que eu... quase... não conseguia derrotar... quase... não conseguia... aí eu consegui derrotar... fui... **fui** tentar derrotar o chefe... o chefe me derro... me derrotou... aí eu **fui** tentar... milhares e milhares de vezes e não consegui... de repente... parei de jogar vídeo-game... aí (e aí) eu **fui** brincar com meus colegas... **fui** jogar futebol... (**fui** **jogá-lo** / **fui o** jogar / [não] **o fui** jogar) aí... eu/ na brincadeira eu era goleiro... e depois fui jogador... depois fui zagueiro... e... e... e... e quando eu era... quando eu era jogador... eu... eu dei... eu dei um gol de cabeça..”. (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa de experiência pessoal, Inf. 83)

(Exemplo 48a): “Se a CEF não estava satisfeita com o monopólio da Gtech, por que, em vez de assinar um contrato de 25 meses, não **foi** fazendo prorrogações sucessivas (não **foi fazendo-a** / **foi a** fazendo / [não] **a foi** fazendo) de 90 dias até a solução definitiva do problema?” (Cartas, O Globo, 28/02/04, “Razão para desconfiar”)

Observando-se a manipulação de alguns trechos dos exemplos, chega-se à conclusão de que *ir*, em todas as construções das quais participa, comporta-se de modo híbrido, uma vez que os clíticos usam como hospedeiros tanto esse verbo, como o infinitivo/gerúndio.

Considerando-se os seis critérios em que Mateus *et alii* (2003) se baseiam para definir a natureza categorial de verbos candidatos a auxiliares, *ir* tende, com mais expressividade, ao rol dos auxiliares. Ainda que, como se observará mais adiante, em certos contextos, *ir* apresente alto grau de auxiliaridade, optou-se por chamá-lo de semi-auxiliar, tendo em vista que tal elemento não apresenta consonância com todos os critérios. Abaixo, resumem-se os critérios com os quais se trabalhou e a possível adequação de *ir*.

CRITÉRIOS	DEFINIÇÃO	<u>IR</u> É UM AUXILIAR?	CONCLUSÃO
1	Possibilidade de projetar argumentos, atribuindo-lhes papel temático	SIM	É um auxiliar, pois atende inteiramente ao critério.
2	Possibilidade de substituição do segundo verbo por uma oração introduzida por <i>que</i>	SIM	É um auxiliar, pois respeita inteiramente ao critério.
3	Possibilidade de inserção de um circunstanciador de tempo para cada forma verbal	PARCIALMENTE	Nas construções em que está flexionado no pretérito imperfeito não está concernente ao critério.
4	Possibilidade de inserção de uma negação para cada forma verbal	PARCIALMENTE	Nas construções em que está flexionado no pretérito imperfeito, não atende ao critério.
5	Possibilidade de retomada do segundo verbo mais seu argumento pelo pronome átono <i>o</i> ou pelo demonstrativo <i>isso</i>	PARCIALMENTE	Nas construções em que está flexionado no presente, ao se efetuar a substituição do infinitivo/gerúndio mais o complemento pelo pronome átono <i>o</i> , não satisfaz ao critério.
6	Forma verbal a que o clítico correspondente ao argumento interno do segundo verbo se vincula	PARCIALMENTE	Respeita parcialmente ao critério, já que o clítico, também, pode estar vinculado ao infinitivo/gerúndio.

Quadro 9: Comportamento de *ir* em função dos critérios de auxiliaridade propostos por Mateus *et alii* (2003).

Além dos critérios resumidos no quadro acima, há outros que contribuem para uma delimitação mais apurada das características dos auxiliares. Machado Vieira (2004), por exemplo, argumenta que o mesmo referente-sujeito para duas formas verbais representa mais um indício de que o complexo verbal em questão se trata de uma perífrase. Aplicado aos exemplos, esse parâmetro permite categorizar *ir* como um auxiliar: *(eu) acho que [eu] vou [eu] criar uma polêmica / eles vão [eles] ocupar espaços na mídia / isso não ia [isso] influenciar em nada / (eu) vou [eu] untando a forma.*

Outro parâmetro descrito pela autora avalia a fusão sintático-semântica entre auxiliar e auxiliado, constituindo uma unidade significativa. Observando-se alguns enunciados exemplificados, percebe-se que essa fusão pode ser evidenciada pela possibilidade de troca do complexo verbal por um predicador simples correspondente: *eles vão ocupar (ocuparão) espaços na mídia / eu acho que ia mudar (mudaria) muito a situação / fui tentar (tentei) derrotar o chefão*. Em outros, porém, como os casos em que o segundo verbo é uma forma no gerúndio, esse procedimento não se aplica.

4.3.2. A (semi-)gramaticalização de *ir* em predicções complexas

Para se determinar o quanto o processo de gramaticalização afeta o emprego de *ir* como verbo semi-auxiliar, é necessário ter como base a informação de que esse fenômeno de mudança lingüística afeta diferenciadamente *ir*, nesse emprego, a depender da constituição do enunciado em que está presente. Nesse sentido, apresentam-se, neste momento, aspectos lingüísticos que contribuem, em maior ou menor grau, para o processo de gramaticalização de *ir*.

Defende-se, nesta pesquisa, que o grau de gramaticalização de *ir* nas predicções complexas em questão é proporcional ao grau de integração entre esse verbo e o infinitivo/gerúndio que o acompanha. Assim, quanto mais integrado *ir* estiver à forma nominal que o acompanha, mais gramaticalizado está e, quanto menos integrado, mais características de verbo predicador *ir* apresenta.

Pautando-se nessa observação, estipularam-se graus de gramaticalização⁶⁸ e, conseqüentemente, de integração entre *ir* + a forma nominal de um verbo auxiliado, com base em propriedades lingüísticas das sentenças em que participam.

⁶⁸ A esses graus, pode-se atribuir também o nome de *graus de afastamento do pólo lexical*.

Grau1: *ir* possui baixo nível de integração com o infinitivo/gerúndio, por conta de três fatores: (i) sujeito [+ humano] e [+agente]; (ii) a ocorrência de um verbo principal cuja leitura possa ser a de objetivo, no caso de um infinitivo, ou a de um modo, no caso de um gerúndio (verbo de ação ou ação-processo); e (iii) a presença de um constituinte que poderia funcionar como a direção.

Nesse primeiro grau, *ir* possui baixa gramaticalização, pois ainda pode ser interpretado como um verbo predicador. Como já se conferiu em seções anteriores, a configuração sintático-semântica da predicação prototípica lexical de *ir* exige basicamente um sujeito que tenha a capacidade de controlar seu movimento e um locativo que funcione como a direção para onde tal agente se desloca. Nesse primeiro grau, há o contexto que propicia essa leitura dúbia dos componentes do enunciado. A seguir, arrolam-se alguns exemplos com infinitivo que apresentam esse contexto.

(Exemplo 51): “(...) aí... teve um dia que **a gente foi** pra **lá**... **foi fazer** um churrasco... e... o pessoal já tinha tentado montar nela... ela não tinha deixado... montar... né? aí acabou levando o nome de Melindrosa...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 24)

(Exemplo 52): “**Dirigentes do Flamengo foram buscar na África** o jogador que poderá ser o parceiro de ataque de Edilson em 2004.” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Africano na Gávea”)

(Exemplo 53): “Mas no meio de todas as garotas eu fui a felizarda... ele me escolheu bom depois disso tudo chegou no dia 30 de novembro de 1972... **eu fui passear na casa** da minha futura sogra aí ele estava em casa... aí ele deu um tempinho e logo depois ele disse vou dar uma saída mamãe e volto logo tá.” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 77, depoimento escrito)

(Exemplo 54): “Mas as gerações se sucedem e **as pessoas** ainda patinam no rink do Rockefeller Center ou no Central Park, ainda freqüentam o Village e a Chinatown para ver a fauna local, ainda tomam sol na fonte em frente ao Hotel Plaza e **vão ouvir** o Bobby Short cantar **no bar** do Hotel Carlyle.” (Crônicas, O Globo, 10/09/02, “Onze do nove (um)”)

(Exemplo 55): “Mãe, quando você quiser um zorro; um zorro aquele com um palitinho assim; é dois cruzeiros, não é? **Eu** tenho dois cruzeiros, **vou lá comprar** prá mim.” (PEUL, Banco de Dados da Fala Infantil, I03Luc)

Nesses exemplos, *ir* apresenta categorização híbrida, já que é possível interpretá-lo como um verbo predicador:

- *A gente foi (deslocou-se) pra lá (com a intenção de) fazer churrasco.*
- *Dirigentes do flamengo foram na África (com a intenção de) buscar o jogador.*
- *Eu fui na casa da minha futura sogra (com a intenção de) passear.*
- *As pessoas vão no bar do Hotel Carlyle (com a intenção de) ouvir o Bobby Short cantar.*
- *Eu vou lá (com a intenção de) comprar pra mim.*

Também se pode analisá-lo como um verbo semi-auxiliar:

- *A gente foi pra lá fazer churrasco (fez).*
- *Dirigentes do flamengo foram na África buscar o jogador (buscaram).*
- *Eu fui passear na casa da minha futura sogra (passeei).*
- *As pessoas vão ouvir o Bobby Short cantar no bar (ouvirão).*
- *Eu vou lá comprar pra mim (comprarei).*

A possibilidade de se substituir o complexo verbal (*foi fazer*) por um predicador simples correspondente (*fez*) é uma das evidências de que esses empregos de *ir* apresentados nos exemplos anteriores revelam características de um auxiliar. No entanto, sua interpretação como verbo predicador, ou seja, a de um agente que se desloca para algum lugar a fim de executar algo possibilita categorizar esse verbo num estágio de gramaticalização menos avançado.

Segundo Bolinger (1980, *apud* Heine, 1993, p. 27), a partir do momento em que uma forma verbal tenha como complemento um infinitivo, pode-se afirmar que há um contexto favorável à gramaticalização da forma finita. Assim sendo, verbos no infinitivo ou no gerúndio que expressam, respectivamente, finalidade e modo, assim como constituintes com função de destino/locativo representam “peças” muito importantes para o processo de gramaticalização que afeta *ir* em tal emprego.

Nos casos em que a forma nominal à qual *ir* se relaciona é um gerúndio, as propriedades que devem ser levadas em conta, para se determinar o nível de gramaticalização, consistem no grau de veiculação semântica dessa forma no gerúndio. Quanto mais a forma nominal expressar modo, mais desvinculada está de

ir, mas, por outro lado, quanto menos expressar modo, mais integração há entre *ir* e gerúndio. A seguir, listam-se alguns exemplos com gerúndio.

(Exemplo 56): “Depois do bar, nós resolvemos ir para casa, no Grajaú. Eu peguei o carro e **fui dirigindo** alucinadamente até que no Rebouças, um Voyage surgiu na minha frente e eu não pude desviar. Depois da batida eu perdi a direção do carro e ele **foi se arrastando** uns cem metros pelo paredão do túnel.” (D&G, Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 2, Depoimento escrito)

(Exemplo 57): “(...) então naquele dia ela se atrasou um pouco... acordou tarde... aí ela estava no outro lado da calçada quando ela viu o ônibus passar... mas o ônibus já estava indo... e ela começou a gritar e todo o ponto de ônibus assim lotado... né? ela começou a gritar pro motorista... mas ela estava um pouco longe... aí o motorista resolveu parar pra ela... né? e ela... com medo de correr **foi correndo** com vergonha... né?” (D&G, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 14)

(Exemplo 58): “(...) então o médico dele foi primeiro... e:: eles estudaram o caso lá desse rapaz... eh::... só que o médico teve que voltar antes... e depois ia(m) retornar à França com o rapaz pra cirurgia... aí esse rapaz foi ao consultório do médico... assim que:: o médico chegou no Brasil... e o médico falou que não... que ia tentar fazer a cirurgia aqui... e já não deixou ele sair... ir pra casa... mas ele falo/ e o rapaz falou “não... mas... não era pra gente fazer a cirurgia lá:: com a equipe?” ele falou “não... não... eu já aprendi tudo com eles... eu vou fazer a cirurgia” aí o rapaz... na ingenuidade dele... deixou... aí:: eu sei que o rapaz **foi** pra lá **dirigindo**... né? fez a cirurgia... e:: ficou paraplético...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 3)

(Exemplo 59): “[Isso], eu posso n- (hes) Eu **vou batendo** de casa em casa e pergunto se... se tá precisando de alguém pra trabalhá... [se-] se vai querê fazê uma reforma na casa... É isso que eu faço.” (PEUL, Amostra censo, T15Pat)

Tendo em vista todos os esses exemplos, pode-se empreender uma leitura de que as formas gerundiais (*dirigindo*, *arrastando*, *correndo*, *dirigindo*, *batendo*) expressam o modo como os agentes se deslocaram, evidenciando, assim, um alto nível de desvinculação sintático-semântica de *ir* a esses gerúndios.

Observe-se que, embora em alguns enunciados, não se verifique a presença de um locativo, outras propriedades são suficientes para atribuir a essas ocorrências de *ir* um estatuto híbrido, que tende bastante para um pólo mais lexical, a essas ocorrências de *ir*. Uma dessas características é o traço semântico [+ agente] – verbos de ação ou ação-processo – inerente a essas formas no gerúndio –; e outra, é o traço [+ humano] do sujeito.

Grau 2: *Ir* possui um nível mediano de integração com o infinitivo/gerúndio, pois se observa (i) um sujeito com traços semânticos [-humano] e (ii) a presença de um verbo de processo.

O argumento sujeito ainda possui influência sobre o grau de gramaticalização de *ir*, uma vez que, por meio de uma extensão metonímica, esse argumento ainda pode controlar o movimento (*O povo brasileiro* por *Brasil*, por exemplo). No entanto, a propriedade semântica das formas verbais nominais (infinitivo e gerúndio) é determinante para aproximar os exemplos a seguir de um pólo mais gramatical num *continuum*.

(Exemplo 60): “Os desafios que aguardam o novo presidente são imensos. A atividade produtiva também **vai se deparar** com eles no microcosmo de sua atuação.” (Opinião, O Globo, “Brasil: um novo desafio”)

(Exemplo 61): “(...) por isso que eu posso falar isso... entendeu? se você... pô... for boa na sua área... se você batalhar as suas coisas... entendeu? correr atrás... pô... você vai longe... independente/ independe do... do Brasil... entendeu? independe se o Brasil **vai crescer**... ou **vai diminuir**... logicamente que se o Brasil não cresce...” (D&G, Ensino Superior, Relato de opinião, Inf. 4)

(Exemplo 62): “Vitorioso, Lula terá a oportunidade histórica de mostrar ao mundo que o Brasil é um país política e economicamente maduro. Se ceder a fórmulas fáceis, o spread vai lá na Lua. Se governar com austeridade e pé no chão, o risco Brasil **vai cair** fragorosamente. (Editoriais, JB, 20/10/02, “Oportunidade histórica”)

(Exemplo 63): “É:, [eu] eu quebrei a ponta do cotovelo quando eu jogava futebol. Aí o médico disse que eu tinha que botá um parafuso e um fio de aço, né? Aí eu fui – eu na hora eu morri de medo, né? Eu pensei que eu **ia morrer**, né? Aí, quando eu cheguei lá, os médicos me trataram muito bem, nem senti nada, só depois – tava [totalmente]... totalmente bêbada, né? de tanta...tanta...” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

As predicções com *ir* desses exemplos apresentam características que incluem tal verbo numa categoria mais gramatical, quando se compara com o grau anterior (grau 1). Os elementos com os quais *ir* se relaciona permitem que seja possível categorizar tal verbo conforme propriedades de elementos mais gramaticais.

Nos exemplos (60), (61) e (62), notam-se sujeitos (*a atividade produtiva / o Brasil / o risco Brasil*) que não possuem a capacidade de controlar seu movimento, já que não são animados, ainda que os respectivos verbos principais (*deparar-se /*

crescer / diminuir / cair) possam funcionar semanticamente como intenções (alguém pode ir a algum lugar com a intenção de deparar-se com algo/alguém). Porém, caso se pensasse em sujeitos que passaram por um processo metonímico, poder-se-ia inferir que o movimento expresso por *ir* nesses três enunciados apresenta certo nível de controle.

O fator mais determinante para enquadrar tais casos como pertencentes a uma categoria mais gramatical, em comparação ao grau 1, consiste na propriedade semântica do infinitivo. Em todos os exemplos, a forma nominal exibe características de um verbo de processo e não de um verbo de ação. Com efeito, esse traço semântico faz com que se interpretem essas formas nominais como um evento que possui menos propriedades para ser uma finalidade do que nos exemplos do grau 1. O processo sinalizado pela forma infinita *morrer*, no exemplo (63), expressa menos finalidade ainda.

Exemplos com gerúndio pertencentes ao segundo grau de afastamento do pólo lexical apresentam características que enquadram *ir* numa categoria mais gramatical, já que se percebe menos noção circunstancial de modo. Eis alguns exemplos com tal característica:

(Exemplo 64): “Também tenho a impressão de que a violência contra a mulher vem crescendo a partir do momento em que as feministas brasileiras, cansadas de guerra, mal reconhecidas pelas autoridades, foram perdendo espaço em todos os lugares, principalmente na mídia, para mulheres que elaboram as políticas públicas sem saber o que é o feminismo e sem reconhecer a discriminação na relação homem-mulher.” (Crônicas, JB, 08/03/04, “Mulher para sempre”)

(Exemplo 65): “(...) ele estava convivendo com pessoas assim que não... que não prestavam... entendeu? porque ele... morava perto de morro assim::... aí foi isso... ele foi se envolvendo... se envolvendo... foi se envolvendo... aí quando ele quis sair... já era tarde de demais...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 4)

(Exemplo 66): “Não, meu caro leitor, não estou sequer levando em conta a possibilidade de o Brasil ter conquistado as duas Copas em questão graças a subornos ou à desonestidade dos árbitros. Tivemos uma ajudazinha aqui e acolá. Alguns fortes oponentes foram soprados do nosso caminho pela força do apito. Mas vencemos na bola. E acho bom o assunto ir morrendo por aqui.” (Opinião, Extra, 16/01/04, “Copa sob suspeita”)

(Exemplo 67): “Pode acontecer o que aconteceu com JK, cuja imagem melhorou à medida em que o tempo foi passando, reforçando na gente a certeza de que ele foi muito melhor do que sua administração - assim que nem FH.” (O Globo, 19/10/02, “Contra o medo, Fernando Henrique”)

*(Exemplo 68): “Foi uma batalha. Meus filho foi interno. Eu ia levá pra colégio interno, eu ia buscá fim de mês, fim de semana. Eles vinha de lá desnutrido, (inint) [sim!] aí chegava as férias, em casa melhorava, depois tinha que voltá porque não tinha (inint) de novo. E eu sempre **fui vivendo**, e é por isso que tá todo mundo aí. Criei meus filho mais ou meno. Um é motorista de ônibu (inint).” (PEUL, Amostra censo, T21Cla)*

Esses exemplos (64 – 68) apresentam formas de gerúndio que expressam um valor semântico de processo. Em função disso, determina-se que tais enunciados se configuram, tendo em vista uma integração mais acentuada de *ir* ao gerúndio, do que a observada no primeiro grau. Por apresentar uma vinculação significativa, *ir* apresenta menos propriedades de “movimento concreto”, portando-se, assim, como um elemento mais gramaticalizado.

Nesses exemplos, observam-se mais características de aspecto contínuo/durativo (os eventos possuem uma duração mais longa); o que não se pode constatar com tanta nitidez nas sentenças do grau 1. Não se deve perder de vista que a noção gramatical de aspecto não consiste numa categoria suportada apenas por *ir*, e sim, numa associação entre esse verbo e a forma gerundial que o acompanha.

Grau 3: *ir* possui alto grau de integração com o infinitivo/gerúndio e, conseqüentemente, alto grau de gramaticalização em decorrência de associar-se a uma forma infinita/gerundial classificada, semanticamente, como verbos de estado.

Nesse terceiro grau, não há mais interferência do argumento sujeito sobre o nível de integração de *ir* à forma nominal, já que, afetado pela gramaticalização, *ir* deixa de ser o responsável pela projeção dos argumentos. Dessa forma, a caracterização semântica do infinitivo/gerúndio constitui a evidência essencial para julgar-se o grau de gramaticalização de *ir*. No terceiro grau, confere-se uma alta integração entre *ir* e o infinitivo/gerúndio, não possibilitando uma interpretação desse verbo como um item predicador.

*(Exemplo 69): “Eu acho que Religião é aquilo em que a gente bota fé e tem fé que tudo que você quer **vai** acontecer.” (D&G, Ensino Médio, Relato de opinião, Inf. 15)*

*(Exemplo 70): “Há concorrentes fortíssimos no páreo, como Paris, Londres e Nova York, por exemplo. Entretanto, o Rio tem uma vantagem importante, **vai** sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007.” (Editoriais, Extra, 18/01/04)*

(Exemplo 71): “Ilha e Maré **vão** ter câmeras nas ruas.” (Notícias/Reportagens, Extra, 11/01/04, “Ilha e Maré vão ter câmeras nas ruas”)

(Exemplo 72): “(...) cancelou a merenda pros alunos... então só os professores que têm direito à merenda... os alunos... a maioria dos alunos/ pois é... eu não merendo... né? porque eu não trouxe o copo... porque ela/ a professora/ a diretora falou... que se só merendava quem trouxesse o copo... se não trouxesse o copo... não meren/ não **ia** ter mais merenda pros aluno... mas como eu sempre () ela sempre dá uma... uma merendinha pra gente... (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Relato de opinião, Inf. 78)

(Exemplo 73): “Fumava um cigarro horrível, que estava matando ele. De repente sei não deixa que ele não tinha embarcado o ano não. Tinha morrido. Eu acredito que em dezembro **ia** ser o enterro.” (PEUL, Amostra Censo, T18Luc)

(Exemplo 74): “O caso era simples porque o caroço ainda estava pequeno, mas não existia ainda tecnologia para este tipo de cirurgia no Brasil. O médico estava sendo treinado por uma equipe francesa para realizar este tipo de cirurgia. Ele foi a França com o médico e o caso foi analisado pelos médicos de lá. Decidiram que toda a equipe iria participar da operação, que eu não lembro se **ia** ser lá ou aqui. (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 3, depoimento escrito)

(Exemplo 75): “Poucos políticos desceram tão a fundo no Brasil real. Essa “Viagem ao coração do Brasil”, como foi chamada, talvez explique o anúncio de que a “guerra contra a miséria” **vai** ser a prioridade de seu governo.” (Crônicas, O Globo, 02/11/02, “Lula no coração do Brasil”)

Os exemplos (69 – 75) exibem características de *ir* que o vinculam a uma categoria bem gramatical, visto que se constata a presença de um verbo no infinitivo que apresenta restrições semânticas para expressar a idéia de “intenção”. Tal propriedade torna possível caracterizar *ir* como um verbo sem evidências sintático-semânticas de um verbo predicador.

A propriedade semântica que marca cada uma das formas infinitas destacadas nesses exemplos é a de comportarem a noção de estado. Esse traço, mais abstrato do que os observados nos dois graus anteriores, evidenciam o alto nível de integração entre *ir* e o infinitivo. Nesses enunciados, percebe-se que os infinitivos expressam um conteúdo semântico que não pode configurar-se como uma finalidade. O grau de abstratização do infinitivo, proporcionalmente, faz de *ir* um elemento com características mais gramaticais.

No caso de ocorrências com gerúndio, as formas nominais não se configuram como uma circunstância de modo, e sim, como um verbo predicador, com noção semântica de estado, que contribui para a noção aspectual de continuidade/duração.

(Exemplo 76): “**Vai ficando** cada dia mais evidente que o secretário de segurança Pública e a governadora do Rio de Janeiro precipitaram-se na defesa do secretário de Esportes, Francisco de Carvalho, acusado por um tenente-coronel de interceder em favor dos traficantes do Morro da Mangueira.” (Opinião, JB, 03/06/03, “Tudo pelo social”)

(Exemplo 77): “O trânsito da cidade piora a cada dia. A população **vai se acostumando** a separar considerável parcela de tempo de seu dia para ser desperdiçada nos trajetos de ida e vinda ao trabalho. (Cartas, JB, 26/03/04, “Metrô”)

(Exemplo 78): “(...) e tem uma Áurea... que é uma baixinha... gordinha... que também é:: designer ((riso)) ela é baixinha e ela é muito sacana... então (nessa) sacanagem dela... o cara/ começou a sacanear o cara... aí o cara **foi ficando** mais puto... quer dizer... de um fato engraçado começou um fato/ saiu pra um constrangedor... que ela **foi ficando** tão/ o cara ficou tão puto... que chegou uma certa hora que:... ela parou... aí o pessoal começou todo mundo a rir...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 1)

Embora não se tenham encontrado, no *corpus* analisado, dados com verbos principais expressando fenômenos meteorológicos, cumpre salientar tais estruturas, em razão do alto grau de gramaticalização que incide sobre *ir* nesses usos. Essas estruturas são peculiares pelo fato de os verbos principais com essa configuração sintático-semântica não projetarem argumento algum. Nesse sentido, perífrases constituídas de *ir* + infinitivo/gerúndio com valor semântico meteorológico apresentam o maior grau de integração entre esses dois itens e de gramaticalização até aqui observado.

Grau 4: *ir* possui um alto grau de gramaticalização, pois se associa a verbos meteorológicos.

Para ilustrar esse grau, recorreu-se a alguns exemplos coletados na *internet*. Eis alguns:

(Exemplo 79): “Dizem que **vai chover**. Eu não sei, mas levo um guarda-chuva ...” (www.rsurgente.net/2008/08/dizem-que-vai-chover.html)

(Exemplo 80): “Por aqui **vai chovendo**... logo de manha o dia pareceu-me interminável.” (<http://touradaboa.blogspot.com/2008/03/por-aqui-vai-chovendo.html>)

*(Exemplo 81): “No domingo final de tarde o vento entrou e o velejo foi bem gostoso... na faixa dos 15 com rajadas mais fortes... Galera toda n água no praião. É muito legal ver aquele pico abandonado pelo poder público com toda aquela galera na água. É impressionante o que para de gente para ver. Realmente nosso esporte chama atenção demais !!! Outro dia me perguntaram o que precisava para fazer um point de kite legal ali..... só precisa do rio que desagua ali não jogar esgoto e da praia limpa.... o resto é firula !! O Rafael falou que era certeza que **ia ventar**, já que o Renato já tinha subido a serra pra voltar à realidade... pior que foi verdade!!!”* (http://kitepoint.blogspot.com/2008_01_01_archive.html)

*(Exemplo 82): “Ontem sai a noite pela primeira vez com uma gaja mais miuda ainda do que eu, tem 17 anos, porem, nao parece nada. foi engraçado pois fartei-me de falar em francês e ela tambem claro e percebiamos tudo! bebi uma cervejola num bar e a seguir fomos beber um chocolate quente. passava um pouco da meia-noite e ja estava em casa! talvez o menos bom aqui para quem gosta de sol, seja mesmo o tempo. ja se nota bem que estamos no outono. faz frio, vento e chove!no centro da vila sente-se abafado como se **fosse trovejar**.”* (<http://todososdiasdomingo.blogspot.com/2008/09/e-hoje-foi-tudo-o-que-lhe-disse.html>)

*(Exemplo 83): “Neste momento **vai nevando** em Salamanca, coisa que o GFS não previa para esta tarde, já que não apresentava qualquer precipitação para aquela zona.”* (<http://www.meteopt.com/forum/seguinto-meteorologico/seguinto-previsao-do-tempo-modelos-janeiro-2009-a-2857-14.html>)

Os quatro graus descritos mostram que há diversos empregos de *ir* aos quais se pode atribuir o rótulo de “auxiliar”. Essas observações comprovam que, tendo em vista a construção *ir* + infinitivo/gerúndio, o processo de gramaticalização ainda está em curso. Em alguns casos esse processo apresenta evidências mais nítidas (grau 4) e em outros, nem tantas (grau 1).

Salienta-se que os parâmetros em que se baseia a delimitação desses graus de gramaticalização consistiram, especialmente, em aspectos semânticos da forma nominal. Acredita-se que essa propriedade seja uma das importantes para o processo de gramaticalização de *ir*. Com efeito, a próxima tabela apresenta a frequência de cada tipo semântico da forma nominal à qual *ir* se associa.

Classificação semântica do infinitivo/gerúndio	Número de ocorrências	Percentual
Ação	566	57%
Ação-processo	143	14%
Processo	121	12%
Estado	170	17%
Total	1000	100%

Tabela 10: Frequência dos tipos semânticos de infinitivos aos quais *ir* se vincula.

Os números da tabela 10 evidenciam um grande número de perífrases constituídas de *ir* + infinitivo/gerúndio com valor semântico de ação. Essa frequência mostra que o processo de gramaticalização de *ir* ainda não está concluído, como argumenta Silva Menon (2003). Por ocorrer com mais frequência em contextos em que a forma nominal possa instanciar circunstância de finalidade, no caso do infinitivo, e modo, no caso do gerúndio, *ir* apresenta características mais acentuadas que o aproximam de uma categoria mais lexical, estando, por conseguinte, semi-gramaticalizado.

Observe-se que, na tabela 10, verbos de ação são os que apresentam conteúdo semântico mais concreto. Ao se vincular a esse tipo de verbo, *ir*, então, exibirá mais propriedades de um verbo predicador. Por outro lado, vê-se que, na tabela, verbos de estado são os que veiculam conteúdo semântico mais abstrato. *Ir*, portanto, apresentará características mais acentuadas de verbo semi-auxiliar.

Por fim, sublinha-se que a delimitação desses graus de afastamento de *ir* do pólo lexical, pautada, sobretudo, na configuração sintático-semântica da forma nominal, destaca apenas alguns pontos de um *continuum* de alteração sintático-semântica de *ir*. Nesse sentido, outros parâmetros poderão revelar outros níveis de gramaticalização desse verbo.

4.4. O papel discursivo

Nesta seção, focaliza-se uma construção em que *ir* desempenha um papel peculiar para o ato de fala. Trata-se da expressão em que há um verbo *ir* flexionado seguido de outro verbo, também flexionado no mesmo tempo e modo, responsável pela projeção de argumentos e atribuição de papéis temáticos.

(Exemplo 67): “Pra se pintar um carro tem que ter... plastique... que é uma massa branca... aí lixa... lixa com água... depois... lixa com lixa de ferro... depois com água... dá outra massa... que é a massa rápida... é uma massa preta... lixa com água de novo... aí vai... dá um... dá um () vai... lixa de novo com água... aí... vai... pega... pega a tinta do carro... que vai ter... queima... dá uma tinta nele... queima... aí... dá repasse com a massa de novo... pra tapar os... os defeitos... aí vai... lixa... dá outro repasse... (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Relato de procedimento, Inf. 71)

(Exemplo 68): “E: Tá. Se eu pedir pra comprar pão e leite pra mim, e você não comprar, que que acontece? F: O guarda me prende. E: É... F: Não! Se você pedir eu vou e compro. Leite e pão.” (PEUL, Banco de Dados da Fala Infantil, 03Luc)

Esses enunciados são exemplos da construção que será analisada nesta seção (*ir*_{FLEXIONADO} + *V*₂_{FLEXIONADO}). Para efeito de descrição e análise, investigam-se as características morfossintáticas e semânticas dessa construção e suas propriedades discursivo-textuais.

4.4.1. Características morfossintáticas e semânticas

Como observa Rodrigues (2006), o fato que permite interpretar *ir*_{FLEXIONADO} + *V*₂_{FLEXIONADO} como uma construção, ou seja, como uma unidade complexa com forma e significado, é o seu valor discursivo, e não as propriedades semânticas individuais dos seus componentes, tampouco as características sintáticas dos mesmos, já que não se percebe relação de coordenação ou subordinação.

Observando-se sua estrutura, as construções com *ir*_{FLEXIONADO} (*V*₁) + *V*₂_{FLEXIONADO} formam-se com base (i) num verbo *ir* flexionado conforme os requisitos de pessoa do sujeito; (ii) na presença, ou não, do coordenador *e*; e (iii) num verbo, aparentemente, de escolha livre, flexionado na mesma pessoa e no mesmo tempo de *ir*, já que compartilha com este um mesmo constituinte sujeito. O papel sintático

de V_2 se assemelha ao dos verbos principais de uma perífrase, ou seja, a de projetar os possíveis argumentos, atribuindo-lhes papéis temáticos.

Ainda que a posição de V_2 apresente variadas possibilidades de verbos, considera-se que existem algumas restrições semânticas no que se refere aos verbos que podem ocupar tal posição. A posição V_2 exige dos verbos que a ocupem um traço semântico de [+ atividade] ou [+ ação]. Nesse sentido, a próxima tabela mostra a freqüência dos tipos de verbo que ocorre em posição de V_2 na construção *ir*_{FLEXIONADO} + V_2 _{FLEXIONADO}.

Classificação semântica do infinitivo	Número de ocorrências	Percentual
Ação	18	30%
Ação-processo	38	62%
Processo ⁶⁹	5	8%
Estado	0	0%
Total	61	100%

Tabela 11: Freqüência dos tipos semânticos de V_2 aos quais *ir* se vincula.

O números da tabela 11 comprovam um elevado índice de emprego de verbos de ação-processo na posição de V_2 (62% dos dados). Embora se tenha trabalhado com poucas ocorrências dessa construção, o resultado quantitativo ratificou a hipótese de que, com verbos de estado, do tipo *ser*, *estar*, *ficar*, entre outros, a possibilidade de uso torna-se bem baixa.

*(Exemplo 83): “(...) aí coloco tudo do meu lado ali... no lugar... assim... que tem/ a prancheta tem... o lugar que a régua corre... e do lado tem sempre um espaço... né? pelo menos na/ do trabalho... que ela é grande... eu deixo tudo ali... aí **you**... prendo... alguma coisa que::... sempre... o pessoal fala “pega o papel branco” e tal... “prende ele na prancheta...” aí:: vou executar o trabalho... pinto e tal... depois eu/ tem um painel... na frente das pranchetas... no trabalho... que você p/ vai pregando... pra você poder olhar o que você está fazendo...” (D&G, Ensino Superior, Relato de procedimento, Inf. 5)*

⁶⁹ Vale ressaltar que, na pesquisa empreendida por Rodrigues (2006), a autora subdividiu a classe de verbos de processo em diversas subclasses.

(Exemplo 84): “E: Como <vo...> você faz pra i a praia? F: Vou pra casa do meu NAMORADO, (telefone) que mora na Zona Sul e fico na casa dele. (falando rindo) Minhas coisas da praia já ficam na casa dele direto. Eu só vou, troco de roupa e vou pra praia. Aí fico <a ...> assim, aí eu chego normalmente na praia umas onze horas, fico até duas e meia, três horas que eu conheço todo mundo que eu freqüento aquela praia há muitos anos. Eu tô namorando há muitos anos, então eu freqüento aquela praia há mais de dez anos, eu conheço todo mundo. Vou pra praia Vermelha.” (PEUL, Amostra censo, T15Pat)

(Exemplo 85): “(...) eh... que... um dia minha professora... né ? ela foi... e:: passou um trabalho de casa... dizendo pra perguntar eh... uma história sobre sua mãe... eh... um... um... segredo dela... e aí... eu fui... perguntei a minha “mãe... qual... qual é o se... qual é o seu segredo... gredo... que a senhora nunca... falou pra ninguém?” e ela me disse... que::... toda a noite... quase toda noite... eu saía da/ eu acordava... ia lá... lá pra casa da minha vó... da minha vó... e... aí... eu... eh... eu toda noite... às vezes... e::... um dia... eu saí da cama... acordada... e fui:: lá pra minha tia...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa recontada, Inf. 80)

(Exemplo 86): “Uma vez eu saí pra jogar bola com uns amigos meus... ali... num campo ali atrás... aí estamos jogando... estamos jogando... aí... tem uns colegas meu de briga... que briga no bairro... aí... aí o moleque daqui de trás bobeou... foi... pegou ele... nós estava jogando... aí todo mundo/ aí ficaram... pegaram pedaço de pau... tudo... aí... aí nós () né? aí... daqui a pouco ((motor de carro)) arrumaram uma briga... né? lá dentro do campo... aí meus colegas aproveitaram... e invadiram e começaram a dar paulada... saí correndo... eu e os amigos... saímos tudo correndo... ainda pegaram dois dos meus amigos e machucaram... (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 71)

(Exemplo 87): “(...) eu adoro é... pintar... sabe? às vezes eu fico no... meu quarto... que eu gosto de ficar também... e... procuro fazer a unha... a primeira coisa que... eu fa/ que eu pego... é tirar/ pegar na acetona e tirar o esmalte que está dentro dela... dentro de/ está na unha... esmalte velho fica sempre um... pedacinho... aí eu vou... pego o sabão... coloco... na água... no potezinho... a água está no pote... aí eu mexo... faz aquelas borbulhinhas assim... eu vou e coloco os dedos... aí fica um tempo... deixa de molho... aí quando a minha cutícula já está bem mole... eu vou... pego o alicate... que está amolado... tiro a cutícula... bem tirada... sabe? (D&G, Ensino Médio, Relato de procedimento, Inf. 10)

Esses exemplos ilustram os resultados obtidos na tabela 11, pois os verbos que ocupam a posição de V₂ possuem o traço [+ ação] (*prendo / troco / passou / perguntei / pegou / pego*). Essa propriedade da construção revela que a possibilidade de elementos candidatos à posição de V₂ é restrita a verbos de ação, ação-processo e processo.

Verifica-se, também, nesses enunciados, que o uso do *coordenador* é livre, ou seja, não depende de qualquer tipo de condição para ser empregado (cf. exemplos

[71] e [73]). Entretanto, em alguns casos, por conta de *e*, percebe-se a presença de duas formas verbais coordenadas – dois eventos coordenados – e não da construção *ir*_{FLEXIONADO} (V_1) + V_2 FLEXIONADO. A investigação das propriedades dessa estrutura coordenada é importante, pois oferece suporte para entender um possível “embrião” da construção em foco nesta seção.

Vale ressaltar que, do ponto de vista morfosintático e semântico, V_1 é dispensável dos enunciados, uma vez que, para esses níveis lingüísticos, *ir* não desempenha papel algum, diferentemente dos outros usos já observados desse verbo. Em outras palavras, em sua função como verbo semi-auxiliar, por exemplo, *ir* pode acumular, ou apenas combinar duas ou três, funções tais como expressar tempo, modo, pessoa e aspecto. Funções parecidas desempenha *ir* na condição de verbo copulativo. No entanto, não se observam características como essas em *ir* na construção em pauta.⁷⁰

Além das restrições já comentadas a respeito dos verbos que podem ocupar a posição de V_2 , cumpre salientar, com base nesses exemplos, que há outras relacionadas à pessoa e ao tempo das formas verbais envolvidas em tal construção. Em termos de pessoa gramatical, notou-se que as construções aqui analisadas se limitam a apresentar flexões de primeira e de terceira pessoas. Já no que tange ao tempo, observaram-se, com mais recorrência, flexões apenas de presente e de pretérito perfeito.

4.4.2. Propriedades discursivo-textuais

Considera-se que *ir*, na construção *ir*_{FLEXIONADO} (V_1) + V_2 FLEXIONADO, exerça função tanto para a progressão textual, oferecendo suporte para o desencadeamento de idéias, como para estabelecer uma espécie de reforço sobre a forma verbal seguinte. Essas funções extrapolam os limites da morfosintaxe e da semântica, pois sugerem uma categorização baseada em aspectos discursivo-textuais.

⁷⁰ Rodrigues (2006, p. 43) argumenta a favor de que, nessa construção, *ir* deixa de ser interpretado pelos falantes como lexical e, assim, o uso do coordenador passa a ser facultativo, já que deixa de ligar dois eventos.

A função textual exercida por essa construção atua conjuntamente com outros mecanismos de organização textual. Em outras palavras, não é somente a construção *ir*_{FLEXIONADO} (V₁) + V₂_{FLEXIONADO} a responsável pela progressão de idéias, como está exposto nos exemplos (88), (89), (90) e (91), mas, sim, a cooperação entre alguns elementos do enunciado.

(Exemplo 88): “(...) *aí* coloco tudo do meu lado ali... no lugar... assim... que tem/ a prancheta tem... o lugar que a régua corre... e do lado tem sempre um espaço... né? pelo menos na/ do trabalho... que ela é grande... eu deixo tudo ali... *aí* **vou... prendo**... alguma coisa que::... sempre... o pessoal fala “pega o papel branco” e tal... “prende ele na prancheta...” *aí*:: vou executar o trabalho... pinto e tal... depois eu/ tem um painel... na frente das pranchetas... no trabalho... que você p/ vai pregando... pra você poder olhar o que você está fazendo...” (D&G, Ensino Superior, Relato de procedimento, Inf. 5)

(Exemplo 89): “(...) quando eu abri aqui... e aqui... *aí* assim eu **fui consertei** () coloquei a pilha... depois... botei o fio de volta... depois o walkman funcionou... (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Relato de procedimento, inf. 93)

(Exemplo 90): “E: E você, disse que foi mordida pelo seu próprio cachorro (risos de E). Como é que foi isso? F: Ah, foi eu caí em cima dele, né? tava brincando, eu caí em cima do meu cachorro, ele tava comendo, né? *Aí* ele **foi, me deu** uma dentada. Foi... acho que foi... é, foi no braço. Eu tive outra mordida de gato também, que eu tava tentando separá-lo, né? da gata, né? *aí* ele me mordeu.” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

(Exemplo 91): “(...) bem... eu pego os pratos... vou... jogo água... jogo a água fora... passo sabão... *aí* **vou... passo** bem passadinho... *aí* **vou... enxágüo**... e boto no::... escorredor de pratos... (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Relato de procedimento, inf. 87)

Nos exemplos (88), (89) e (90), pode-se perceber que a partícula *aí* sinaliza a introdução de uma informação/etapa nova do discurso (*aí coloco tudo do meu lado... / *aí* vou prendo alguma coisa... / *aí* vou executar o trabalho... [ex. 74] / *aí* assim eu fui consertei... [ex. 75] / *aí* ele foi, me deu uma dentada... [ex. 76]). Em (77), essa noção de introdução é mais nítida, em virtude das sucessivas repetições de *ir*. As construções em destaque, por virem logo em seguida ao item *aí*, auxiliam para o estabelecimento desse elo coesivo entre o fim de uma informação e o início de outra.*

Os eventos introduzidos, tal como se observou no parágrafo anterior, evidenciam o que Travaglia (1991, p. 76) chama de “seqüenciamento ou ordenação temporal das situações”. Essa linearidade temporal pode representar a ordem

cronológica tal qual se observa no “mundo real” ou pode ser apenas o “tempo do texto”, que não coincide, necessariamente, com o anterior.

O fato de os exemplos (88 – 91) serem textos do tipo narrativo contribui para a compreensão do emprego da estrutura *ir*_{FLEXIONADO} (V₁) + V₂ FLEXIONADO. Nesse tipo textual, acredita-se que haja mais chances de essa estrutura ser empregada, devido a uma das características principais da narração – a ordenação temporal de fatos.

Ir, na construção analisada nesta seção, parece exercer, também, um reforço pragmático na forma verbal à sua direita. Tal verbo, então, desempenha o papel de um elemento focalizador, pois se julga que a informação semântica expressa pela forma verbal à direita de *ir* é saliente em termos de importância e êxito comunicativos (cf. Dik, 1997).

(Exemplo 92): “E: Você gosta de cozinhar? F: Humm, médio, depende. De vez em quando dá uma vontade assim de comê um doce, aí eu **vou e faço**, mas se tivê que fazê arroz, feijão... essas coisas eu não gosto não” (PEUL, Amostra censo, T15Pat)

(Exemplo 93): “Eu estava estudando numa... numa... numa professora particular... né? então... minha colega chegou pra mim e **foi e falou** assim “pô... Neide... eu vou te contar um segredo... não conta pra ninguém... tá?” aí eu falei assim “tudo bem...” aí ela “promete que não vai falar pra ninguém?” eu falei “prometo...” aí ela falou “tá... é que minha professora particular está grávida... só o pai dela... só o pai dela que não sabe... mas a mãe dela sabe...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa recontada, Inf. 76)

(Exemplo 94): “E: Ah, me conta, eu quero aprender. Como é que faz, hein, pra pegar o ovo lá sem que a galinha acorde? F: O ovo? Ah, é assim ó: eu entro, abro a porta aí entro, aí depois fecho a porta, tem um arame ali que fecha, aí depois fecha, depois pra voltar aí se não tiver ovo a gente volta e abre a porta, depois vai pra lá; então aí que quando tiver ovo aí você **vai e pega e bota** na outra mão e depois costa assim na barriga pra não escocer e bata os dois aqui e um aqui na barriga pra abrir, então aí, nem quebrei, abri; então eu abri, aí depois fez que caí fora.” (PEUL, Banco de Dados da Fala Infantil, 03Luc)

(Exemplo 95): “E: E você, disse que foi mordida pelo seu próprio cachorro (risos de E). Como é que foi isso? F: Ah, foi eu caí em cima dele, né? tava brincando, eu caí em cima do meu cachorro, ele tava comendo, né? Aí ele **foi, me deu** uma dentada. Foi... acho que foi... é, foi no braço. Eu tive outra mordida de gato também, que eu tava tentando separá-lo, né? da gata, né? aí ele me mordeu.” (PEUL, Amostra censo, T05And)

(Exemplo 96): “Ninguém prendia ele, ele sempre saía! Então... foi- foi um dia que ele (hes) tava em concentração, o técnico falou que não era pra ele sair, então ele... **foi**

desrespeitou... a ordem do técnico e foi e saiu (“pa podê”) se diverti.” (PEUL, Amostra censo, T21Cla)

*(Exemplo 97): “(...) aí ficou dois colegas dele... falando um tempão... e passando um papo nela... né? e falando... aí... sabe? fo/ o papo foi que... foi tipo assim/ os/ o próprio colega dele passando um papo nela... que ela... depois ficou pensando “poxa... eu não estou namorando com ele... só sai uma vez com ele... por que que eu vou/ não vou sair com ele?” aí ela **foi e resolveu** sair... aí antes disso... eu tinha saído com um menino... aí... quando dou conta ele estava dando um maior show lá na frente... fazendo um montão de coisa... fiquei super/ morrendo de raiva... né? aí eu **fui e falei** pra minha colega... aí ela falou assim “você vai sair com ele? de novo... se ele chegar aqui perto de você?” eu falei assim “não... não vou sair com ele...”* (D&G, Ensino Médio, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 15)

As interpretações a que se chegou com base nas análises dos enunciados são as de que a presença de *ir* em tal construção atribui, em diferentes graus, foco à predicação que está por ser anunciada. Evidentemente, em cada contexto haverá uma gradação de focalização diferente; ou seja, em determinadas situações comunicativas, será possível perceber a focalização com mais nitidez e em outros não.

No exemplo (92), percebe-se que o item *ir* salienta a ação designada por *faço*, reforçando pragmaticamente esse elemento, que constitui uma das partes mais fundamentais do discurso. Observando-se esse enunciado, é possível concluir que a resposta do informante possui dois núcleos; um representado pelo item *faço* e o outro por *não gosto não*. Esses trechos da resposta pautam-se em determinadas condições (*quando dá vontade de comer assim um doce* – primeira condição – *mas se tiver que fazer arroz e feijão... essas coisas* – segunda condição).

Em determinados casos, *ir* marca um foco cujo escopo não é todo o discurso, e sim, apenas um trecho. No exemplo (93), a forma verbal *falou* anuncia todas as partes salientes desse discurso, ou seja, a reprodução da fala. Acredita-se que os focos do discurso em questão sejam tais reproduções, assim não se pode atribuir a *falou* o estatuto de foco de todo o discurso.

Nos exemplos (94) e (95), *ir* marca focalização, mas de uma maneira menos clara, em relação às sentenças (92) e (93). Em tais exemplos, percebe-se com mais nitidez o uso da construção em pauta para a progressão textual. No entanto, além da participação dessa construção para o estabelecimento da coesão textual,

considera-se que, em (94) e (95), o momento do discurso em que as construções estão inseridas se destacam das demais, configurando-se, assim, uma estrutura como o verbo focalizador *ir*. No enunciado (94), por exemplo, a etapa “(...) *aí você vai e pega e bota na outra mão*” pode ser considerada como o momento de clímax de toda a narração, ou o ponto mais crucial, ou seja, “o momento em que se pega o ovo”. A focalização sinalizada por *ir* no exemplo (95) caracteriza-se por marcar ou dramatizar o momento central da narração do falante, isto é, o ato da “dentada”, que, inclusive, é o tema da pergunta do documentador.

Na sentença (96), as formas verbais às quais *ir* atribui focalização representam ações desaprovadas pelo informante. Nesse sentido, postula-se que a marcação de foco se estabelece por conta da avaliação negativa que o falante deseja conferir aos elementos *desrespeitou* e *saiu*.

Em (97), notam-se duas construções em que *ir* apresenta valor pragmático de focalizador. A primeira ([...] *foi e resolveu sair...*) caracteriza-se como uma tomada de decisão, a que se pode atribuir o *status* de um dos focos do discurso. *Ir*, na segunda ([...] *aí eu fui e falei...*), realça o item *falei*, tornando o foco todo o momento da reprodução de fala.

4.4.3. O processo de gramaticalização e seus efeitos na construção *ir*FLEXIONADO + forma verbal

Por transparecer um comportamento particular nos enunciados, ou seja, o de marcar ênfases no discurso e por apresentar baixo, conteúdo semântico, pode-se considerar que *ir*, em seu uso como elemento pragmático, se insere numa lista de elementos que sofreram alteração em sua propriedade categorial. Sua principal característica é a de exibir funcionalidade em âmbito discursivo-pragmático, e não, em morfossintático ou semântico. Nesse sentido, seu escopo de atuação categorial ainda se enquadra nos limites da gramática, uma vez que, nesta pesquisa, como se observou na seção 2.3.3. (Gramaticalização e discursivização), trabalha-se com a idéia de que o componente discursivo é parte integrante da gramática.

Entendendo que o processo de gramaticalização torna alguns elementos ou estruturas em constituintes mais instrumentais, ou seja, que esse fenômeno propicia a certos itens a condição de desempenharem papel para a organização de algum

componente lingüístico – verbos copulativos e (semi-)auxiliares, por exemplo, possuem a função principal de “suportar” as noções de tempo e pessoa, assim sendo desempenham papel, especialmente, para o nível morfossintático –, pode-se compreender, correlativamente, que *ir*, na construção *ir*_{FLEXIONADO} (V₁) + V₂ FLEXIONADO, serve de instrumento que atua no componente discursivo-pragmático.

Para que se determinem os efeitos do processo de gramaticalização sobre esse emprego, é necessária uma comparação com o uso mais básico de *ir*, o que caracteriza a predicação mais lexical desse verbo. Enquanto *ir*, na condição de predicador apresenta conteúdo semântico com referência a um evento concreto, ao qual se pode atribuir uma representação do mundo biopsicofisicossocial, como instrumento discursivo-pragmático, sua semântica não apresenta evidência alguma de um evento concreto.

É possível perceber em alguns contextos uma “tensão” entre verbo predicador e instrumento discursivo. Nesses casos, há as possibilidades de se interpretar as estruturas ou como dois verbos coordenados, evidenciando duas ações coordenadas, ou V₁ como elemento pragmático.

(Exemplo 98): “(...) eu arrumo a prancheta... vejo a régua como é que está... vejo o que tem em volta... aí... sei lá... vou:: pro/ tipo que tem uma agenda sempre que tem... os trabalhos que a gente tem que fazer todos os dias... então... **vou lá... vejo...** “ah:: de repente hoje... sei lá... tenho que fazer um layout...” e:: primeiro um estudo... antes de fazer o... o layout... o trabalho... né? pra apresentar... então “o que é que eu vou fazer? ah::... tenho/ preciso de cor...” aí eu **vou... pego** os lápis de cor que eu quero... tudo que... tem colorido... lápis de cor... canetinha... hidrocor... marcador... papel colorido...” (D&G, Ensino Superior, Relato de procedimento, Inf. 5)

(Exemplo 99): “E: É vou mudá um pouco de assunto. Você joga na loteria? F: !! Muito difícil, eu esqueço. Só quando tá acumulada, todo mundo fica falando, falando, falando, aí eu **vou lá e jogo.**” (PEUL, Amostra censo, T15Pat)

(Exemplo 100): “Isso isso, que liga no compressor (est) que vem na borracha... é tipo um... um barril cheio de ar; tá entendendo? que utiliza [no-] [no-] [no-] numa tomada, aí espera; espera [o-] [o-] o butijão, assim grandão, enchê de ar... <caí> tem um (“negocinho”) [que-] [que-] que mede a... enchimento [de-] de ar. Aí ele **vai, desliga...** aí a gente **vai lá e começa** a pintá o carro. [Isso.]” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

(Exemplo 101): (...) interessante? foi minha prima... que saiu com o namora/ com o marido da prima dela... ela diz que ela saiu... né? agora não sei... que sai com todo mundo... ela falou que saiu com ele e ele/ que... aliás... ela sair com ele não é nada... pior é agir na falsidade com a menina mesmo... que ela é muito colada com a

garota... ela outro dia... a garota foi... ela falando... que a garota **foi... mandou** ela ir lá... **na casa dela**... ele estava lá... aí ele man/ aí ele falou que mandou ela entrar... ela falou que entrou... aí o resto ele parou... não me contou... aí eu estava dizendo... é... vai na sorte... aí uma garota falou que vai bater ne::la por causa do mari/ porque ela quer pegar o pai dela... está pegando o pai... quase que mata a garota ((riso)) foi a maior confusão... mas aí ela/ a mãe dela **foi lá... perguntou** a ela... aí () ela disse que era mentira... que não era nada disso... que não sei o quê... aí ela **foi... começou** a falar... falar... falar... foi a maior confusão isso... sabe? aí depois () falar que a minha prima estava grávida... e pior que não é verdade... né? mas ((riso)) tudo bem... ela falava... que ela estava grávida... que não sei o quê... “é () assim que vocês falam dele... né? como é que estão... hein?” estava grávida... e a rua toda estava sabendo... menos a mãe dela... a mãe dela descobriu até esse ano... parece... aí ela falou com a mãe... deu nisso ((riso)) (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa recontada, Inf. 72)

(Exemplo 102): “(...) eu levei um susto que... eu não estava colocando... a menina de trás... acho que estava olhando pra minha prova porque eu estava de lado... estava dando pra ela ver... mas eu não estava com a intenção de colar... eu saí... né? fiquei aborrecida e tal... aí eu cheguei em casa chorando... triste... nunca tinha acontecido isso comigo... a minha mãe falou “ah... **vai lá... fala** com a professora que você não... não estava colando... não teve culpa...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 16)

De mesma sorte que o emprego de *ir* como verbo semi-auxiliar, a construção destacada nos exemplos apresenta um estágio que pode ser considerado como um *input* para a gramaticalização de *ir*. Os exemplos (99 – 102) apresentam, em maior e em menor grau, essas propriedades – presença de locativo, sobretudo – que ora afastam *ir* de uma categoria mais lexical, ora o aproximam.

No exemplo (98), conferem-se duas ocorrências de *ir*_{FLEXIONADO} + *forma verbal*: (a) uma de cujo estatuto categorial não se duvida ([...] *aí eu vou... pego os lápis de cor...*) e (b) outra em que o locativo *lá*, que tem como referente o termo *uma agenda*, possibilita uma interpretação mais lexical de *ir* ([...] *então... vou lá... vejo...*). Tendo em vista que *lá* possui um referente concreto, pode-se atribuir a *ir* um valor também concreto, isto é, o de “movimento no espaço”. Afirmar, no entanto, que esse verbo tem função de predicador não é uma constatação tão firme assim, já que (i) o tipo de texto (narração) e o contexto – numa espécie de ordenação de fatos/atividades – em que se encontra apontam para um uso pragmático de *ir*.

Em (99), embora haja um contexto favorável para o aparecimento da construção com *ir*, na condição de instrumento discursivo, o referente de *lá*, ainda que não expresso foneticamente, apresenta características mais definitórias de um

locativo (*Casa Lotérica*), em comparação ao exemplo anterior (*uma agenda*). Essa característica do referente de *lá* permite que se interprete *ir*, nesse exemplo, como um elemento mais próximo da categorial lexical do que em (98).

O exemplo (100) representa um caso em que *lá* não possui um referente definido, exibindo propriedades de um item expletivo. Por essa razão, considera-se que esse uso é exemplo ao qual se pode atribuir a *ir* estatuto de um elemento menos lexical. Portanto, em (100), o processo de gramaticalização atua com mais expressividade, em relação aos dois anteriores.

No exemplo (101), o constituinte *na casa dela* é um candidato a ser o referente do item *lá*, mas, atentando-se para o discurso, percebe-se que o trecho em que *lá* está inserido constitui outro tópico do assunto. Primeiramente, a narradora conta o caso sobre uma moça que saiu com o marido da prima e, depois, narra fatos acerca da confusão que se estabeleceu em virtude dessa mesma moça querer relacionar-se com o pai de alguém. Tendo em vista esse fato, *lá* e *na casa dela* não mantêm uma relação clara de referência, uma vez que integram tópicos discursivos distintos. Por não possuir referente, portanto, considera-se que a construção *foi lá perguntou*, no exemplo (101), constitui um caso em que *ir* apresenta mais características de instrumento discursivo-pragmático, afastando-se, por isso, de uma categoria mais lexical.

O exemplo (102) apresenta mais evidências de que o item verbal *ir* funcione como predicador, já que (i) a construção *vai lá... fala* não está inserida num contexto de ordenação de fatos e (ii) o item *lá*, embora não possua um referente expresso foneticamente, nesse caso, licencia um referente [+ concreto], que poderia ser um constituinte como *escola*. Assim sendo, dos cinco exemplos apresentados, (102) é o que mais se aproxima de uma categoria mais lexical.

Como se pôde observar, o processo de gramaticalização, assim como no emprego como verbo semi-auxiliar, afeta *ir* em diferentes níveis, de modo que tal fenômeno torna esse verbo um instrumento de reforço pragmático. Ainda que se releve a idéia de que o processo de alteração categorial por qual passa esse uso seja diferente dos outros dois empregos investigados nesta pesquisa (verbo copulativo e verbo semi-auxiliar), defende-se o argumento de que seu

comportamento é concernente às exigências impostas por uma gramática que comporta os níveis morfossintático, semântico e discursivo-pragmático.

4.5. Categorização radial de extensões de uso e sentido de *ir*

A polifuncionalidade de *ir* expressa-se em comportamentos discursivos e sintático-semânticos que revelam, com mais ou menos nitidez, relações de similaridade e dessemelhança, as quais, por sua vez, permitem delinear, a partir da estrutura nuclear (que representa “movimento no espaço”), uma rede de extensões de uso e sentido numa cadeia e/ou *continua* de gramaticalização.

As trajetórias de alteração sintático-semântica e discursiva pelas quais passa cada emprego descrito (verbo de ligação, verbo semi-auxiliar e verbo com valor discursivo) são diferentes, o que evidencia uma poligramaticalização de *ir*. Em nenhum dos dados pesquisados, constataram-se “tensões” entre duas diferentes funções semi-gramaticalizadas de *ir* e, sim, entre função semi-gramaticalizada e função lexical básica. Com efeito, julga-se que nenhuma função semi-gramaticalizada é base ou *input* para outra. Em outras palavras, o verbo semi-auxiliar *ir* não é base para o emprego como verbo copulativo ou para o uso como instrumento discursivo; assim como o verbo copulativo *ir* não serve de *input* para o verbo semi-auxiliar ou para o instrumento discursivo; de mesma sorte que *ir* como função discursiva não é suporte para os empregos como verbo semi-auxiliar ou para a função como verbo copulativo. Esse ciclo categorial, em que os *continua* de verbo semi-auxiliar e de ligação são distintos, está em concordância com os pressupostos delineados por Travaglia (2002).

Evidentemente, não se descarta a possibilidade de algum desses empregos gramaticalizados servir de base para a formação de outros elementos ou estruturas lingüísticos. No entanto, esta pesquisa pautou-se em dados de sincronia atual (dados da década de 1990 e do início da de 2000). Nesse sentido, somente um recorte temporal longitudinal revelaria possíveis mudanças.

Uma característica de ordem semântica que aproxima todos esses empregos é a possibilidade de se resgatar, sob alguma medida, como defende Hopper (1991) – parâmetro da **persistência** –, traços da noção semântica básica de *ir*, a qual denota “movimento no espaço”. Assim sendo, percebe-se a relação entre todos os

elementos da cadeia polifuncional e o seu núcleo conceptual básico, verbo predicador.

Nos dados em que *ir* se comporta como um verbo de ligação, admite-se que há relações semânticas com o uso lexical básico, mas, em termos sintáticos, o desbotamento é mais acentuado, de modo que não foi encontrado contexto algum em que se poderia conferir um comportamento híbrido a *ir* (cf. seção 4.2). Atribui-se, portanto, a esse emprego o estatuto de mais gramaticalizado, entre as funções analisadas nesta pesquisa. Indiscutivelmente, se se considerar a hipótese quantitativa sugerida por Bybee (2003), de que elementos e estruturas com função gramatical tendem a ser mais frequentes na língua, a constatação acerca do grau de gramaticalização do verbo copulativo *ir* fica comprometida. No entanto, para fins de delimitação do nível de gramaticalização de cada emprego, recorreu-se aos possíveis enunciados ambíguos em que se poderia notar “tensão” entre forma lexical básica e forma gramaticalizada.

Tanto na condição de verbo semi-auxiliar como na de verbo com função discursiva, encontram-se desde dados com baixa incidência do processo de gramaticalização a ocorrências em que se constata um alto grau de gramaticalização. No entanto, os contextos em que *ir* possui função de verbo copulativo não apresentaram, no *corpus* investigado, situações discursivas em que se pudesse atribuir uma categorização híbrida a esse item verbal.

Com base nas funções morfossintáticas, semânticas e discursivas do verbo *ir* e nas relações sintático-semânticas entre os empregos enfocados na pesquisa, representa-se, por meio da figura a seguir, os *continua* de gramaticalização nos quais *ir* desenvolve uma trajetória de alteração categorial.

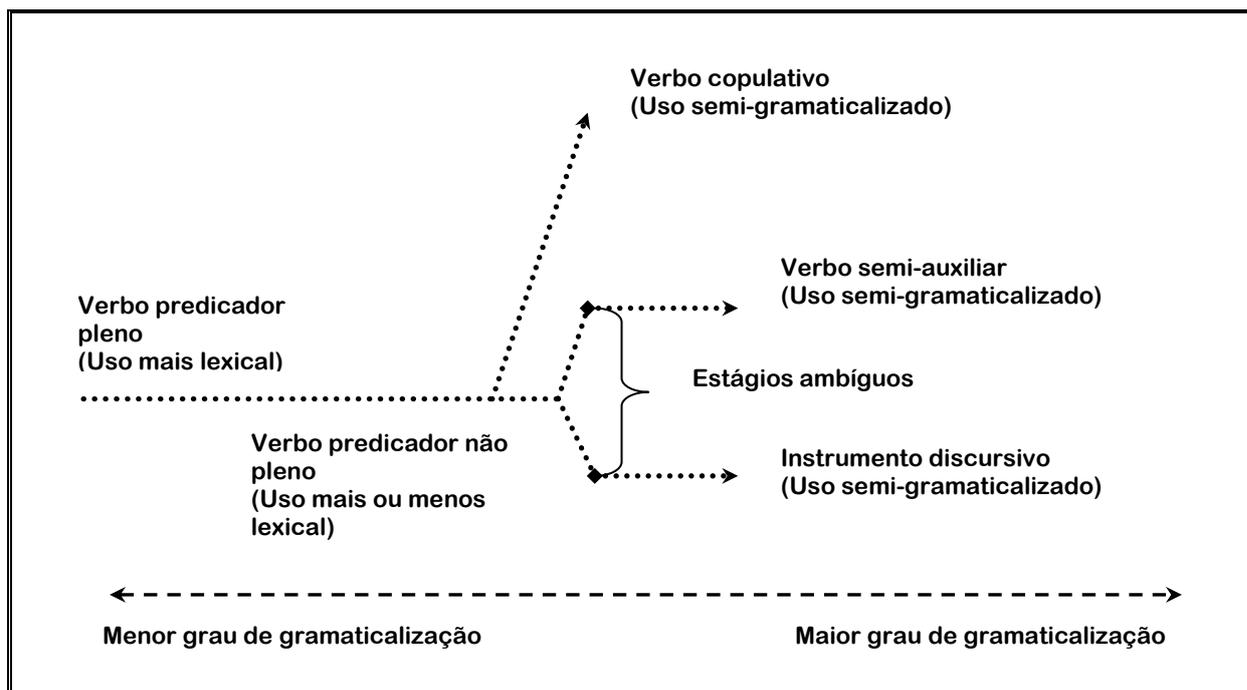


Figura 11: *Continua* de gramaticalização, tendo em vista todos os empregos de *ir* investigados.

Entende-se, por meio da figura 11, que a alteração categorial sofrida por *ir*, até se fixar como verbo copulativo, segue um percurso de mudança que não envolve estágios ambíguos. Isso justifica a representação retilínea na figura exposta. Nos empregos como verbo semi-auxiliar e como instrumento discursivo, por outro lado, há, como se demonstrou, estágios ambíguos, os quais respaldam a configuração de *continua* não retilíneas.

Por fim, vale ressaltar que o fato de o *continuum* de semi-gramaticalização de verbo predicador a verbo copulativo ser traçado antes dos outros dois não significa que ele se configure como um processo que ocorreu anteriormente aos outros. Em outras palavras, não existem comprovações sobre qual emprego se fixou primeiro na língua. Uma pesquisa de cunho diacrônico responderia a tal questionamento.

CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, propôs-se investigar o comportamento polifuncional de *ir* e, para tanto, analisaram-se as propriedades sintáticas, semânticas e discursivas de predicções com esse verbo. Com efeito, analisaram-se (i) textos da modalidade oral concernentes a níveis distintos de escolaridade (do primeiro ano do Ensino Fundamental ao Ensino Superior) e a diferentes faixas etárias (desde a idade infantil a adulta); e (ii) textos escritos correspondentes aos gêneros jornalísticos artigos de opinião, cartas de leitores, crônicas, editoriais, notícias-reportagens e, ainda, correspondentes às reproduções por escrito dos depoimentos feitos, em um primeiro momento, oralmente dos informantes do Acervo D&G (Discurso & Gramática).

Tendo em vista as análises e descrições empreendidas, esta dissertação oferece contribuições em três níveis: (a) teórico-metodológico, (b) descritivo e (b) pedagógico. Tendo em vista as análises e descrições empreendidas, esta dissertação procurou oferecer contribuições acerca de aplicação teórica, uma vez que se desenvolveram investigações com base na conjugação de aparatos teóricos e do comportamento polifuncional de *ir* em diferentes tipos e gêneros textuais. Acredita-se, também, que este trabalho possa colaborar para questões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa para Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio). Assim sendo, as contribuições alcançam três níveis: (a) teórico-metodológico, (b) descritivo e (b) pedagógico.

Em nível teórico-metodológico, nesta pesquisa, articularam-se, proficuamente, arcabouços teórico-metodológicos de enfoques diferentes, para dar conta do comportamento polifuncional de *ir*. Essa articulação de pressupostos teórico-metodológicos, que se mostrou compatível nesta dissertação, consiste, basicamente, na Teoria da Gramática Funcional do Discurso, corrente de orientação holandesa cujo precursor é o lingüista Simon Dik, vinculada aos pressupostos sobre gramaticalização, especialmente àqueles advindos da Escola Norte-Americana.

Em nível descritivo, a pesquisa revelou a flexibilidade sintático-semântica e discursiva dos usos do item lingüístico *ir*. A descrição qualitativa demonstrou os

contextos em que esse elemento pode apresentar características lexicais básicas e características mais instrumentais, funcionando como um “suporte”, nos empregos como verbo copulativo e semi-auxiliar, para marcas morfológicas de tempo, modo, pessoa e aspecto. Não se deve perder de vista que se determinou, também, a eficácia de *ir* para servir de instrumento discursivo pragmático, uma vez que tal item contribui para aspectos de progressão textual e para marcar foco de uma predicação.

Sua maleabilidade semântica, também, foi comprovada, de modo que seus sentidos variaram bastante em cada função trabalhada. Como verbo copulativo, resgatou-se pouco conteúdo semântico que suscitasse a noção de “movimento”; como verbo semi-auxiliar, percebeu-se, mais expressivamente, a idéia de “movimento pelo tempo”, embora, em alguns casos, houvesse certa ambigüidade entre verbo predicador pleno e verbo semi-auxiliar; e como instrumento discursivo-pragmático, pôde-se, também, apurar dados em que o significado básico de “movimento concreto”, configurando-se, assim, como uma predicação coordenada a outra forma verbal (*A Maria foi [à escola] e estudou*).

No que tange ao comportamento lexical básico, a pesquisa demonstrou sua natureza semântica concreta cuja função é a de expressar “um movimento de um agente controlador até um destino”. Sua sintaxe lexical prototípica caracteriza-se por exigir um argumento interno, com a função semântica de direção, um argumento interno *default*, com função semântica de origem, e um argumento externo, com a função semântica de sujeito.

Em determinados empregos como verbo predicador, detectaram-se extensões de sentidos da predicação básica de *ir*. Uma em que se captou a expansão do item *ir*, de modo a se tornar equivalente semanticamente a outro predicador. E outra em que, da união entre *ir* mais o argumento interno, infere-se um sentido global. Nesse caso averiguou-se a existência de uma unidade compósita, que alguns dicionaristas como Houaiss & Villar (2001) e Michaelis (1998).

Na qualidade de verbo semi-auxiliar, tanto nas construções com infinitivo, como nas como gerúndio, as análises estabelecidas determinaram o caráter semi-gramatical de *ir*, já que esse item verbal não correspondeu a todas as características que fazem, de um verbo, auxiliar. Sua categorização híbrida comprova que o

processo de mudança pelo qual passa esse emprego ainda está em andamento e que, a depender do contexto discursivo-pragmático em que se encontra, esse elemento verbal adquire propriedades que o enquadram em graus distintos de gramaticalização.

Funcionando como instrumento discursivo-pragmático, constatou-se que *ir* atua no domínio textual, colaborando para a progressão de idéias, especialmente em textos orais narrativos, e no domínio da pragmática, em que sinaliza focalidade. Observe-se que esses domínios pertencem a um mesmo nível de análise, o discursivo-pragmático, que é o plano da construção/interpretação dos sentidos.

Nesta pesquisa, empreendeu-se um tratamento quantitativo, com base na distribuição dessas extensões de uso e sentido no *corpus* e de aspectos relativos à caracterização de algumas delas. Com isso, pode-se apreender com que frequência o falante recorreu a cada uma, tendo em vista propriedades do *corpus* constituído e parâmetros considerados na caracterização de cada uma.

No que se refere aos empregos gramaticalizados de *ir*, verificou-se que cada uso participa de um *continuum* de gramaticalização diferente. Há, por sua vez, entre os extremos desses *continua* detectados, empregos de comportamento híbrido em graus diferentes de gramaticalização. Determinou-se, também, que as relações entre esses empregos instrumentalizados não são nítidas, entre si, mas somente entre os empregos semi-gramaticalizados e o núcleo conceptual básico – *ir* na condição de verbo predicador pleno.

Em termos pedagógicos, esta pesquisa proporciona o desenvolvimento e/ou aprimoramento de materiais em que se descreva o comportamento sintático-semântico e discursivo de *ir*. Julga-se como importante a apresentação para os alunos, a depender, evidentemente, do nível de escolaridade, de noções acerca da reação peculiar de verbos – diferenciados comportamentos – em função do contexto discursivo em que está atuando.

Uma questão que integra o programa de Língua Portuguesa em diversos níveis de escolaridade é o da conjugação verbal. Nesse assunto, os paradigmas de conjugação não contemplam os casos em que *ir* pode configurar uma estrutura designadora de futuro do presente (*vou brincar*), futuro do pretérito (*ia brincar*), pretérito perfeito (*fui brincar*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse brincar*) e

futuro do subjuntivo (*for brincar*). O que se sugere, com os resultados obtidos nesta dissertação, é a apresentação dos contextos discursivos em que tais construções são mais produtivas, de modo que os alunos percebam que questões como intenção comunicativa e expectativa de interpretação do destinatário são importantes para o uso dessas estruturas.

Com a descrição e as análises das construções em que *ir* constitui um instrumento discursivo, aproveita-se, para o ensino, a idéia de que determinados itens apresentam função que extrapolam o nível da estrutura e servem para enfatizar ou dramatizar outros elementos. Sublinha-se, ainda, a importância da situação comunicativa para o uso dessa construção.

Comparando-se a literatura consultada e as análises empreendidas, compreende-se que o tratamento do comportamento de *ir* existente nas obras pesquisadas oferece descrições dos seus usos, especialmente as lexicográficas; entretanto os aspectos de mudança são pouco debatidos pelos autores nessa revisão bibliográfica que serviu de base. Quando se trata de mudança, o foco das análises observadas em tais obras recai, em quase na totalidade dos casos, sobre o uso como verbo semi-auxiliar.

Alguns aspectos podem, ainda, ser revistos ou estudados para que se aprofunde a descrição da polifuncionalidade de *ir*.

- (1) Uma ampliação do *corpus* investigado, de modo a contemplar outras variedades da língua portuguesa e gêneros textuais diversos;
- (2) Uma pesquisa específica sobre o caráter multifuncional de perífrases com certos verbos de movimento (“*foi / saiu / veio / andou pesquisando*”; “*saiu / veio / passou / andou a pesquisar*”; “*vai / vem pesquisar*”);
- (3) Uma investigação acerca do fenômeno da lexicalização que parece atuar em certas construções com *ir* mais elemento não verbal;
- (4) Apresentação da possível interferência da preposição para o processo de gramaticalização de *ir*, pois, ao que parece, há diferenças sintático-semânticas entre as estruturas *ir a*, *ir em* e *ir para*;
- (5) Uma descrição de outros usos desse item verbal como expressões de tempo decorrido (não se encontrou dado algum dessa natureza no *corpus*

considerado) e expressões do tipo “vai que/de” viáveis e não registradas no acervo consultado (*É melhor eu estudar, porque vai que o professor dê prova / A honestidade vai de cada um*).

- (6) Um estudo dos empregos de *ir* como verbo copulativo e em unidades compósitas à luz da teoria da **Gramática das Construções**.

Por fim, salienta-se a contribuição desta pesquisa para o aprofundamento da descrição de propriedades estruturais, semânticas e discursivas de empregos do verbo *ir*, que se mostra, no Português do Brasil um item tão freqüentemente acionado no discurso e, semanticamente, um recurso a serviço de necessidades expressivas e comunicativas tão diversificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Textos teórico-metodológicos

1. ABRAÇADO, Jussara. (2001) **O princípio da adjacência e o grau de integração entre verbo e objeto**. *D.E.L.T.A.*, v. 17, 2: 323-336.
2. BECHARA, Evanildo. (2004) **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna.
3. _____ (2006) **Lições de português pela análise sintática**. Rio de Janeiro: Lucerna.
4. BORBA, Fransisco da S. (1996) **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática.
5. BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. (2008) **A gramaticalização do verbo *ir* e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, UFES, Vitória.
6. BYBEE, Joan. (2003) “Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency”. In: Joseph, Brian & Janda, Richard(eds). **A handbook of historical linguistics**. Blackweel.
7. CAMARA JR, J. Mattoso. (1970) **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes.
8. CARVALHO, José G. Herculano. (1974) **Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno lingüístico e a análise das línguas**. Coimbra: Atlântida.
9. CASTILHO, Ataliba T. de. (1997) “A gramaticalização”. In: **Estudos lingüísticos e literários**, 19: 25-64. Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFBA.
10. _____ (2003) “Reflexões sobre a teoria da gramaticalização: Contribuição ao debate sobre a teoria da gramaticalização no contexto do PHPB”. In: **Das brasilianische Portugiesisch: Perspektiven der geogenwärtigen Forschung**. Kolloquim in Münster vom.

11. COELHO, Sueli Maria. (2006) **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens *ter, haver, ser, estar e ir* na língua portuguesa.** Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
12. COSERIU, Eugenio. (1980) **Lições de Lingüística geral.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
13. CUNHA, Celso F. da. & CINTRA, Luís F. L. (1985) **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
14. CUNHA, Maria Angélica Furtado da., OLIVEIRA, Mariangela Rios de., MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). (2003) **Lingüística Funcional: Teoria e Prática.** Rio de Janeiro: DP&A Editora.
15. DIK, Simon C. (1981) **Gramática funcional.** Tradução da 1. ed., glossário de termos técnicos e introdução por Fernando Serrano Valverde e Leocadio Martín Mingorance. Madrid: Sociedad General Española de Librería. [1978]
16. _____ (1997) **Theory of Functional Grammar.** Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. 2 v.
17. ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. (2008) **Construções com *DAR* + *Sintagma Nominal*: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples.** Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
18. GIBBON, Adriana de O. (2000) **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação.** Dissertação (Mestrado em Lingüística) – CCE, UFSC, Florianópolis.
19. GIVÓN, Talmy. (1979) **On understanding grammar.** Nova York: Academic Press.
20. GONÇALVES, Sebastião Carlos L. (2003) **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no Português do Brasil.** Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
21. HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. (1991) **Grammaticalization. A Conceptual framework.** Chicago: The University of Chicago Press.
22. HEINE, Bernd (1993) **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization.** New York/Oxford: Oxford University Press.

23. _____ (2003) "Grammaticalization". In: JOSEPH, Brian D. e JANDA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell.
24. HOPPER, Paul J. (1991) "On some principles of grammaticization". In: TRAUGOTT, E.C. e HEINE, B (eds.) **Approaches to grammaticalization**, v: I. Philadelphia, John Benjamins Company, (p. 16-35).
25. JOHNEN, Thomas. (1999) "Da integração semântica de *ir* + infinitivo no sistema de verbos modais numa perspectiva de descrição semântica no âmbito de uma teoria de ação". Julho de 1999. Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/ail.html. Acesso em: 24 abr. 2007.
26. LABOV, William. (1994) **Principles of linguistic change**. 2v. Oxford: Blackwell.
27. LEHMANN, Christian. (1995) **Thoughts on Grammaticalization**. München, Newcastle: Lincon Europa.
28. _____ (2002) "New reflections on grammaticalization and lexicalization". Disponível em: http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/New_reflections.pdf. Acesso em: 12 jun. 2008.
29. LICHTENBERK, Frantisek. (1991). "Semantic change and heterosemy in grammaticalization". In: **Language**. Volume 67, Number 3.
30. LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. (1975) "Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade". In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro *et alii*. **Análises Lingüísticas**. Petrópolis: Vozes.
31. LUFT, Celso Pedro. (1974) **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Editora Globo.
32. MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. (2001) **Sintaxe e semântica de predicções com verbo *fazer***. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
33. _____ (2004) "Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade." In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. (orgs.) **Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas**. Rio de Janeiro: In-Fólio. p. 65-96.
34. MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria M. (orgs.). (1996) **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

35. MARTELOTTA, Mário Eduardo. (2004) "Operadores argumentativos e marcadores discursivos." In: VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura & MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
36. MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. (2003) **Gramática da língua portuguesa**. 5a ed. Lisboa: Caminho.
37. NEVES, Maria Helena de Moura. (1997) **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes.
38. _____ (2000) **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP.
39. NICHOLS, J. (1984). "Functional theories of grammar". **Annual Review of Anthropology**, 13: p. 97-117.
40. OLIVEIRA, Josane Moreira de. (2006) **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
41. PERES, João Andrade & MÓIA, Telmo. (1995) **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho.
42. PERINI, Mário A. (1995) **Gramática descritiva do português**. São Paulo, Ática.
43. PONTES, Eunice. (1973) **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Editora Vozes.
44. PUSTEJOVSKY, James. (1995) **The generative lexicon**. Londres, Massachusetts, Cambridge: The MIT Press.
45. ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. (2006) **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio.
46. RODRIGUES, Angélica T. C. (2006) ***Eu fui e fiz esta tese*: Construções do tipo *foi fez* no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
47. SALOMÃO, Maria Margarida M. (1997) "Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem." In: Veredas: revista de estudos lingüísticos, Juiz de Fora, vol.1, n.1, p. 23-39.

48. SANTOS, Josete Rocha dos. (2000) **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
49. SAUSSURE, Ferdinand de. (1977) **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix.
50. SILVA MENON, Odete P. da. (2003) “Perífrases com o verbo *ir*: variação e gramaticalização.” In: PUSCH, Clauss D. & WESCH, Andreas. (orgs.) **Verbalperipharsen in den (ibero-) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
51. TAVARES, Maria Alice. (2003). **A gramaticalização de *e, aí, daí e então*: Estratificação / variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese (Doutorado em Lingüística) – CCE, UFSC, Florianópolis.
52. TAYLOR, John R. (1995) **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2. ed. Oxford: Calderon Press. [1989]
53. TRAUGOTT, Elizabeth. & HEINE, Bernd. (1991) **Approaches to grammaticalization: Focus on theoretical and methodological issues**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, v.1.
54. TRAUGOTT, Elizabeth. (1995) **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Stanford: Stanford University.
55. _____ (2003) “Constructions in grammaticalization” In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell.
56. TRAUGOTT, Elizabeth & DASHER, Richard. (2005) **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press.
57. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1991) **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
58. _____ (2002) **Gramaticalização de verbos**. Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística. – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
59. _____ (2003) “Verbos gramaticais - Verbos em processo de gramaticalização” In: FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva; TRAVAGLIA, Luiz Carlos & MORAES FILHO, Waldenor Barros (orgs.).

Língua(gem): Reflexões e Perspectivas. Uberlândia: EDUFU. (Linguística IN FOCUS, 1), p. 97-157.

60. _____ (2004). "Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?". *Estudos Lingüísticos XXXIII*. Campinas, SP: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo / UNICAMP, 2004: 01- 06 (Revista Publicada em CD-ROM – ISSN: 1413 0939). Artigos indexados no LLBA (Linguistic and Language Behavior Abstracts) e no MLA (Modern Language Association).
61. VALLE, Carla Regina Martins. (2001) *Sabe?, não tem?, entende?. itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – CCE, UFSC, Florianópolis.
62. VILELA, Mário. (1991) *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.
63. _____ (1999) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
64. WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. (2006) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial. A Symposium (em 1966) editado por LEHMANN, W.P. & MALKIEL, Yakov. *Directions for Historical Linguistics*. Austin-London: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

2. Dicionários

1. BORBA, Francisco da S., (coord.) (1990) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP.
2. FERNANDES, Francisco. (1963) *Dicionário de verbos e regimes*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo.
3. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. (2004) *O dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo.
4. HOUAISS, Antônio. & VILLAR, Mauro de S. (2002) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
5. LUFT, Celso P. (1999) *Dicionário prático de regência verbal*. 7. ed. São Paulo: Ática.

6. MICHAELIS (1998) **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos. p. 943-944.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)